

OS ALIGER DOS SANTOS PEREIRA
CROATAS?...

PRESENTES!



EDUFBA

Este *e-book* mapeia, com o uso do geoprocessamento e da estatística, a população empreendedora de imigrantes croatas (da então Iugoslávia) na capital paulista (Brasil), desde as últimas décadas do século XIX até a década de 1950. Constata-se que a concentração (*cluster*) dessa população existiu principalmente nos seguintes bairros: Mooca, Belenzinho, Sé e República. Nos bairros da Mooca e do Belenzinho, prevaleceu a população operária, que na Croácia, em grande maioria, era de trabalhadores do campo de pequenas propriedades. Já na Sé e na República se estabeleceu a população empreendedora croata de pequenos empresários, que investiram dinheiro no Brasil em áreas relacionadas com: estética e beleza, música e arte, alimentação e bebida, moda, saúde, indústria, importação e exportação, e turismo. Esses tinham nível técnico ou superior e poder aquisitivo maior do que a população dos bairros da Mooca e do Belenzinho, o que se resultou em uma ocupação territorial e geográfica diferente. Ambos os empreendedores que se estabeleceram na cidade de São Paulo maciçamente nos anos 1920 e 1930 – devido às diversas dificuldades de ordem social, econômica ou política na Croácia – promoveram troca de conhecimento com a população croata já existente no país. Inovaram e trabalharam os quatro capitais empreendedores: o social, cultural, o econômico e o capital simbólico.

OS
CROATAS?...
PRESENTES!

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El-Hani

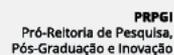
Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

APOIO:



OS ALIGER DOS SANTOS PEREIRA
CROATAS?...
PRESENTES!

Salvador
Edufba
2022

2022, Aliger dos Santos Pereira.
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

<i>Coordenação editorial</i>	<i>Revisão</i>	
Susane Santos Barros	Clara Soares Morais de Souza	
<i>Coordenação de produção</i>	<i>Normalização</i>	
Gabriela Nascimento	Raquel Matos de Aguiar	
<i>Coordenação gráfica</i>	<i>Capa e projeto gráfico</i>	<i>Imagem de capa</i>
Edson Sales	Gabriel Cayres	Freepik.com

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

P436 Pereira, Aliger dos Santos

Os croatas...? presentes! / Aliger dos Santos Pereira. - Salvador: EDUFBA, 2022.
E-book (101 p.) :il. ; PDF (7.9 Mb).

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35114>

ISBN: 978-65-5630-306-2

1. Imigrantes – Croácia – Brasil - História. 2. Migração de nações – Croácia – Brasil – História. I. Título: presentes!.

CDU – 940-054.7

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

Editora afiliada à



EDITORA DA UFBA

Rua Barão de Jeremoabo s/n – Campus de Ondina
40170-115 – Salvador – Bahia Tel.: +55 71 3283-6164
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

AGRADECIMENTOS

Tudo começou quando achei em uma gaveta, junto com fotos antigas, o documento de casamento dos meus avós, o qual relatava que meu avô – Mijo Mihelle Ricl – nasceu em Teodorovac na ex-Iugoslávia, que atualmente, em 2020, integra a Croácia.

Então, busquei informações sobre a origem croata do meu avô em várias redes sociais relacionadas à Croácia. Entretanto, apenas a Sociedade Amigos da Dalmácia (SADA), juntamente com Katia Gavranich Camargo e Milan Puh, responderam as minhas dúvidas e indagações no período. Por isso, os meus primeiros agradecimentos vão para a SADA e para essas pessoas, que foram super acolhedoras e receptivas comigo nesse primeiro contato para compreensão da minha história familiar e da minha identidade. Nesse momento, eles passaram todos os seus conhecimentos sobre esse povo e também sobre a minha origem. Tais informações foram importantes para a elaboração deste livro, sem elas esta obra não seria escrita.

Também gostaria de agradecer ao apoio financeiro da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPGI); aos programas de pós-graduação – o Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento (PPGDC) do Instituto Federal da Bahia (IFBA) e o mestrado

em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (Profnit), com ponto focal no IFBA –; e ao apoio da SADA.

Assim, este livro é mais do que um caminho para conhecimento acadêmico, é também um direcionamento para minha formação pessoal e familiar, pois quem conhece sua história compreende melhor sua identidade e sua cultura, e assim terá maiores referências para a construção de projetos futuros.

Gostaria de agradecer também à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), especificamente ao Departamento de Ciências Humanas (DCH-1), e ao curso de Administração – no qual tenho o grupo de pesquisa Modelos e Estruturas Organizacionais a Nível Territorial para Ações Sustentáveis (Metas) –, assim como ao IFBA, *campus* Camaçari.

Dessa forma, acredito que na vida o acaso pode até existir, mas, através de um esforço conjunto, é possível construir e compreender vários relatos de vida e identidades culturais. A minha com certeza faz parte dessa história, já que tive a oportunidade de colaborar com o povo da ex-Iugoslávia, que hoje constitui a Croácia.

Dedico à minha família, que constitui a minha maior história, vida e identidade como ser. Ao meu filho Miguel, ao meu marido Fabiano, ao meu pai Geraldo, à minha mãe (in memoriam), ao meu irmão Bruno, a Juliana, Alice e Edna; aos meus avôs – onde tudo começou com algumas fotos antigas na gaveta, especificamente Mijo Mihelle Ricl (in memoriam) –; aos croatas e aos seus descendentes; e a todos os que se sentem croatas.

SÚMARIO

- 11 **Prefácio – Onde estão os croatas?**
- 15 **Apresentação**
- 18 **Considerações iniciais sobre os imigrantes croatas no Brasil**
- 29 **Presença dos imigrantes croatas em São Paulo (Brasil)**
Cluster da população croata em São Paulo
- 40 **Presença croata nos bairros da Mooca e do Belenzinho**
Cluster da população croata nos bairros da Mooca e do Belenzinho: breve histórico
- 67 **Presença croata nos bairros da Sé e da República**
Cluster dos empreendimentos da população croata nos Bairros da Sé e da República: breve histórico
- 78 **Presença dos empreendimentos e das residências dos imigrantes croatas no ano de 2020**
Cluster da localização dos empreendimentos e das residências croatas no ano de 2020
- 86 **Considerações finais sobre os imigrantes croatas no Brasil**
- 95 **Referências**

PREFÁCIO

ONDE ESTÃO OS CROATAS?

11

Os croatas estão no Brasil desde as décadas finais do século XIX, mas sua história começa a ser evidenciada somente agora, passados pouco mais de 100 anos. Isso chega a ser, até certo ponto, surpreendente, pois esses imigrantes trouxeram muitas contribuições para o Brasil, desde o mapeamento de rincões desconhecidos do interior do país (pelos irmãos Seljan) até contribuições para o *design* nacional com Alexandre Wollner, cujo pai (Milan Wollner, croata de Osijek) foi o responsável pela publicação do *Hrvatski List*, o primeiro jornal da comunidade croata do Brasil.

As razões para a invisibilização dessa comunidade durante tanto tempo são muitas e têm sido alvo de vários estudos. A mais óbvia é a de que o país de origem desses imigrantes mudou muitas vezes de nome e de regime político. Primeiramente, esses imigrantes vieram com passaportes do Império Austro-Húngaro, depois como iugoslavos, até como apátridas, e só no final do século XX foram reconhecidos, definitivamente, como croatas. Outra

razão é a de que, aqui chegando, com o objetivo de facilitar sua integração, eles falavam o idioma italiano, confundindo-se com a numerosa comunidade italiana, estabelecida há mais tempo no país.

A história dessa peculiar comunidade eslava começou a ser efetivamente contada em fins do século XX. A primeira pesquisa acadêmica de que se tem notícia é a tese de doutorado *A imigração iugoslava*, apresentada na Universidade de São Paulo (USP), em 1987, por Norma Marinovic Doro. Já como croatas, temos o projeto “Memória Dálmata” – sob minha coordenação, desde 2014 e com o apoio da Sociedade Amigos da Dalmácia (SADA) –, cujo objetivo foi recolher documentação, fotos e depoimentos referentes à imigração croata para o Brasil, disponibilizando-os através da internet. Temos também publicação da extensa pesquisa sobre a imigração realizada por Milan Puh e publicada em quatro volumes – com o apoio da Croatia Sacra Paulistana e do Escritório Especial dos Croatas Residentes Fora da Croácia. E, finalmente, com a única publicação em português sobre gastronomia croata, temos o livro, de minha autoria, *Croácia: cozinha e memória dálmata*, uma carinhosa homenagem à comunidade através das histórias e comidas das avós, as *babas*.

A descoberta dessas e de muitas outras contribuições só foi possível após o empenho de pesquisadores e associações dedicados a evidenciar a presença desses imigrantes em terras brasileiras. Aliger dos Santos Pereira, cujo avô croata era apaixonado pelo Brasil, vem nos trazer mais luz sobre a presença croata entre nós através deste primoroso livro, que traz uma abordagem inovadora e inédita sobre o tema.

Em nosso primeiro contato, Aliger estava ávida por saber mais sobre suas raízes. Seu avô chegou ao Brasil no período entre guerras, o mesmo período da chegada dos meus avós, que vieram, em 1925, com um grande contingente de croatas oriundos de duas aldeias de uma ilha da Dalmácia. O avô de Aliger veio sozinho pouco antes ou depois.

Segundo Milan Puh, é possível destacar três grandes ondas de imigração croata para o Brasil. Ainda que nossos antepassados tenham vindo em uma mesma onda migratória, os períodos foram diferentes e as trajetórias distintas. Meus avós foram para as fazendas de café no interior do estado de São Paulo; o avô de Aliger, para a Bahia. Após a crise do café de 1930, os dálmatas foram para São Paulo – capital – para trabalhar nas indústrias têxteis, que estavam em plena ascensão. Com a chegada em massa desses imigrantes e

muitos outros provenientes do Leste Europeu, a Mooca foi deixando de ser apenas um bairro de italianos, embora a narrativa predominante ainda fosse essa. É legítimo cogitar que por trás de cada tijolo assentado na construção das pizzarias italianas da Mooca estavam mãos croatas, já que essa comunidade também era exímia operária da construção civil. Muitos anos depois, esta obra de Aliger chega para evidenciar o trabalho e o empreendedorismo dessas comunidades imigrantes.

Após uma breve pesquisa documental, de fotos e algumas conversas, descobrimos que o avô de Aliger era da Eslavônia – jamais confundir com Eslovênia ou Eslováquia! –, região continental do leste da Croácia, com costumes e hábitos diferentes dos meus avós dálmatas do litoral. Trocamos muitas impressões sobre o tema e nos deliciamos com as descobertas. Da primeira conversa em diante, percebemos que estava se estabelecendo uma conexão forte entre nós. Uma característica que une os croatas na diáspora é a busca de suas raízes e de suas histórias. De onde vieram? Por que vieram? O que fizeram? Como viveram? São perguntas frequentes em todas as rodas (e redes sociais) de croatas e descendentes.

Integrar-se ao novo país sem perder as conexões identitárias com os companheiros de jornada é o desejo de quase todo imigrante. Assim também eram os croatas de São Paulo, que transformaram os bairros do Belenzinho e da Mooca em duas aldeias croatas. Nesses bairros eles moraram, trabalharam e, em seus momentos de lazer e de religiosidade, também buscaram estar juntos, fosse nos casamentos e batizados realizados na Igreja São José do Belém ou nos enterros e sepultamentos no cemitério do Brás, mais conhecido como Quarta Parada – sem sombra de dúvida, o cemitério mais croata do Brasil. Organizaram também um time de futebol, o Dalmácia Esporte Clube, que chegou a ser registrado em 1930 na Federação Paulista de Futebol, e participaram do carnaval paulistano de 1942 com o bloco Turma DAMor de 1942.

Foram esses imigrantes que, sempre em regime de mutirão, construíram suas casas com as próprias mãos e também fundaram e ergueram a sua querida “sede”, a Sociedade Amigos da Iugoslávia, que a partir da década de 1990 passou a se chamar Sociedade Amigos da Dalmácia, em homenagem ao local de origem da maioria dos seus fundadores e também uma das mais belas regiões da Croácia.

Já o avô de Aliger, um croata de espírito desbravador e empreendedor, partiu rumo aos sertões da Bahia. Lá se apaixonou pela comida, pelo clima e pelo povo baiano. Participou da construção de empresas e indústrias em Cruz das Almas e São Félix no final da década de 1930 e durante a década de 1940. Casou-se com uma legítima mulher da terra, teve filhos e netos, deixando como legado a eterna curiosidade pela vida, pelas coisas e pelas pessoas.

Esses imigrantes jamais poderiam imaginar que em pleno século XXI suas histórias de vida seriam foco de estudos que buscam entender o intrincado fenômeno dos grandes deslocamentos humanos e de sua fixação em novas terras.

O trabalho de Aliger vem contribuir, sob uma nova ótica, com os estudos sobre a presença de croatas no Brasil, utilizando ferramentas inovadoras de geoprocessamento, analisando os dados através do conceito do empreendedorismo étnico e dando mais pistas dos motivos do agrupamento dos croatas em determinadas regiões – será uma “realdeização”? – ou do seu espalhamento.

Através deste estudo, poderemos lançar luz sobre o passado, entender o presente e traçar metas para o futuro, buscando a integração – principal objetivo dos imigrantes –, mas desta vez mantendo a pluralidade de sua identidade e de sua cultura. Que este livro seja o começo de um longo caminho rumo a um maior entendimento do papel dos croatas na sociedade brasileira.

Katia Gavranich Camargo

APRESENTAÇÃO

Quando recebi o livro da Aliger dos Santos Pereira, autora desta publicação, para fazer a leitura inicial e elaborar uma apresentação, ao mesmo tempo foi uma surpresa agradável e uma confirmação de uma preocupação crescente no meu trabalho como pesquisador da imigração croata no Brasil e como professor que há quase dez anos leciona língua, cultura e história croata nas escolas das sociedades croatas em São Paulo. Uma surpresa, porque essa estudiosa – descendente de croatas que vêm de uma região que “tradicionalmente” não é considerada como um polo de imigração – conseguiu produzir um livro extremamente relevante e inovador para com a nossa comunidade na capital paulista, que conta com aproximadamente 80 mil pessoas.

Percebe-se que o texto e a análise – que ela nos fornece sobre os inícios do estabelecimento dos croatas na cidade, entre 1900 e 1940 – foram produzidos a partir de uma metodologia bastante elaborada e que conseguiu lançar um novo olhar sobre o que se sabe sobre esse grupo étnico. É surpreendente ver que uma pesquisa que vem predominantemente das ciências sociais aplicadas conseguiu também se articular com a área de ciências humanas, integrando conhecimentos históricos e culturais relevantes e necessários para a constituição de um resultado que apresenta bons dados interdisciplinares. Portanto, o leitor desta obra terá a possibilidade de conhecer uma

comunidade de imigrantes por um viés inédito na área de estudos étnicos e migratórios e de se familiarizar com um modo de estudo inédito.

Nesse sentido, a grande contribuição da estudiosa dá-se no campo do redirecionamento dos estudos sobre (i)migração e etnicidades para a área do empreendedorismo, sem cair em um reducionismo que instrumentaliza a cultura em prol de questões econômicas, dissociando-as do cotidiano e da história desses grupos. E aqui se efetiva a preocupação recente que vem surgindo na comunidade croata, a qual – em um ano entre junho de 2019 e junho de 2020 – viu surgirem duas propostas voltadas para o mundo dos negócios e do empreendedorismo. A primeira se refere à criação da Rede Croata do Brasil, que procura aproximar – na atualidade – os trabalhadores autônomos, os pequenos empreendedores e os agentes culturais e institucionais com vínculo à Croácia; e a segunda se trata do Grupo de Estudos em Negócios Brasil-Croácia, que se propõe a superar os obstáculos existentes nas relações bilaterais comerciais entre os dois países, visando auxiliar os interessados nessa área. A obra apresentada por Aliger ajuda a estruturar e afirmar essa supostamente nova proposta da comunidade, que busca pensar outras possibilidades de se afirmar e de se conectar, indo além do folclore, da cultura e de outros assuntos mais “tradicionais”.

Assim, este livro, originalmente intitulado *Os croatas em São Paulo: constituição de uma etnia empreendedora entre 1900 e 1940*, traz informações sobre uma característica que se estabeleceu entre os croatas brasileiros e que esteve presente desde os seus inícios – a de empreender. Os imigrantes, que vinham predominantemente para serem agricultores e para receberem terras no Brasil, em um período curto conseguiram se transformar em trabalhadores urbanos proletários e, em um terceiro momento, começaram a se afirmar como pequenos empresários ou autônomos. Junto com essa transformação, surgiu um número razoável de organizações empresariais: cooperativas, associações e afins, que deram seu apoio no processo de transformação desse perfil. Esse é um fato evidenciado individualmente pelas famílias croatas e seus descendentes em seus históricos e comunitariamente pelos documentos preservados em arquivos brasileiros e croatas, que inicialmente foram reunidos nos projetos de pesquisa “Memória Dálmata” e “História da Croácia e da imigração croata em São Paulo”. E agora esta publicação traz uma confirmação e uma explanação científica desse fenômeno, que ajuda a expor a

história dos imigrantes croatas como constitutiva da história da cidade de São Paulo e a recolocar o assunto no horizonte contemporâneo. É significativo ver que as pesquisas iniciais receberam novos desdobramentos, em que o georreferenciamento e a cartografia – aliados a uma análise pormenorizada dos agrupamentos empresariais dos primeiros 40 anos do século XX – trazem contribuições importantes que poderão ser utilizadas em outros locais por outros grupos étnico-raciais. Trata-se de um estudo que aproveita as possibilidades tecnológicas para auxiliar o processo de reunião de dados que, por sua vez, permite que criemos sentido e possibilidade de projeção e planejamento futuros.

Por conta desses elementos e de muitos outros componentes específicos que poderão ser descobertos ao ler este livro, este título chama para nos debruçarmos sobre ele, abrindo os nossos horizontes, e incorpora novas interpretações do que um trabalho coletivo, comunitário e solidário pode trazer ao mundo empresarial e principalmente ao ser humano como produtor de conhecimento. Que esta obra sirva como inspiração para outras pesquisas que podem vir a evidenciar outras histórias nas cidades e nas regiões brasileiras, que são sempre múltiplas, mas também tensionadas e invisibilizadas. Acredito que podemos nos beneficiar pela diversidade das nossas histórias e de tudo aquilo que nos aproxima, bem como distancia nas trajetórias individuais e coletivas.

Milan Puh¹
*Docente da Universidade de São Paulo (USP)
e professor de língua e cultura croata
pelas sociedades Amigos da Dalmácia
e Croatia Sacra Paulistana*

1 Um resumo expandido desta publicação foi traduzido para croata pelo professor Milan Puh e está disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35114>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS IMIGRANTES CROATAS NO BRASIL

Na contemporaneidade, reconhece-se que as relações étnico-raciais permeiam intensa e amplamente a sociedade brasileira, sendo essa percepção respaldada pelos estudos científicos e pelas políticas públicas. De modo geral, discute-se acerca dos processos históricos da constituição nacional do Brasil desde o século XIX e o começo do processo de emancipação política do poder colonial português, recebendo, na atualidade, estudos que aprofundam e que questionam as imagens e o senso comum sobre a presença de diferentes etnias e raças no território brasileiro. Muitos estudos, a partir dos anos 2000, enfocam aspectos positivos e negativos vinculados ao que se chama de multiculturalismo e à diversidade, uma vez que fica evidente que as sociedades como a brasileira nunca foram homogêneas e que as comunidades que compõem esses mosaicos são inúmeras, apesar

de pouco estudadas. Uma tal comunidade é a dos croatas, pouco conhecida embora com uma longa história de presença e com uma vitalidade forte, mantida ainda hoje, especialmente em São Paulo, que é considerada como a capital croata no Brasil, com aproximadamente 80 mil imigrantes e descendentes no ano de 2020.

Esse grupo de pessoas de origem eslava começa a aportar em grandes números após a abolição da escravatura e integra o tecido da maior cidade do país, apesar de sua aparente invisibilidade. Sua presença é atestada por diversas edificações: igrejas, praças, casas, clubes, escolas etc., bem como pelas suas atividades culturais que tomam lugar no Brasil oficialmente a partir de 1903, quando a primeira instituição é criada pelos imigrantes croatas – Conjunto Musical de Tamburica Iugoslavo. Estudiosos como Doro Marinović (1987), Talan (1998) e Puh (2015, 2017, 2018a, 2019) abordaram o histórico da comunidade, identificando as complexas relações étnicas que afetaram a sua existência na nova pátria. O último autor mencionado propõe uma divisão dessa imigração em três fases – até 1918, entre 1918 e 1941 e após 1941 –, de acordo com a incorporação da Croácia em três diferentes regimes políticos: Reino da Iugoslávia, Império Austro-Húngaro e República Socialista da Iugoslávia, devido às grandes modificações estruturais que sua instauração provocava.

O Quadro 1 mostra de forma sintética essas modificações através das cinco “Uniãos” sofridas pelo país no decorrer de sua história até os dias atuais com seus respectivos períodos e regimes políticos. Essas transformações, que são objeto deste estudo, foram essenciais para que a Croácia promovesse as imigrações para o Brasil, principalmente entre a segunda e a terceira União, até se tornar um país multicultural e inserido na União Europeia a partir do ano de 2013. A primeira União correspondeu à união pessoal entre Hungria e Croácia; a segunda União foi uma aliança que levou à união pessoal com a família Habsburgo, que representava, grosso modo, a Áustria e seus domínios; a terceira União correspondeu ao Reino da Iugoslávia ou à primeira Iugoslávia; a quarta União teve início após a queda do chamado Estado Independente Croata na Segunda Guerra Mundial, período de formação da Iugoslávia socialista ou a segunda Iugoslávia; já a quinta União correspondeu à inserção da Croácia na União Europeia.

A partir das cinco Uniões, presentes no Quadro 1, percebe-se que o território da atual Croácia teve quatro nomes no decorrer da sua história. Durante a segunda União (Quadro 1) houve duas denominações: Império Austríaco ou Império dos Habsburgos, entre os anos de 1527 e 1867, e Império Austro-Húngaro, entre os anos de 1867 e 1918, como uma espécie de acordo entre as duas principais potências Áustria e Hungria. Já o nome Iugoslávia foi adotado a partir de 1918. Entretanto, é bom enfatizar que teve a primeira Iugoslávia (terceira União – Quadro1) e a segunda Iugoslávia (quarta União – Quadro1), correspondendo a períodos distintos da história desse país, que foi conhecido como Croácia a partir das modificações para fazer parte da União Europeia (quinta União – Quadro 1).

20

Quadro 1 – As cinco Uniões históricas da Croácia de forma sintética

Uniões	Breve descrição do período
1 ^a	Nesta primeira parte, ocorreram duas Uniões: a primeira com a Hungria, entre os anos de 1102 e 1526, e depois houve uma aliança com a Áustria, com o objetivo de lutar contra os turcos entre os séculos XV e XVIII. Nessa aliança, cada país tinha seu próprio rei.
2 ^a	Houve a União Oficial com a Áustria entre os anos de 1527 e 1918. Nessa União, a Croácia fazia parte do Império Austro-Húngaro (regime monárquico). Por volta do ano de 1914, o Império Austro-Húngaro – constituído dos países eslavos Croácia, Eslovênia, Bósnia, Áustria e Hungria – estava inserido dentro da Tríplice Aliança com Alemanha e Itália. Assim como o povo germânico gostaria de fazer uma grande nação, os eslavos também gostariam. O ponto importante para o início da Primeira Guerra Mundial foi o assassinato do arquiduque da Áustria-Hungria, Francisco Ferdinando, em uma viagem para Sarajevo, por um revolucionário nacionalista sérvio do grupo radical Mão Negra, que era contra a influência do Império Austro-Húngaro na região dos Balcãs, um dos motivos pelos quais a Áustria e a Hungria não fizeram parte da futura Iugoslávia.

3 ^a	<p>Correspondeu à União Oficial da Iugoslávia que ocorreu entre os anos de 1918 e 1941. O regime do período foi a monarquia e houve a denominação de primeira Iugoslávia. Essa União ocorreu por volta do ano de 1918 com o fim da Primeira Guerra Mundial e a vitória da Tríplice Entente sobre a Tríplice Aliança. Então, a Croácia fez um acordo com a Sérvia e surgiu o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, com a presença de seis países unidos (Eslovênia, Croácia, Bósnia, Montenegro, Sérvia e Macedônia), correspondendo ao período da primeira Iugoslávia, que tinha um regime monárquico governado por Pedro I, de origem servia, até sua morte em 1921, quando seu filho Alexandre I ocupou seu cargo e adotou um regime monárquico unitário, o que promoveu resistência entre os outros cinco países da União. Foi feita uma assembleia para diminuir essa resistência, entretanto um deputado de Montenegro atirou contra cinco líderes croatas, dois morreram no local e um dos líderes morreu meses depois. Esse fato causou desconforto na União. Na busca de solucionar o problema, no ano de 1929, o rei Alexandre I decidiu modificar a constituição e impor uma ditadura, modificando o nome de Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos para Reino da Iugoslávia, nome politicamente correto, pois não enaltecia nenhum país, uma vez que o nome “Iugo” significa sul e “Slávia” quer dizer povos dos eslavos. Em 1934, o rei Alexandre I vai até Marselha, na França, e é assassinado por um revolucionário que ele mesmo tinha extraditado e exilado cinco anos antes. Seu filho, por ser de menor, não pôde ocupar o seu cargo, o qual foi para seu primo Paulo, que apesar de ser mais liberal não tinha muito preparo político e acabou assinando um pacto com Hitler. Ao fazer isso, Paulo foi expulso pelos sérvios da Iugoslávia. Assim, um grupo fascista de croatas chamado Ustaše, aproveitando dessa fragilidade com a qual estava o país, dominou a capital da Croácia (Zagreb) e Hitler entrou na Iugoslávia e passou a dividir todo o espaço desse país. A Itália ficou com Mussolini, a Alemanha com Hitler e criou-se o Estado Independente da Croácia, dominado pelos Ustaše e apoiadores de Hitler, iniciando assim a Segunda Guerra Mundial. Paralelamente, na Iugoslávia, criaram-se dois grupos de resistência que batalharam por aproximadamente quatro anos: o primeiro foi o dos sérvios nacionalistas, que queriam criar uma grande Sérvia, e o segundo era formado por iugoslavos que queriam expulsar Hitler e os nazistas da Iugoslávia e que tinham como líder Josip Broz Tito. Quando esses receberam apoio da Rússia e do Reino Unido, conseguiram vencer Hitler, os Ustaše e o grupo dos sérvios nacionalistas, finalizando a Segunda Guerra Mundial na Iugoslávia e sendo o fim da primeira fase da Iugoslávia.</p>
----------------	---

4 ^a	É definida como a época da segunda Iugoslávia. Ocorreu entre os anos de 1945 e 1991 com o regime socialista e foi iniciada por Josip Broz Tito, que nasceu na Croácia. Nessa etapa da União houve um socialismo mais leve denominado titoísmo, que era um regime socialista diferente da antiga União Soviética, o que irritava Stalin. O titoísmo tinha seus próprios atributos, dentre os quais pode-se destacar que: tinha uma autogestão com corporativismo, havia trabalhadores ganhando parte dos lucros da empresa, combinava economia estatizada e liberdade civil, buscava justiça social com certo grau de democracia, mantinha a harmonia e a paz entre os seis países através do lema “fraternidade e unidade” e defendia o estado laico, mas com defesa dos cultos. Tito faleceu em 1980 e o cargo ficou rotativo a cada um ano entre os seis países. Devido à rotatividade, começou a surgir em cada país o anseio de liberdade. Em 1989, o cargo de rotatividade foi para Sérvia, que iniciou um discurso com características voltadas para o nacionalismo sérvio e não em prol à Iugoslávia, causando um desconforto e insegurança entre os seis países. Diante desse fato, os países resolveram fazer um referendo no ano de 1990 e posteriormente houve eleições. Os países que decidiram continuar como Iugoslávia foram a Sérvia e o Montenegro. Os outros passaram a eleger os seus presidentes e declararam independência. Os dois países que decidiram ficar como Iugoslávia perderam economicamente e geograficamente e iniciaram a guerra denominada de Dissolução da Iugoslávia ou da Bósnia (1991-1995), que finalizou com a intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) e dos Estados Unidos. A partir de 2006, todos os seis países já estavam independentes.
5 ^a	A Croácia se inseriu à União Europeia no ano de 2013 e continua até os dias atuais. Corresponde a um regime parlamentarista.

Fonte: adaptado de Puh (2015, 2017, 2018a, 2018b, 2019).

Os dados utilizados para a nossa análise neste trabalho são resultados de dois projetos de pesquisa: “Memória Dálmata”, sob coordenação da Katia Gavranich Camargo, e “História da Croácia e da imigração croata no Brasil”, sob coordenação do Milan Puh, cujo objetivo era reunir dados e materiais informativos sobre a comunidade croata no Brasil e em São Paulo. Nesse sentido, a nossa pesquisa é um desdobramento desses projetos, no sentido de aproveitar a coleta de dados e a sua organização inicial em um mapeamento digital disponível ao público geral, feito por Alex Franulović e Kelly Yaeko.

Queremos destacar que a contribuição desta pesquisa também se dá na continuidade da reflexão sobre os modos de tornar grupos étnicos marginalizados mais visíveis, empreendendo esforços para criação de métodos que ajudarão no processo de desocultamento da presença croata, tal como propõem Puh (2020) e Camargo e Puh (2020). Os autores exploram as causas

da invisibilidade desse grupo étnico e propõem algumas possibilidades que visam desocultar o patrimônio que eles criaram na nova pátria. Para propor modos de tratar esse tipo de patrimônio, que para nós representa uma possibilidade de criação de sentido através de agrupamentos que chamamos de *cluster* (aglomeração), a serem posteriormente elaborados. Nós partimos dos seus argumentos de que o patrimônio croata em São Paulo seja:

- a) múltiplo em sua tipologia (i)material e na identificação étnica e nacional;
- b) concomitante e dissociado na sua existência e atuação ideológica;
- c) sequencial e descontínuo na recriação da herança cultural;
- d) desconexo na sua relação com o discurso pré-existente, insistindo no “marco-zero”;
- e) desigual e minorizado com relação às demais comunidades de imigrantes.

Acreditamos que articulações entre diferentes áreas de conhecimento podem ser uma ferramenta capaz de oferecer novos modos de solucionar as questões de invisibilidade de grupos minoritários no Brasil.

No que se refere ao marco temporal desta publicação, são enfatizadas as duas primeiras fases, que abarcam o período entre 1900 e 1940, período em que a comunidade quase exclusivamente dependia da sua capacidade de organização, normalmente incorporada na definição “austriaca” ou “austro-húngara” e, depois de 1918, como iugoslava. Nas linhas a seguir, faremos as considerações iniciais ao tema, contextualizando o escopo e a justificativa da nossa pesquisa e o ineditismo deste livro no que se refere aos estudos croatas e étnicos de modo geral. É importante destacar que, pela natureza dos nossos dados da pesquisa, o período mencionado não é trazido de modo estanque para esta publicação, uma vez que alguns estabelecimentos e acontecimentos que são levantados aqui remetem tanto para um momento anterior ao século XX quanto posterior ao ano de 1940, mas que não ultrapassam a década de 1950. Por se tratar de um estudo que trabalha com os processos de estabelecimento e de modificação que ocorreram no seio de uma comunidade imigrante na cidade de São Paulo, é impossível não trazer pontualmente informações e dados que ajudam a entender esse período, que para

nós é significativo, como o momento de estabelecimento dos croatas em São Paulo ou a sua transição do perfil agrícola e rural para o urbano e empresarial.

Os croatas que chegaram no Brasil entre os anos de 1880 e 1910 vinham de uma estrutura social com atributos feudalistas e de servidão, que permaneceu no Leste Europeu e, conseqüentemente, na Croácia oficialmente até 1848, sentindo-se os efeitos ainda décadas depois. Essa estrutura impossibilitava grandes deslocamentos migratórios dessa população até a sua abolição nesse país no ano de 1848, quando ainda fazia parte do Império Austro-Húngaro.

Os primeiros imigrantes croatas no Brasil vieram exercer atividades nas lavouras de café e tiveram dificuldade nas suas relações de trabalho com os cafeicultores brasileiros na função de provedores de trabalho. Os cafeicultores estavam acostumados a lidar com os trabalhadores escravos e queriam inserir com esses imigrantes assalariados o mesmo tipo de relação de trabalho, o que gerou diversos atritos e conflitos. A minimização desse embate iniciou no ano de 1911 através do Fundo Patronato Agrícola, que correspondia a uma instituição que tinha o papel de solucionar divergências entre colonos e fazendeiros em relação às obrigações, responsabilidades e eventuais explorações. (PUH, 2018b)

Muitos imigrantes croatas chegaram ao Brasil em fins do século XIX devido a várias crises econômicas que culminaram na Primeira Grande Guerra, porém a sua condição nacional e identitária era bastante complexa, como opina Puh (2017, p. 144):

Naquela época, a Croácia fazia parte do Império Austro-Húngaro, que foi desmembrado após a guerra, dando origem ao que se chamou de 'A Primeira Iugoslávia', formada pelo reino dos sérvios, croatas e eslovenos. Por essa razão, não temos no Brasil nenhum registro da chegada de croatas até o final do século XX, muito menos de dálmatas. Eles eram registrados como iugoslavos, austríacos, húngaros ou até mesmo italianos, dependendo de sua região de origem.

O mesmo autor complementa dizendo que:

A situação da Croácia na segunda metade do século XIX e nos primeiros dezoito anos do século XX – período abordado neste artigo, é inseparável da história de poder do maior Estado na Europa Central

(que dominava também outras regiões da Europa e do Mundo). Mostra-se, pois, necessário contextualizar brevemente as relações, acordos e tensões entre a Croácia e a Monarquia de Habsburgo ou, depois de 1867, Império Austro-húngaro.

É preciso lembrar que a ‘vida’ desse império foi bem peculiar e corresponde à conformação da Europa no período em questão. No entanto, interessa-nos seguir essa história a partir de 1526, expandindo a sua influência rapidamente para o Leste (incorporando a Hungria e alguns países eslavos como a Croácia, a Eslovênia, a República Tcheca, a Ucrânia e a Eslováquia). Essa dinastia também dominou a Espanha durante décadas, bem como os Países Baixos, e mostrou uma grande capacidade de controlar diferentes regiões do continente europeu, com povos etnicamente diversos, permanecendo monarquia até o seu fim em 1918 (PUH, 2018a, p. 145-146)

Assim, os croatas, que em sua maioria eram camponeses, iniciaram sua vida no Brasil após 1848 devido ao final do feudalismo, pois não queriam permanecer em uma terra da qual não eram proprietários. Esses trabalhadores, mesmo após a abolição, estavam passando por dificuldades, pois os antigos feudistas continuaram em grande parte como proprietários das terras, já que o governo não fez a distribuição para a população no período. (ANTICÍ, 1995)

Após o ano de 1848, a única forma de o camponês adquirir qualquer terra era comprando através de dinheiro vivo, sem auxílio do governo. Entretanto, isso era difícil, pois esses pequenos proprietários não tinham meios econômicos para efetivar as compras, apenas o necessário para sobreviver e frequentemente eram sujeitos a endividamentos. A partir de 1853, o Estado começou a auxiliar os camponeses, mas muitos não conseguiam pagar as prestações, então se tornavam devedores e emigravam para outros países (inclusive o Brasil) como uma forma de melhorar a sua qualidade de vida. (ANTICÍ, 2000)

Outro aspecto que incentivou a vinda de croatas para o Brasil para participar das lavouras de café foi o início da industrialização – gradual expansão imperial austríaca ao Leste Europeu, com a incorporação da Bósnia – e a consequente desmilitarização das regiões fronteiriças da Croácia em 1870.

Vejamos alguns outros fatores que incentivaram as primeiras grandes ondas de emigração:

As mudanças ultrapassaram a situação geopolítica e social e abarcaram também a econômica, como, por exemplo, a chamada ‘Cláusula do Vinho’, firmada em 1892, entre a Itália e o Império, permitindo a importação do vinho italiano com impostos baixos, o que causou graves problemas econômicos para as famílias croatas produtoras de vinho, ou ainda a mudança da legislação trabalhista agrícola em 1898, que redefiniu as obrigações e os direitos dos camponeses croatas, como descreve Braunnbauer (2016). E ainda na visão de Marinović Doro (1987), a intensificação desse processo incluiu ainda a concessão limitada do uso de terras livres (permanecendo nas mãos dos proprietários antigos), a desestruturação das cooperativas familiares (característica tipicamente eslava de convivência e subsistência) que diminuía as terras disponíveis para cultivo, o aumento populacional de 15% no período de 1880 a 1890 (com melhoramentos em saúde, alimentação etc.), além da política pró-húngara que dificultava o desenvolvimento do capitalismo, capaz de absorver o excedente da população camponesa croata. (PUH, 2018b, p. 147)

Não foram somente as condições que podemos chamar de essencialmente econômicas e políticas que afetaram as famílias croatas, mas também o aspecto imaginário e discursivo impulsionou mais ainda a vontade de emigração. Havia propagandas massivas e enganosas, que relatavam que as viagens para o Brasil eram sem despesas e que era fácil se tornar proprietário de terra nesse país. Diversos veículos de comunicação, como a revista *Immigrante*, financiada pelo governo do estado de São Paulo, reforçaram que o Brasil era um país que proporcionava boas oportunidades sem grandes investimentos. Muitas das publicações, frequentemente amadoras, transmitiam informações enviesadas e/ou falsas, provocando efeito negativo sobre a imagem do país e fazendo com que o governo brasileiro interviesse através de legislações específicas para reprimir os agentes propagandistas, algo que já havia sido iniciado anteriormente na Croácia – que na época era conhecida como Império Austro-Húngaro.

Os imigrantes croatas mais afetados até 1918 foram os da decadente frota marinha, que perdia fôlego perante as grandes companhias de navegação, além das pessoas oriundas das atividades agrícolas. Pelas razões já mencionadas, eles venderam suas propriedades para conseguir comprar passagem até algum grande porto e realizar o pagamento dos agentes organizadores da viagem. (PUH, 2018b)

Já os croatas que foram estimulados a vir para o Brasil – após a Primeira Guerra até o ano de 1930 e o início do regime getulista – eram: empresários, profissionais liberais ou pessoas com conhecimento técnico profissional, algo que é mais evidente nas pesquisas após o ano de 1940. No entanto, a nossa preocupação principal neste livro é apresentar justamente o processo de transformação do agricultor croata, insatisfeito com as condições que a lavoura brasileira apresentava, em pequeno empresário e agente cultural no período entre 1900 e 1940. Consideramos importante esse período, pois ele representa o momento em que a comunidade croata começou a se constituir como tal. Isso ocorreu exclusivamente na cidade de São Paulo, que justamente oferecia as melhores condições de ascensão social e econômica no país.

O que nos chama atenção é que os imigrantes aparentemente não vinham atraídos pelas condições de trabalho e/ou possibilidade de enriquecimento rápido, e sim para se tornarem empresários e autônomos na capital paulista, atestando uma forte capacidade comunitária de auto-organização e apoio. Ao contrário de outras comunidades eslavas no Sul do Brasil – poloneses, ucranianos e russos –, que permaneceram predominantemente na zona agrícola, seguindo com um estilo de vida mais rural, os croatas na sua grande maioria migraram para São Paulo nesse período e lá se estabeleceram em áreas de elevado capital socioeconômico e depois cultural.

Essa singularidade da imigração croata e da constituição da sua comunidade – explorada intensamente nas obras de Marinović Doro (1987), Talan (1998) e Puh (2015, 2017, 2018a, 2018b, 2019), por meio de arquivos e relatos pessoais, bem como documentos midiáticos e institucionais – carece ainda de análises mais estatísticas e geográficas, que poderão lançar outros olhares e que confirmarão ou não as constatações feitas pelos pesquisadores anteriormente mencionados.

Diante do apresentado, o objetivo deste trabalho é o de mapear a população de imigrantes croatas que chegaram ao Brasil, especificamente na capital

paulista, em um momento anterior ao século XX e em outros posteriores a 1940, mas que não ultrapassam a década de 1950. Para a realização desse mapeamento, foi utilizado o geoprocessamento (PEREIRA, 2019), que corresponde a um conjunto de tecnologias de coleta, tratamento, manipulação e apresentação de dados espaciais voltados para planejar, otimizar e analisar qualitativamente e quantitativamente os recursos das organizações e moradias croatas existentes nos períodos anteriormente mencionados. O geoprocessamento utiliza programas de computador, no caso específico o Q-GIS, que é um projeto oficial da Open Source Geospatial Foundation (OSGeo), em que através dos dados de latitude e de longitude, recebidos e tabulados pela pesquisadora, é possível identificar a localização dos croatas em São Paulo nos períodos estudados.

O livro está dividido em seis capítulos. O primeiro faz um breve histórico e relata alguns fatos que levaram à vinda da população croata para o Brasil. O segundo capítulo mostra a localização dos imigrantes croatas em São Paulo, levando em consideração a importância de quatro diferentes capitais – social, cultural, simbólico e econômico. O terceiro faz um breve histórico do principal *cluster* de população croata que está localizado nos bairros da Mooca e do Belenzinho, além de identificar as principais localizações residenciais, de emprego e de aspectos culturais presentes nesse *cluster*. O quarto capítulo enfoca o *cluster* dos empreendimentos da população croata nos bairros da Sé e da República. O quinto mostra onde estariam os empreendimentos e as residências croatas nos dias atuais, e por último as conclusões.

PRESENÇA DOS IMIGRANTES CROATAS EM SÃO PAULO (BRASIL)

Começo este capítulo com a seguinte pergunta: o que motiva um imigrante a ser empreendedor? Esse comportamento surge muitas vezes de forma natural ou como forma de sobrevivência para o desenvolvimento e a manutenção de sua ação humana. Desta forma, é possível afirmar que cada imigrante empreendedor é oriundo do produto do seu tempo e do contexto em que se enquadra, a partir de suas questões comportamentais, e que não colocaria sua segurança material em risco, salvo se possuir a convicção de que seus planos são consistentes. (BARCAUI; DENNY, 2021; MISES, 2010)

As ações humanas de risco desses imigrantes croatas, sejam de experiências e/ou de conhecimento, são voláteis e caminham na busca de recompensas financeiras (lucro), diante de oportunidades constantes, inclusive de aprendizados conforme a influência do mercado, e de um tempo dinâmico em que esses imigrantes estão inseridos.

É certo que o mercado, por ser dinâmico, sempre sofrerá mudanças, forçando um processo de ajuste por parte dos imigrantes croatas que pode levar mais ou menos tempo, pois fazem parte do sistema. Esse empreendedor consegue não somente antecipar o caminho que deve ir, mas também se ajustar para a nova realidade que se descortina continuamente, pois a energia ativa dos mercados capaz de inovar vem deles. Afinal, eles são responsáveis por coordenar o processo de gerar riqueza não apenas para si, mas também para os agentes com que estão relacionados.

Dessa maneira, empreender simboliza uma ação, uma atitude, que inclusive independe de estar ou não atrelada a um novo negócio. Poder-se-ia agir de forma empreendedora mesmo sendo colaborador de uma empresa ou, até mesmo, na vida pessoal. Portanto, toda ação contém uma boa dose de empreendedorismo e a ação teleológica busca minimizar incertezas, em face ao resultado causal das ações. (BARCAUI; DENNYS, 2021, p. 11)

O empreendedor também pode ser empregado de uma empresa (intra-empendedor), cujo objetivo é o de “transformar as dificuldades do seu caminho em possibilidades de promoção e crescimento e procurar se tornar indispensável dentro da estrutura organizacional ou outra esfera social em que esteja inserido”. (ZAMBON, 2021, p. 57)

Assim, a criatividade e a inovação contínua por parte desses imigrantes croatas tornam-se um dos meios de manter, de forma sustentável, a geração de riquezas importantes para a diversidade e a continuidade do mercado e do país. O sucesso não será garantido a todos os imigrantes, mas aqueles que passam pelo crivo da apreciação positiva são naturalmente recompensados pelo ato de suas escolhas, seja como empreendedores individuais ou como empregados. Por isso que este capítulo identifica a localização e os principais capitais dos imigrantes croatas na cidade de São Paulo.

Cluster da população croata em São Paulo

Uma das possibilidades de entender melhor a localização dos croatas em São Paulo e os seus empreendimentos foi justamente compreendendo quais

capitais culturais, econômicos e de moradias eles foram criando nessa localidade. Enfocamos especificamente o surgimento do empreendedorismo mais tradicional com os imigrantes croatas que vieram para o Brasil no final do século XIX e no começo do século XX. Mas também olhamos para um processo posterior quando criam os seus negócios de transição, uma vez que os imigrantes croatas foram gradualmente se transformando de agricultores a pequenos empreendedores ao longo dos anos 1930 e 1940.

Os imigrantes foram se agrupando (*cluster*) em determinadas localidades devido à vontade de ter uma vida mais tranquila e de sucesso e ao interesse pelas oportunidades de trabalho, sendo esse o principal fator de motivação para suas vindas a São Paulo e para a abertura de seus negócios. Portanto, estudar o envolvimento do croata com o trabalho cultural e econômico no contexto comunitário significa aproveitar-se da experiência histórica, que possibilita ter mais condições de entender a constituição da comunidade e do seu envolvimento com o tecido social da cidade.

Acreditamos que essas características foram as que mais marcaram a comunidade nesse período, fazendo com que esses empreendedores imigrantes se concentrassem em duas áreas distintas da capital paulista. A primeira região agrega os bairros da Mooca e do Belenzinho. A segunda abrange as localidades da Sé e da República. Em ambas as concentrações (*clusters*), há empreendedores imigrantes, em geral estrangeiros oriundos do Brasil e de diversos países do mundo, inclusive os croatas e outras etnias da ex-Iugoslávia. Eles são vistos como estrangeiros pelos brasileiros, porque, de fato, trouxeram outras vivências e experiências de trabalho, que foram utilizadas para superar os desafios na adaptação à nova pátria.

Esses empreendedores croatas são pessoas que:

- a) devem buscar *networking* para sobreviver;
- b) muitas vezes não dominam o português, mas conseguem se adaptar se esforçando para conseguir se comunicar e sobreviver;
- c) trabalham com os recursos que estão ao seu redor ou disponíveis;
- d) buscam motivações nos momentos difíceis de solidão com o objetivo de validar a sua escolha de estar e/ou de permanecer no Brasil;

- e) procuram os melhores caminhos entre os hábitos, as culturas, as atitudes e as habilidades existentes tanto no país de origem (ex-Iugoslávia) quanto no de destino (Brasil).

Assim, no percurso de emigrar ou de ser um empreendedor, o imigrante se depara com grandes desafios em toda a sua trajetória.

Ao estudar o tema do empreendedorismo realizado por imigrantes, encontramos autores – como Waldinger, Aldrich e Ward (1990); Barret, Jones e Mc Evoy (1996); Light e Gold (2000); Drori, Honig e Wright (2009); Ndofor e Priem (2011); Portes (1981); Portes e Zhou (1992, 2012) – que estudam de diversos modos essa temática. Os conceitos que preferimos escolher foram estes três: “empreendedorismo imigrante”, “transnacionalismo” e “enclaves étnicos”.

Conforme Drori, Honig e Wright (2009) e Cruz, Falcão, Barreto (2017), existem quatro tipos de empreendedores imigrantes, que são (Quadro 2): os Empreendedores Transnacionais (TE), os Empreendedores Étnicos (EE), os Empreendedores que Retornam (RE) e os Empreendedores Internacionais (IE).

Quadro 2 – Tipos de empreendedores imigrantes

Tipos	Conceito
Empreendedores Transnacionais (TE)	Aqueles que migram de um país para outro, embora mantendo vínculos com o seu próprio país de origem através de seus negócios, em paralelo às suas relações comerciais com as comunidades receptoras. Geralmente tiram proveito de sua própria alavancagem cultural ou de seu capital social.
Empreendedores Étnicos (EE)	Empreendedores ligados às suas comunidades étnicas, seja devido à sua origem ou cultura comuns. Também tiram proveito de sua própria alavancagem cultural ou de seu capital social.
Empreendedores que Retornam (RE)	Em geral, são engenheiros ou cientistas que se qualificam no exterior e retornam aos seus países de origem dispostos a empreender, dada a sua experiência de negócios, trabalho ou estudo.
Empreendedores Internacionais (IE)	Empresas ou empreendedores individuais que atravessam as fronteiras nacionais e focam no comércio internacional.

Fonte: Drori, Honig e Wright (2009); Cruz, Falcão e Barreto (2017).

Assim, o primeiro tipo de empreendedor – que passa a se integrar com as comunidades locais gerais – tende a superar suas vantagens competitivas

iniciais, tornando-se ator dessa economia e não dependendo mais dos seus “enclaves étnicos”. Normalmente esse tipo de empreendedor, bem como o empreendedor internacional ou retornado, costuma passar despercebido e acaba não criando vínculos efetivos que garantiriam a sustentação de uma comunidade em toda a sua existência cultural, política e social.

Já os empresários étnicos atuam mais proximamente com a comunidade com a qual se identificam, algo que, no caso croata, apresenta condições desfavoráveis e favoráveis. As desfavoráveis têm a ver com a pouca presença institucional oficial, devido à marginalização da etnia croata no contexto do Império Austro-Húngaro e do Reino da Iugoslávia. (PUH, 2017, 2018a) As favoráveis têm a ver com a tendência croata de associativismo e cooperativismo, como explicado por Puh (2017), citando vários agrupamentos comunitários que seguem essa lógica, e por Camargo (2017), que comenta as dinâmicas de ocupação do espaço urbano em São Paulo.

Dessa forma, algumas comunidades étnicas croatas no Brasil acabaram se estabelecendo em uma determinada localização geográfica, formando aglomerações (*clusters*) e criando um ecossistema de empresas fornecedoras desse mercado étnico próprio, embora possam também fornecer ao mercado principal de um grande centro urbano. (PORTES, 1981)

Então, há dois tipos de organizações que são socialmente identificadas na relação com as suas comunidades étnicas: as que se identificam e as que não se identificam com elas. De acordo com Cruz, Falcão e Barreto (2017, p. 40-41),

Os primeiros são mais propensos a se tornarem empreendedores do ‘enclave étnico’, já que se sentem ligados às suas comunidades seja por certos laços emocionais, culturais, por prestígio ou até mesmo pelo destino. Eles buscam também melhorar sua comunidade, até mesmo através de ações altruístas, como ajudando a um futuro concorrente a se estabelecer neste mesmo enclave (LEE, 1999). Acima de tudo, empreendedores imigrantes atendem às suas comunidades étnicas por meio de suas conexões. Através delas, têm acesso a recursos-chave. Nesse sentido, os que são socialmente identificados com os seus grupos étnicos serão mais propensos a se envolver em ‘estratégias focadas no enclave’. (NDOFO; PRIEM, 2011). Por outro lado, há os empreendedores que têm baixa identificação com seu

grupo étnico, sejam por seus valores ou práticas que divergem, ou meramente por desprezarem seus próprios compatriotas. (SPEARS; DOOSJE; ELLEMERS, 1997) Estes, portanto, tentarão se dissociar ou até se diferenciar de seus grupos étnicos originais. (ELLEMERS; VAN RIJSWIJK, 1997)

A maior corrente imigratória da população croata ocorreu no Brasil, entre os anos de 1924 e 1925, e atracou no Porto de Santos (DORO, 1987), período em que São Paulo financiava intensamente a imigração por meio de passagens subsidiadas e em que começava um processo de formação de sua própria cultura a partir do conhecimento e vivência de vários povos que imigraram nesse período e começaram a fazer parte da sociedade da época, como os croatas.

34

No período entre guerras, São Paulo foi marcada pelo fortalecimento institucional, pelo mecenato cultura e pela participação de estrangeiros como os croatas, que foram alguns dos estrangeiros responsáveis em auxiliar nesse processo de profissionalização dos empreendimentos existentes, seja na montagem e/ou participação em algumas empresas de cinema, de teatro ou empreendimentos da área de serviço e/ou produto. Isso criou uma nova concepção de fazer negócio, diferente do que conheciam os brasileiros aqui existentes, fato importante para a construção dos alicerces da indústria cultural presente em São Paulo a partir da década de 1950 junto com outros povos, como os italianos. (ARRUDA, 2005)

Todos os imigrantes croatas que vieram para o Brasil tiveram que ter pelo menos um dos quatro tipos de capitais (BOURDIEU, 1986; NDOFOR; PRIEM, 2011): o social (renda, salários, imóveis); o cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos); o econômico (relações sociais que podem ser revertidas em capital, relações que podem ser capitalizadas); e o capital simbólico (o que vulgarmente chamamos prestígio e/ou honra); que são importantes para se manter em uma terra diferente da sua.

Procurou-se, portanto, identificar através do mapeamento quais dos quatro capitais foram mais presentes nos imigrantes croatas que residiram, trabalharam e empreenderam nas regiões e nos bairros da cidade de São Paulo. Através das informações cartográficas foi possível determinar um planejamento das correlações existentes a nível territorial, de modo a transformar

dados quantificáveis em informações que poderão ser trabalhadas e avaliadas por pesquisadores, pela Sociedade Amigos da Dalmácia (SADA), pela sociedade da Croácia em geral e pelos interessados no assunto de modo tanto quantitativo como qualitativo, observando os parâmetros do tempo e do espaço pesquisado.

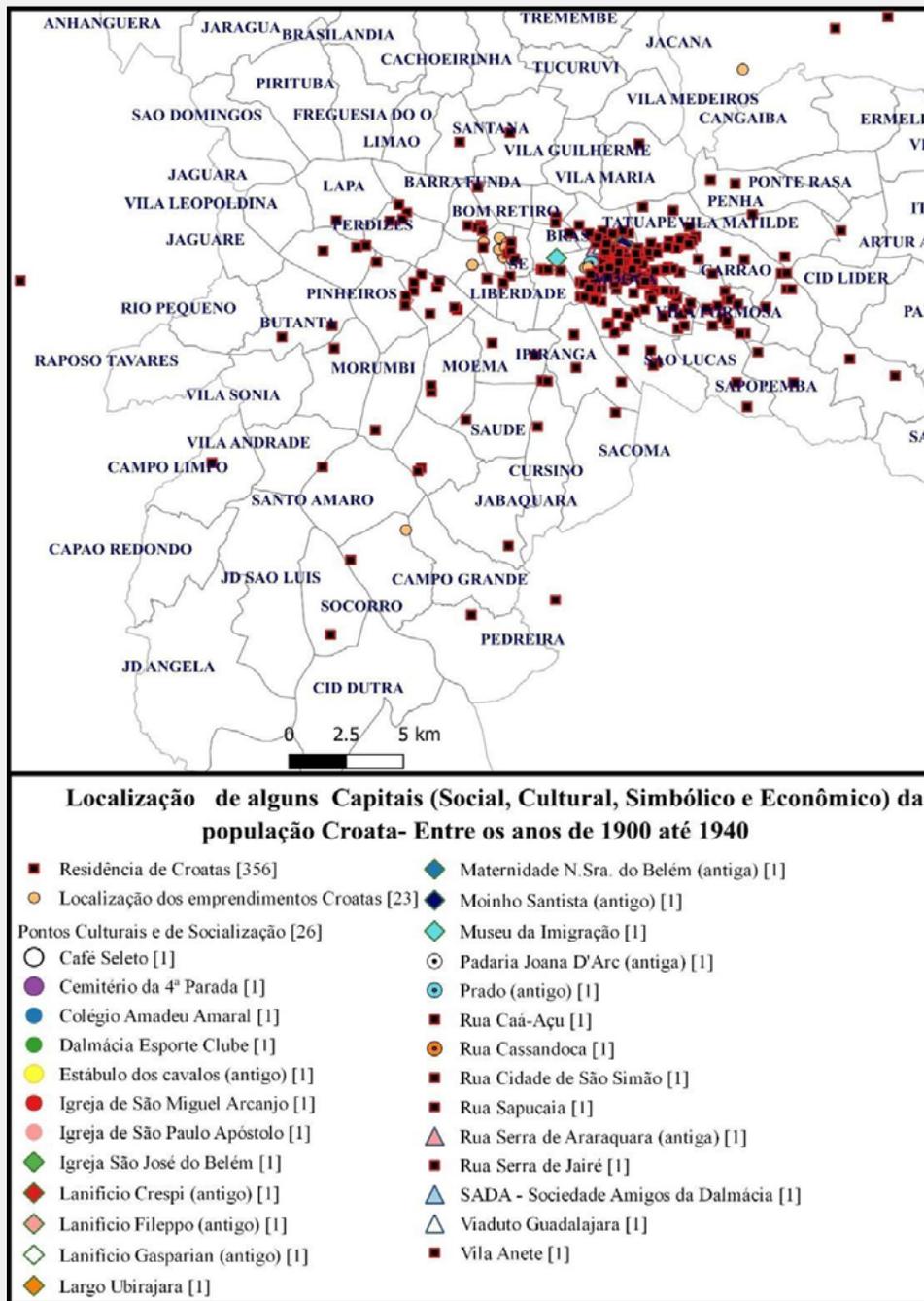
Diante do apresentado, a Figura 1 mostra a disposição dos croatas a partir:

- a) do seu capital social expresso pelas moradias (quadrado na cor preta), que corresponde a 361 localizações dentro da capital paulista e no estado de São Paulo;
- b) do seu capital cultural, como por exemplo o Colégio Amadeu Amaral (círculo na cor azul);
- c) do seu capital simbólico, podendo-se citar a SADA (triângulo na cor verde) e o Dalmácia Esporte Clube (círculo na cor verde);
- d) do seu capital econômico, podendo-se destacar os locais em que os croatas trabalharam, como por exemplo Lanifício Fileppo (losango na cor rosa), Lanifício Gasparian (losango na cor branca), Moinho Santista (losango na cor azul marinho); ou os locais em que eles abriram seus empreendimentos (um total de 23 computados e representados na Figura 1 pelo círculo na cor laranja), além da Padaria Joana D'Arc (círculo na cor branca com ponto preto no centro).

Percebe-se ainda que fora da capital paulista, mas dentro do Estado de São Paulo, estão três residências e um empreendimento, todos de indivíduos croatas (Figura 1). Constata-se também que há um *cluster* dos capitais social, cultural, simbólico e econômico na região dos bairros da Mooca e do Belenzinho (Figura 1), com a concentração de residências, pois os proletários viviam próximos às indústrias, que eram os locais onde executavam suas atividades. Já os bairros da Sé e da República possuem uma concentração de empreendimentos de imigrantes croatas, constituindo assim uma área com mais características de capital econômico.

A Figura 1, assim como todas as figuras deste livro, foi elaborada a partir da delimitação dos distritos de São Paulo no ano de 2020, visto que a cidade não tem os seus bairros definidos de forma clara e os *shapefiles* foram adquiridos no site da Prefeitura de São Paulo. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2020)

Figura 1 – Principais localizações de alguns dos capitais (social, cultural, simbólico e econômico) da população croata em São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2020).

O sentido do *cluster* fica bem visível na aparente obstrução na imagem do mapa, justamente na parte onde mais se concentram as residências e os empreendimentos croatas. É possível notar como muitos dos elementos presentes na legenda do mapa simplesmente não aparecem porque estão subsumidos pelos elementos mais abundantes aglomerados na mesma região. Optou-se em avaliar a área de aglomeração, pois

Os clusters se originaram a partir do momento em que houve um processo de evolução estratégica dos seres humanos para concentrar as forças de comercialização e prestação de serviços em um mesmo local geográfico como forma de sobrevivência dos atores envolvidos, com o objetivo de contemplar metas coletivas e individuais capazes de proporcionar como resultado vantagens para todos dentro de uma mesma rede social. (PEREIRA, 2019, p. 20)

Nos capítulos três até o quinto, a seguir, são realizadas análises em nível territorial com a correlação de Pearson (r), com o objetivo de identificar dois tipos de unidade de medida. A primeira é o grau de associação existente entre a população presente nesse *cluster* e a segunda é a de mensurar quantitativamente a relação de cooptação existente entre as moradias e/ou organizações de origem croata na capital paulista.

A correlação determina um valor numérico que representa uma medida numérica do grau de relação encontrado na rede do cluster de veículo. Assim, foi estipulada a matriz de correlação a partir do coeficiente de Pearson(r) com o nível de confiança de 5%, classificando-a da seguinte forma se:

- $0 < r < 1$ é uma correlação positiva; nesse caso, quanto mais próximo r estiver de $+1$, mais próximos estarão os pontos de ajustes, ou seja, quando Y cresce, X cresce também; quando Y decresce, X decresce também;
- $r = 1$ é uma correlação perfeitamente positiva; nesse caso, ocorre quando X e Y estão perfeitamente alinhados;
- $-1 < r < 0$ é uma correlação linear negativa; quando isso ocorre, Y cresce, X decresce e vice-versa;

- $r = -1$ é uma correlação perfeitamente negativa; ocorre quando os valores de X e Y estiverem perfeitamente alinhados, mas em sentido contrário; assim, estarão mais próximos os pontos de ajustes integrais a uma reta decrescente;
- $r = 0$ ocorre se não houver relação entre X e Y; assim, as variáveis ocorrem independentemente. (PEREIRA, 2019, p. 169-170)

Em relação à correlação de Pearson (r), pode-se sintetizar que quanto mais próximo de 1 melhor será a relação das variáveis em estudo. Nos capítulos anteriormente citados, também são realizadas representações através dos gráficos de dispersão e de radar.

38

O gráfico de dispersão foi utilizado para constatar se as empresas possuem uma relação forte entre elas, seja em rede ou de cooptação. Dessa forma, esse gráfico é utilizado para identificar a relação existente entre o eixo vertical (Y-Longitude) e horizontal (X-Latitude) com a intenção de exibir quanto uma variável é afetada por outra, ou seja, a correlação será considerada forte entre as variáveis (X, Y) se houver proximidade ou pouca dispersão entre os pontos avaliados e será fraca se tiver menor proximidade ou dispersão entre os pontos analisados.

O gráfico de radar visa validar estatisticamente se as empresas são realmente um *cluster* conforme elaboração dos mapas, pois se X ou Y estiverem próximos do centro do gráfico, há um *cluster* de moradias e/ou organizações de origem croata.

Esse gráfico foi usado para mostrar as semelhanças presentes no *cluster*, pois quanto mais próximo do vértice (ponto central) maior a relação com o atributo analisado. O ponto central é um local singular em que há maior concentração de atividades da população da Croácia, fazendo com que os gráficos se assemelhem a um buraco negro.

De forma muito simplista, podemos dizer que um buraco negro é uma região no espaço que contém tanta massa concentrada que nenhum objeto consegue dali escapar. Sua organização se dá a partir da declinação da força estelar capaz de opor-se à força gravitacional; a força competente decresce para resistir à gravitação. Desse modo, a matéria do astro adensa-se no seu centro e a estrela é dada por

‘morta’. Dentro de certa distância em volta da estrela, qualquer coisa (incluindo a luz) é atraída e engolida, constituindo um buraco aqui denominado buraco negro. (RODRIGUES; SCHWANTZ, 2016, p. 940)

As atividades da população da Croácia localizadas no vértice, ou em sua proximidade, possuem uma relação e uma cooptação mais forte do que as afastadas dessa localidade, observando apenas os aspectos geográficos e físicos do período em análise.

O próximo capítulo inicia com um breve histórico do *cluster* da população croata nos bairros da Mooca e do Belenzinho, identificados na Figura 1, e depois apresenta uma análise de ambos os bairros a partir de uma figura de delimitações dos quarteirões da Mooca e do Belenzinho no ano de 1897.

PRESENÇA CROATA NOS BAIRROS DA MOOCA E DO BELENZINHO

Este capítulo mostra a localização dos croatas nos bairros da Mooca e do Belenzinho a partir de um breve relato histórico de ambas as localidades, mostrando que a infraestrutura e as instalações industriais desses locais tiveram importância para as implantações das residências croatas.

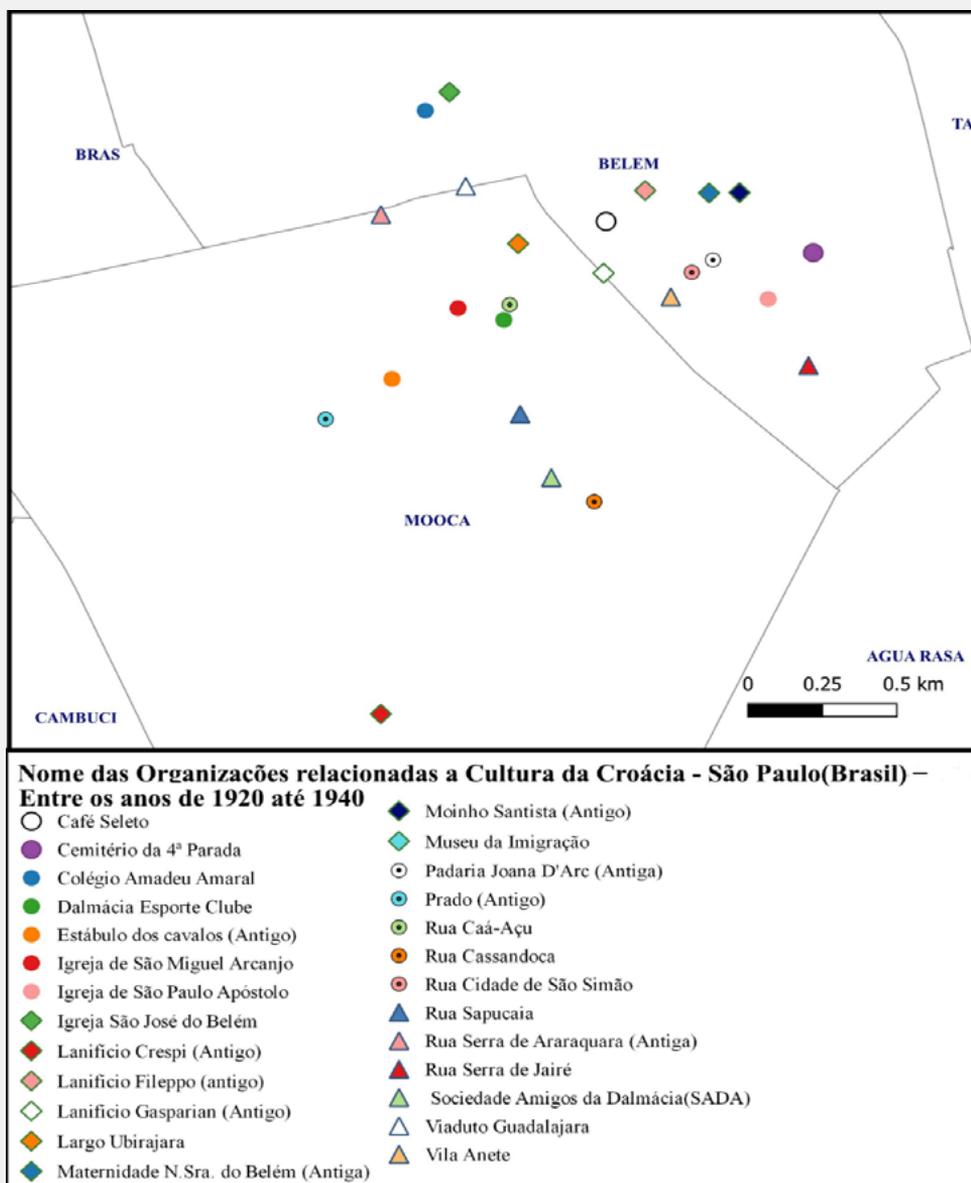
Para a confirmação dos dados encontrados através do geoprocessamento, foram utilizadas representações gráficas, além dos cálculos da correlação de Pearson (r) e da distância percorrida por essa população para as suas atividades básicas do dia a dia, com o objetivo de reafirmar as representações cartográficas.

Cluster da população croata nos bairros da Mooca e do Belenzinho: breve histórico

A Figura 2 mostra, de forma ampliada, o *cluster* presente na Figura 1 nos bairros da Mooca e do Belenzinho – também denominado de Belém. Isso ocorre

devido às questões históricas e de infraestrutura que foram sendo organizadas nesses dois bairros. Inicialmente, será feita uma explanação do bairro da Mooca, no qual foram identificados 13 empreendimentos e, posteriormente, do bairro de Belém, que possui 12 organizações – ambos representados na Figura 2.

Figura 2 – Principais pontos culturais relacionados à cultura da Croácia nos bairros da Mooca e de Belém, em São Paulo (Brasil), entre os anos de 1920 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2020).

A Mooca teve como seus primeiros habitantes os povos indígenas “moouences”, por volta de 1556, que se concentravam perto de um extenso rio – Tameateí ou Tometeri, hoje chamado Tamanduateí – e se espalhavam pela região adentro, que era rodeada por muitos riachos. A construção da ponte sobre esse rio possibilitou a vinda de imigrantes para a localidade e ligou a zona leste à freguesia da Sé.

No final da época imperialista do Brasil e no início da República, a região possuía enormes casas, rodeadas por belas chácaras. Em dez de agosto de 1867, a Câmara Municipal de São Paulo, então chamada de Câmara Régia, começou a doar terras para a formação de um povoado. Em 1869, já se notava muitas casas – pequenas e pobres – e, assim, o povoado foi crescendo.

A Figura 3 foi elaborada a partir do planejamento e das divisões territoriais presentes nos bairros da Mooca e de Belém, no ano de 1897, e essa estrutura permaneceu com a mesma delimitação durante todo o período do estudo. As explicações e análises que virão a seguir (Figura 3) refletem os empreendimentos que existiam nesses dois bairros até o ano de 1940.

O Hipódromo de São Paulo (Figura 3 – losango na cor amarela) foi importante para o bairro da Mooca e foi inaugurado oficialmente nesse bairro em 1876. Ele promovia uma movimentação da sociedade paulista, em especial a dos empresários do café. O hipódromo permaneceu nesse bairro até o ano de 1941 e comportava em média 1200 pessoas, promovendo mudanças na localidade, pois proporcionou a promoção de empregos formais e informais na área, bem como a construção imobiliária ao seu redor.

Esse clube paulista de corridas de cavalo foi o 1º Jockey Club e teve como criador Rafael Paes de Barros, que tinha muitas terras na região. Para se ter uma ideia, suas terras se estendiam da Mooca até a Vila Prudente e a Vila Alpina. (HISTÓRIA DO BAIRRO, 2017)

No ano de 1941, as corridas de cavalo do hipódromo foram deslocadas para o Ibirapuera. O estábulo dos cavalos – que permanece até os dias atuais e que está representado na Figura 3 pelo círculo na cor laranja – tinha relações com as atividades do hipódromo que ocorreram de 1876 até 1941. Além disso, nas proximidades do 1º Jockey Club, havia várias ruas que os cavalos corriam e que tinham o nome dos cavalos campeões, como por exemplo a Rua de Itajaí. Hoje, no local do Hipódromo de São Paulo se instalou a Administração Regional da Mooca.

Figura 3 – Localização dos principais empreendimentos de trabalho da população da Croácia, em São Paulo, no ano de 1940



Belenzinho		Mooca	
● Cemitério 4ª Parada	◇ Lanificio Fileppo (Antigo)	◆ Hipódromo (Antigo)	▲ Largo Ubirajara
○ Igreja São Paulo Apóstolo	▲ Colégio Amadeu Amaral	◆ Dalmácia Esporte Clube (Antigo)	◇ Lanificio Crespi (Antigo)
○ Padaria Joana D'Arc (Antiga)	▲ Igreja São José do Belém	◆ Estábulo dos cavalos (Antigo)	● Maternidade Nossa Senhora do Belém (Antiga)
◇ Moinho Santista (Antigo)	▲ Antiga passagem sobre os trilhos	● Igreja de São Miguel Arcanjo	▲ Sociedade Amigos da Dalmácia- SADA
● Café Seletor (Antigo)	▲ Indústria de Materiais Elétricos -FAME	● Lanificio Bradford S/A (Antigo)	■ Residência Croata em Belenzinho e na Mooca (Antigas)
Brás		● Biscoitos Duchon (Antigo)	□ Edifícios industriais da Rua Borges de Figueiredo (conhecida como indústrias reunidas Francisco Matarazzo) - (Antigo)
		■ Galpões (Antigo)	▲ Antartica Paulista
◆ Museu da Imigração	◆ Chocolates Gardano (Antigo)	▲ Metalúrgica Mar (Antiga)	

Fonte: elaborada pela autora (2020).

A Mooca foi também o caminho do recebimento de imigrantes no Brasil, pode-se destacar a Hospedaria dos Imigrantes – inaugurada em 1888 e representada na Figura 3 pelo losango na cor azul –, que encerrou suas atividades após o ano de 1978. (MUSEU IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020) Tudo começou em 1880 com os movimentos abolicionistas, que eram contra a escravidão no Brasil e que abriram o caminho para a sua finalização, bem como para a intensificação da lavoura de café paulista por força de trabalho não escravo. Assim, o Estado começou a promover uma política imigratória com o objetivo de financiar e criar uma infraestrutura para os imigrantes (VANGELISTA, 1991), por isso que a Lei Provincial nº 36, de 21 de fevereiro de 1881, consignou 150 contos para o pagamento de passagens de imigrantes e determinou a construção de uma hospedaria.

Antes da estruturação da primeira hospedaria os imigrantes ficavam alojados em casas alugadas pelo governo, próximas à estação de trem da Luz. (GONÇALVES, 2017) Somente em 1885 foi autorizada pelo governo a construção de uma hospedaria, que ficou pronta em 1888, como expresso no trecho citado a seguir:

Pelo lado legal verifica-se que ella importa dispensa na lei de 21 de março do anno findo [1885], que, autorizando a construção de novo edificio para a Hospedaria determinou que esta ficasse situada nas proximidades das linhas ferreas do Norte e Ingleza. O terreno da Luz fica proximo só da segunda destas linhas.

Attendendo á conveniencia, /.../ não é logar proprio para um alojamento de immigrants o bairro que mais presta a ser aformoseado, e que vae merecendo a preferencia da população abastada para ahi construir predios vastos e elegantes. É possivel consultar todas as exigencias do serviço mediante a collocação do edificio em terrenos do Braz, a qual permitirá, o que é vantagem consideravel, que os immigrants, vindos quer por uma quer por outra estrada, desembarquem com suas bagagens dentro do estabelecimento, e tomem na estação que alli tem a estrada ingleza os trens que demandam o oeste da província, para onde em geral se encaminham. (RELATÓRIO..., 1886, p. 34)

É bom ressaltar que antes da hospedaria os imigrantes ficavam hospedados em um alojamento no Bom Retiro ou em casas alugadas próximas à região. Esse alojamento tinha uma rotatividade bem alta de imigrantes – para se ter ideia, entre os anos de 1882 e 1886, um total de 31.275 imigrantes. Não foi possível identificar o número de croatas, pois na época a Croácia fazia parte do Império Austro-Húngaro. Lá não havia boas condições sanitárias, o que aumentava a probabilidade do alastramento de doenças, em especial a varíola, doença que se manifestava no período. Dessa forma, os fazendeiros queriam desativá-lo o mais rápido possível. (GONÇALVES, 2017)

Hoje a hospedagem de imigrantes se transformou no Museu da Imigração do Estado de São Paulo (Figura 3 – losango na cor azul claro) e conta com documentos para uso em pesquisas no seu acervo digital.

Outro aspecto importante da Mooca é que foi berço do comunismo e do anarquismo, devido à influência dos imigrantes que moravam lá, como o povo croata. Para se ter ideia, a confluência da Avenida Paes de Barros com a Rua da Mooca, a Rua Taquari e a Rua do Oratório era conhecida como Praça Vermelha. Seus moradores também cruzaram o Rio Tamanduateí e puderam participar da “Queda da Bastilha”, ocorrida em 30 de outubro de 1930 no distrito do Cambuci, com a finalidade de pôr fim ao tratamento desumano da delegacia da Rua Barão de Jaguará, local onde eram confinados sindicalistas e agitadores.

Talvez uma alusão à histórica Praça Vermelha da antiga União Soviética, a capital de São Paulo também teve a sua Praça Vermelha, reduto do Partido Comunista Brasileiro, no bairro da Mooca, zona Leste da cidade. Berço do sindicalismo paulista da primeira metade do século 20, ali a força política e ideológica dos moradores era tão grande que nas eleições de 1947 o partido obteve 34% dos votos válidos, elegendo três dos quinze vereadores comunistas. No entanto, naquele mesmo ano, o partido começou a dar sinais de fragilidade e de não resistir às pressões externas e à ilegalidade, decretada em maio daquele ano. (FAVA, 2002)

A ex-Iugoslávia, após a Segunda Guerra Mundial, implantou um sistema de autogestão econômica pelo marechal Josip Broz, mais conhecido como Tito, no qual havia um socialismo auto gestor, que promovia a participação

dos trabalhadores nas decisões tomadas em suas empresas. Depois disso, os operários e os funcionários burocráticos tinham permissão para organizar-se em coletivos de debate sobre normas de trabalho e sobre metas de produção e tal tipo de pensamento influenciou as revoluções fabris no Brasil. (BRENER, 1993; AGUILAR, 2003)

Se por um lado o modelo impulsionou vertiginosamente o crescimento da indústria nacional [na ex-Iugoslávia], por outro lado disseminou um regime privilegiando os comunistas e perseguição aos não alinhados (Brener, 1993, 60). A essas pessoas, uma das alternativas foi o exílio [consequentemente muitos cidadãos da ex-Iugoslávia vieram para o Brasil, trazendo esta ideologia e influenciando nas relações de trabalho a nível local]. (GAJEVIC; PAPALI, 2008, p. 2)

A Mooca era uma localidade que tinha uma boa infraestrutura no início do século XX. Pode-se destacar a linha de bondes Mooca-Centro – na Figura 3, corresponde à linha cheia que liga a Quarta Parada (círculo na cor roxa), passando pelo triângulo na cor branca até aproximadamente o losango na cor azul –, que era primeiramente movida à tração animal e depois foi substituída por bondes elétricos da São Paulo Railway (1887), o que possibilitou a vinda de imigrantes e de diversas empresas para a região, especialmente as da área industrial – como por exemplo o Cotonifício e Lanifício Rodolfo Crespi (Figura 3 – losango na cor branca); a Carolina Gallo; a Rosália Médio e a Romanelli.

Posteriormente, o casal Antônio e Helena Zerrenner fundou a Companhia Antártica Paulista (Figura 3 – triângulo na cor azul claro); a então Padaria Irmãos Di Cunto; a Tecelagem Aramina; os Tecidos Labor; os Grandes Moinhos Gamba; a Companhia União dos Refinados; o Lorenzetti; os Calçados Clark; o Rodolpho Crespi e o Matarazzo (Figura 3 – quadrado na cor branca). Pode-se dizer que a Mooca foi pioneira nas indústrias têxteis no ano de 1880.

Em 1896, o conde e cavaleiro Rodolfo Crespi funda sua tecelagem (Cotonifício e Lanifício Rodolfo Crespi), a qual foi considerada a maior tecelagem de São Paulo. A primeira pizzaria veio quatro anos depois, em 1900, a Romanato, fundada pelo italiano Carlos Romanato, na Rua Javari nº 313. Entretanto, a construção das pizzarias e das cantinas era realizada pelos croatas devido à sua *expertise* na construção civil.

Assim, a população croata no Brasil se misturou e se identificou com outras populações com as quais tinham mais afinidade cultural e comunicativa, criando redes seja na área religiosa, de lazer, de família, dos laços sociopolíticos e econômicos, ou mesmo de memórias compartilhadas, em especial com os povos italianos, portugueses, espanhóis e com os próprios brasileiros. Quem está de fora desse processo apenas consegue perceber a população mais predominante, mas com toda certeza esses cidadãos croatas estão presentes na construção da identidade local desses bairros. Um exemplo disso é que quando se retoma

a história dos dálmatas [exemplo de cidadão croata], que remonta há mais de três mil anos, temos que a Dalmácia foi habitada e dominada por dezenas de povos. Desde os Ilírios até os atuais croatas, estiveram lá gregos, romanos, vênetsos, turcos, húngaros, austríacos, italianos até franceses. A identidade cultural dos habitantes dessa região, portanto, é multifacetada e por uma questão de sobrevivência, permeável a influências externas. Eles conseguiram sobreviver a muitas mudanças mantendo o espírito coletivo e permanecendo discretos em suas manifestações culturais. Talvez por isso, não tenham deixado marcas culturalmente significativas nos bairros que habitaram aqui no Brasil. (CAMARGO, 2017, p. 188)

Diante do apresentado, percebe-se que os croatas participaram das mudanças, da troca de conhecimento e da construção do território brasileiro junto com outros povos, mesmo que em pequena proporção quando relacionados à interferência de outras populações.

Prosseguindo com a análise dos dois bairros, no ano de 1904 foi instalada a Fábrica de Calçados Clark, na época a fábrica mais moderna do país. A Clark foi fundada no Rio de Janeiro em 1822 e em sua história está a coroação de D. Pedro I, que estava calçando um sapato da Clark, e também o fato de ter passado a ser o fornecedor para a corte.

O Primeiro Grupo Escolar da Mooca, antigo Firmino de Proença, foi instalado em 1906. Em 1911 foi inaugurado o primeiro cinema da Mooca, o Cine Palácio Moderno, na Rua da Mooca no atual número 2.241, sendo por isso reconhecido como o ano do cinema.

Em 1912, Eduardo Pacheco Chaves fez sua primeira tentativa aérea de São Paulo ao Rio de Janeiro saindo do Hipódromo da Mooca (Figura 1 – losango na cor amarela). Em 1917, foi criada a primeira Liga Operária da Mooca, sendo a primeira organização de trabalhadores formada no Brasil para reivindicar aumento salarial, inclusive com uso de jornais para divulgar suas ideias. No mesmo ano, a Mooca foi o epicentro da Greve Geral, em frente à Antártica, e a primeira empresa a parar foi o Cotonifício Rodolfo Crespi. Já em 1924, foi inaugurado, pelo funcionário do Cotonifício Rodolfo Crespi, o clube Extra São Paulo – atual Clube Atlético Juventus – de origem italiana.

Todas essas indústrias e muitas outras utilizavam a mão de obra dos imigrantes, que no período entre guerras migraram em massa mais uma vez em busca de melhores condições de vida, como é o caso dos iugoslavos. A maioria das famílias que aqui aportavam descia em Santos e era trazida para a Casa da Imigração (hoje o Museu dos Imigrantes, Figura 3 – losango na cor azul). Atualmente, não existem mais essas indústrias na Mooca, a maioria foi transformada em estacionamentos ou prédios residenciais devido à especulação imobiliária.

A Mooca, no início de 1930, se firmou recebendo imigrantes não apenas italianos, mas também espanhóis, portugueses e húngaros – como eram chamados os imigrantes da Europa Central e Oriental.

Muitas famílias de imigrantes, inclusive croatas e italianos, moravam na Mooca nesse período por conta da facilidade propiciada pelos trilhos, instalados em 1868 pela São Paulo Railway, que ligavam São Paulo ao porto de Santos, entre outras infraestruturas citadas anteriormente.

Um dos fatos pelos quais essas famílias estavam lá é o transporte do café através dos trilhos, que, utilizando a ferrovia São Paulo Railway, foi responsável por promover a modificação das atividades econômicas, urbanas, espaciais e sociais desse período em São Paulo de uma forma geral. Os investimentos foram feitos em ferrovias para levar o café devido às questões de custo – enquanto pelo mar custava 440 réis por arroba de café, por trem o preço era 140 réis, ou seja, 60% a menos de benefício para o produtor. (TEIXEIRA, 2002-2003)

Assim o café favoreceu a implantação da indústria em São Paulo, pois

problemas de infraestrutura, como o dos transportes ferroviários, o do porto marítimo, o de comunicações e de urbanização, estava

ao mesmo tempo criando um acúmulo de economias externas que beneficiariam a formação industrial, reduzindo-lhe os gastos de inversão e os custos de produção. Além disso, o complexo cafeeiro paulista desde cedo precipitou a gestação de algo não menos importante: a formação e o desenvolvimento de um mercado de trabalho que, dadas as condições em que é formado e ampliado, resultaria em menores pressões nos custos de produção industrial. O satisfatório desempenho da agricultura paulista, por outro lado, proporcionava grande parte do suprimento alimentar à sua força de trabalho, e garantia o abastecimento local de matérias-primas à indústria nascente. (CANO, 2007, p. 234)

Outro aspecto relevante são as mudanças nas relações de trabalho após a abolição e o advento da República (Quadro 3), o que iniciou uma política de imigração inicialmente para trabalhar nas lavouras de café, mas, com a crise de 1929, o café também declinou, favorecendo o crescimento da industrialização em São Paulo; e alguns imigrantes que trabalhavam na lavoura passaram a atuar de forma incipiente no início das indústrias em bairros que possuíam ferrovias, por volta do início do século XX, mas se estabeleceram como mão de obra operária ou como empresários a partir da crise de 1929 até o período da Segunda Guerra Mundial.

Quadro 3 – População livre e escravizada em São Paulo

Anos	1854	1872	1886
População livre	294.612	680.742	1.114.065
População escravizada	117.238	156.612	107.329
Total	411.850	837.354	1.221.394

Fonte: Teixeira (2003, p. 126).

Cano (2007, p. 233-234) colabora com isso quando diz:

Ao contrário do que se pensa, o processo de concentração industrial em São Paulo constitui fenômeno que tem seu ponto de partida já no início do século XX. Como se verá (Tabela 32), é por volta de 1905-1907 que se dá o início daquilo que chamo de ‘grande salto quantitativo’ da indústria paulista. Entre 1907 e 1919, calculada a

expansão industrial em termos nominais, a indústria de São Paulo cresceria 8,5 vezes, alterando sua participação no total da indústria brasileira, de 15,9% para 31,5% no período. A indústria do resto do país apresentaria resultados bastante inferiores, crescendo apenas 3,5 vezes e diminuindo sua participação, de 84,1% para 68,5%. A década de 1920 proporcionaria nova expansão da indústria paulista, igualmente defasada do crescimento do resto do país, consolidando dessa forma o processo concentrador.

Assim, casas que antes eram construídas à beira do rio, no bairro da Mooca, deram lugar às fábricas que começaram a ser edificadas ao lado da linha férrea pela conveniência em transportar matérias-primas, combustíveis e mercadorias.

50

Se antes a Mooca era um dos bairros mais importantes da cidade, a partir dos anos 50 passa por um processo de ‘desindustrialização’ com o conseqüente abandono e degradação. Antes, porém, a Mooca detinha a maior concentração industrial, principalmente indústrias têxteis e de alimentos. Era um bairro que concentrava grandes populações de imigrantes italianos (maioria), espanhóis, portugueses e ‘húngares’ – como são chamados, ainda hoje, os imigrantes oriundos da Europa centro-oriental, russos, lituanos, ucranianos, iugoslavos e húngaros. ‘Por conta dessa variedade de origens, a Mooca foi um dos bairros mais heterogêneos da cidade de São Paulo’, diz o professor de história Adriano Luiz Duarte, da Universidade Federal de Santa Catarina. (FAVA, 2002)

Isso é colaborado por Camargo (2017, p. 187) quando diz:

As indústrias que concentravam um maior número de d’álmatas eram Cotonifício Crespi, Lanifício Fileppo, Indústrias Matarazzo, Moinho Santista, Indústria Têxtil Gasparian e Café Seletto. Hoje, os prédios dessas indústrias deram lugar a outras atividades. Por exemplo: o Cotonifício Crespi foi transformado em supermercado, mas sua fachada, ao estilo das indústrias da década de 1940, foi preservada. O edifício do café Seletto tornou-se recentemente uma grande central

de telemarketing, e o prédio das Indústrias Gasparian foi reformado para abrigar uma grande universidade privada. O antigo prédio do Moinho Santista, reformado, abriga hoje a sede regional do SESC São Paulo e o SESC Belenzinho.

Também foi instalado um campo de futebol onde treinava o Esporte Clube Dalmácia (Figura 3 – losango na cor roxa), time fundado em 16 de março de 1932 e oficialmente registrado na Federação Paulista de Futebol, que ficava na Rua Taquari bem próximo da Igreja de São Miguel Arcanjo (Figura 3 – círculo na cor cinza). Em 2020, existe em seu lugar um estacionamento. O futebol era uma grande diversão e o esporte mais popular entre os imigrantes no período, inclusive os croatas. Entre a década de 1920 e 1930, surgiram vários times de futebol tanto na Mooca como no Belenzinho. Os campos do bairro da Mooca ficam no Prado e já os do Belenzinho nas várzeas dos rios. O time mais antigo dessas duas localidades é o Estrela de Ouro, onde jogavam os principais craques da época que moravam em ambos os bairros.

A Associação Athletica Estrela de Ouro foi uma agremiação da cidade de São Paulo (SP). A equipe *anil negra* foi fundada no dia 1º de setembro de 1903. A sua Sede ficava no *Belenzinho* e depois no *Braz*. Na esfera futebolística o Estrela de Ouro participou do *Campeonato Municipal (1923 e 1925)*; *Divisão Principal (1924 e 1929)* e *Campeonato Paulista da Segunda Divisão (1928)*, todas as competições citadas foram organizadas pela Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA). (KUSSAREV, 1930, grifos do autor)

De uma forma geral, tanto na Mooca como no Belenzinho, os times de futebol de várzea eram comuns nesses bairros fabris de São Paulo e responsáveis pelo lazer das famílias, além de promoverem o companheirismo. Para se ter ideia, o Clube Atlético Juventus e o Clube Leão do Norte eram importantes pontos de encontro para festas e bailes da comunidade croata antes da Sociedade Amigos da Dalmácia (SADA) (Figura 3 – triângulo na cor verde). Já na região central, os pontos de encontro da população croata eram o Clube de Danças Piratininga e a Casa de Portugal.

Ao se avaliar o bairro de Belém, a partir do século XIX, pode-se notar que, por volta dos anos de 1880, ele era povoado pela elite paulista que

ocupava grandes chácaras. O local tinha como principal característica a alta altitude, o ar puro e as muitas árvores, por isso era denominado também de Estação Climática. Tornou-se um lugar propício para pessoas com problemas respiratórios.

O nome do bairro é Belém em devoção a São José do Belém. No ano de 1897, os moradores do bairro juntaram recursos e ergueram uma capela em homenagem a esse santo. Com o passar do tempo, o bairro passou a ser habitado por imigrantes de todas as partes do mundo, inclusive da ex-Iugoslávia.

Em pouco tempo, a parte urbana e calma dos pomares, das plantações e das chácaras foi sendo substituída por uma zona industrial, com atributos mais urbanos, mais ou menos por volta do ano de 1910, principalmente com as construções e intervenções viárias de uma linha de trem, da passagem do Bonde 24, do transporte voltado para a locomoção dos operários e com os preços mais baratos do bonde. Podem-se destacar empresas da área: de vidro de cristais, como por exemplo a Santa Marina; e a de tecelagens, como a do industrial Jorge Street, que em 1917 construiu a primeira vila operária do Brasil – que tinha o nome de sua filha – e a sua empresa era fornecedora da Companhia Nacional de Tecido da Junta.

Essa vila era como uma pequena cidade que visava servir aos operários e tinha não apenas moradias, mas também escola, creche, capela, praça, armazém e ambulatório médico. Existia nela também a Tecelagem Moinho Santista, que funcionou de 1934 a 1980, com a produção através da lã oriunda do Rio Grande do Sul. Desde 1998, nela passou a funcionar o Serviço Social do Comércio (Sesc), Figura 3 – losango na cor verde. (BRÁS..., 2013)

A maior diversão dos trabalhadores das vilas eram os bailes, os *shows* com danças culturais e os cinemas. No período, as maiores salas de cinema do Brasil estavam no Brás e em Belém e podem-se destacar as seguintes salas: Universo, Babilônia, Rocks, Piratinica e Cine Teatro São José no Largo São José de Belém. A maioria delas virou estacionamento nos dias atuais. (BÉLEM..., 2013)

O cinema teve maior crescimento no Brás entre os anos de 1900 e 1930 – devido ao aumento da população dos operários e dos imigrantes na região –, enquanto no bairro da Mooca entre 1940 e 1960. Eram salas bastante simples com amplos galpões de madeira e telhado de zinco, cadeiras e uma tela para exibição. (ASSIS; RUFINONI, 2015; SCHVARZMAN, 2005)

Nos anos 30 e 40, o bairro do Belém podia ser considerado um bairro croata-dálmata, tamanha a presença desses imigrantes, reunidos em até três associações locais. Destaco a existência no bairro, naquela ocasião, do Esporte Clube Dalmácia, de blocos de carnaval formados apenas por jovens da comunidade e a criação de grupos de danças folclóricas, de um coral e de um conjunto musical típico de cordas. Como se vê, ajuntamentos próprios de primeiras gerações de imigrantes, fadados a desaparecer com o tempo, quando netos e bisnetos, já personagens de uma nova cultura local, não se sentirão diante da terra estranha que os avós e bisavós toparam um dia pela frente. (CAMARGO, 2014, p. 23)

No Largo São José do Belém está a Igreja de São José do Belém (Figura 3 – triângulo na cor vermelha), que iniciou suas atividades no dia 15 de agosto de 1897, sendo frequentada por italianos, portugueses e austro-húngaros (MATRIZ..., 2020), e era onde ocorriam casamentos, batizados e missas de sétimo dia.

Ao lado dela, estava a Escola Reunidas do Belenzinho, hoje denominada Colégio Amadeu Amaral (Figura 3 – triângulo na cor laranja), que ainda preserva a arquitetura dos anos 1930. A escola ficava inicialmente na Avenida da Intendência, no bairro do Belenzinho, na Zona Leste da capital paulista, e foi criada em 1907, sob a direção do professor Carlos de Escobar. Em 1908, a escola tinha 129 estudantes em turmas de primeiro e segundo anos. Somente em 1911 ela foi para um novo prédio no Largo São José do Belém, em frente à Paróquia São José do Belém, lá permanecendo até os dias atuais.

A escola foi para lá pois buscava atender ao crescimento da população, que começava a sair do Centro de São Paulo e a se expandir para bairros mais distantes. Essa escola foi onde estudaram as primeiras gerações dos imigrantes croatas. Em 1932, a instituição foi rebatizada como Grupo Escolar Amadeu Amaral, em homenagem ao poeta brasileiro Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteadado. Na década de 1940, uma das salas do segundo andar foi reformada para projetar filmes quinzenalmente para os alunos.

Já na Igreja de São Paulo Apóstolo (simbolizada na Figura 3 pelo círculo na cor rosa) que ficava na Rua Tobias Barretos, de construção datada do fim do ano de 1930 – consta que motivada pela presença dálmata na área –, existe

uma imagem da padroeira de Blato, Santa Vicença, doada pelos imigrantes dálmatas. Nessa igreja, celebra-se ainda hoje, no dia 28 de abril, o Dia de Santa Vicença, com grande presença de membros da comunidade croata-dálmata.

Outro ponto da cultura croata é o Cemitério da Quarta Parada (Figura 3 – círculo na cor roxa), que tem esse nome por ser a quarta estação de trem que saía do bairro do Brás em direção à cidade de Cachoeira Paulista. Hoje essas duas outras estações estão desativadas. Lá estão sepultados grande parte dos imigrantes da ex-Iugoslávia; os dálmatas por exemplo possuem uma relação cultural com a morte.

A relação dos dálmatas com a morte é um traço bastante peculiar de sua identidade cultural. Até hoje, visitar cemitérios em busca de nomes de parentes imigrados pelo mundo é seu hábito. Quando um descendente visita a aldeia de Blato, os locais fazem questão de mostrar-lhe os túmulos dos familiares que ficaram. Nas décadas de 1940, 1950 e 1960 ainda era possível encontrar nas casas de imigrantes dálmatas no Brasil, fotos vindas de Blato e Vela Luka mostrando seus parentes em caixões, bem como dos cortejos fúnebres, sempre acompanhados por banda de música. (CAMARGO, 2017, p. 191)

Já a Pizzaria Ideal foi um empreendimento gerenciado por croatas que funciona até hoje no mesmo espaço. Seus proprietários eram Antun Bacic Kravosac e Petar Sardelić Titinkalo, que administraram a empresa da década de 1950 até meados da década de 1960. Atualmente, a pizzaria pertence a outros donos, que mantiveram a tradição das saborosas pizzas.

Assim, o bairro de Belém tornou-se um local para a classe operária da época devido à proximidade das moradias dos trabalhadores com as fábricas que estavam instaladas nessa área. O bairro pode ser chamado tanto de o Belenzinho como de Belém, o último nome é porque o primeiro era muito grande e não cabia nas placas dos bondes, caindo assim no gosto popular pela praticidade de falar. Os bondes predominaram até a década de 1960.

Não se pode esquecer da revolução de 1924, que foi um conflito violento que ocorreu na cidade de São Paulo, principalmente nos bairros da Mooca, do Belenzinho e do Brás, bairros operários. Tratou-se de um movimento de oficiais do exército, contrários ao governo do então presidente da República, o mineiro Arthur Bernardes, que deflagrou um movimento nacional que, em

São Paulo, resultou na derrubada do então presidente do estado, Carlos de Campos. O Governo Federal reagiu e acabou massacrando a população da cidade. A revolta demorou 23 dias e deixou 503 mortos e 4.846 feridos, em sua grande maioria civis.

Os bairros da Mooca, Brás e Belenzinho foram atingidos por um canhoneiro tão pesado que as ruas ficaram repletas de cadáveres. Os coveiros não davam conta de cavar sepulturas para enterrar todos os mortos, o que levou muitas famílias a enterrar os mortos nos quintais de suas casas. Em 23 de julho, nova tragédia. Dois aviões carregados com bombas começaram a sobrevoar a cidade a elevada altitude, para evitar a artilharia dos rebeldes e atacaram a Mooca. A terra tremeu com as explosões, casas desabaram, muita gente morreu. E logo se percebeu porque este bairro fora escolhido: não encontrando muitos civis dispostos a se engajar na luta, os militares rebeldes procuraram imigrantes italianos, húngaros e alemães, todos muito pobres, e lhes ofereceram 30 mil réis e a promessa de 50 hectares de terra. Muitos não resistiram a mirabolante proposta e se alistaram. Como a Mooca era reduto de trabalhadores italianos, acabou castigada. (PORTAL DA MOOCA, 2020)

Os três bairros sofreram bastante, de forma conjunta, com a revolução de 1924. Devido à grande quantidade de fábricas da região, os locais foram alvo de bombardeios incessantes, o que minou grande parte de suas estruturas. Aos poucos, as indústrias foram se mudando de lugar e os antigos galpões viraram empreendimentos imobiliários, o que tirou parte das características dos bairros. Essas três localidades foram formadas através da imigração e se constituíram como bairros operários, localizados próximos às linhas ferroviárias.

Ainda hoje é difícil quantificar, de maneira precisa, o número de croatas e descendentes de croatas existentes no Brasil. Estima-se que, entre croatas e seus descendentes, esse número seja superior a 45.000, considerando os dois momentos mais significativos da diáspora croata para o Brasil, a primeira na década de 1920, e a segunda, após 1945. (CAMARGO, 2017, p. 184)

A Figura 3 mostra a localização das principais atividades dos imigrantes da ex-Iugoslávia, especificamente a população proletária oriunda da Croácia, em três bairros: Mooca, Belenzinho e Brás. Tal figura foi utilizada pois não houve modificações na delimitação das quadras presentes entre essas três localidades.

Esses três locais têm um marco importante no processo de industrialização de São Paulo, do Brasil e da América Latina, principalmente o bairro da Mooca que é considerado o marco industrial do Brasil e da cidade de São Paulo.

Para a elaboração da Figura 3, foi utilizado o desenho do traçado de São Paulo do ano de 1897, pois mostra a identificação dos principais quarteirões no período. Percebe-se que a área de residência da população croata – representada pelos quatro principais quadrados vermelhos na parte superior da Figura 3 – ficava próxima do trilho do trem, com o objetivo de facilitar o deslocamento dos imigrantes para seu trabalho, bem como o escoamento da produção para o mercado consumidor.

Essa área de residência também fica próxima dos serviços básicos para a população, como por exemplo:

- a Padaria Joana D’Arc, local de encontro desse povo (Figura 3 – círculo na cor branca). Atualmente é um local com várias casas;
- o Cemitério da Quarta Parada (Figura 3 – círculo na cor roxa), que é um dos mais antigos da cidade de São Paulo, que teve sua fundação em seis de janeiro de 1893 e que atendia, no período, a população dos bairros do Brás, de Pari, da Mooca, do Belenzinho e de regiões próximas;
- as igrejas, as quais podem-se destacar duas no bairro do Belenzinho e uma na Mooca. Na primeira localidade, tem-se a Igreja São Paulo Apóstolo (Figura 3 – círculo na cor rosa), onde existe a imagem e a celebração de Santa Vicença, cultuada pelos croatas-dálmatas; e a Igreja São José do Belém (Figura 3 – triângulo na cor vermelha), que reunia a sociedade croata para cultos católicos. No segundo local, destaca-se a Igreja de São Miguel Arcanjo (Figura 3 – círculo na cor cinza), onde realizavam-se casamentos, batizados e velórios da comunidade croata. Essas três igrejas continuam existindo;
- a antiga Maternidade Nossa Senhora do Belém (Figura 3 – círculo na cor azul marinho), local onde nasceram os filhos dos vários

estrangeiros que atuavam no Brasil, inclusive dos antigos iugoslavos. Hoje corresponde ao Hospital Avicenna;

- os trabalhos, em especial na área industrial, os quais podem-se destacar a indústria têxtil, de fiação e de tecelagem Lanifício Fileppo (Figura 3 – losango na cor rosa); a indústria de tecido de lã Lanifício Bradford S/A, hoje prédio residencial (Figura 3 – círculo na cor verde escuro); a empresa de tecelagem Moinho Santista, que corresponde ao atual Sesc (Figura 3 – losango na cor verde claro) e a Fábrica de Aparelhos e Materiais Elétricos (Fame), criada em 1940 pelo Sr. Álvaro Coelho Silva (Figura 3 – triângulo na cor preta). Essa última indústria iniciou suas atividades nos fundos da casa de seu fundador, na Rua Passos nº 220, e depois mudou-se para a Rua Júlio de Castilhos nº 471, em um galpão de apenas 15 m². Ela produziu inicialmente ferros de soldar, fogõezinhos elétricos de uma e duas bocas, e chuveiros elétricos, sendo uma das empresas pioneiras na fabricação desses aparelhos;
- o Colégio Amadeu Amaral (Figura 3 – triângulo na cor laranja), onde estudaram as primeiras gerações dos imigrantes. Atualmente é a Escola Estadual Amadeu Amaral;
- as usinas de pasteurização e de envase do leite, como a União e a Paulista, ambas localizada no Brás, e a Vigor situada no Belenzinho.

Já o único quadrado vermelho, que fica na parte inferior da Figura 3, mostra empresas mais próximas da Rua Borges de Figueiredo (Figura 3 – quadrado na cor branca), onde existiam diversos galpões (Figura 3 – quadrado na cor preta) sequenciados de fábricas, que definiram o bairro da Mooca como industrial. Pode-se destacar pelo menos seis empreendimentos: Sociedade Anônima Vanorden; Grandes Moinhos Minetti Gamba; remanescentes das indústrias Matarazzo; Duchen e Fiat Lux; galpões e armazéns da Artec; conjunto de depósitos para café; Sociedade Técnica Bremensis e Schmidt Trost.

Sociedade Anônima Vanorden: 17 galpões modulares e um edifício de 2 pavimentos que antigamente servia como gráfica e editora. Rua Monsenhor João Filipo, 1. (MAZZANTE, 2019, grifos nossos)

Grandes Moinhos Minetti Gamba: Originalmente serviam para moagem de trigo, beneficiamento de arroz e fabricação de óleo e sabão. Entre suas

construções de alvenaria, destaca-se o antigo moinho. Rua Borges de Figueiredo, 300, 498 e 510. (MAZZANTE, 2019, grifos nossos)

Remanescentes das indústrias Matarazzo, Duchen e Fiat Lux: Construídos diagonalmente à linha de trem, os galpões fabricavam fósforos, óleo e biscoitos. Rua Borges de Figueiredo, 696 a 826. (MAZZANTE, 2019, grifos nossos)

Galpões e armazéns da Artec: Antiga empresa que fornecia tinturaria e estamparia de tecidos, seus galpões são formados por dois grupos de quatro módulos iguais, construídos com alvenaria aparente. Rua Borges de Figueiredo, 964 a 1004. (MAZZANTE, 2019, grifos nossos)

Conjunto de depósitos para café: Composto por 12 galpões modulares, o conjunto tinha a finalidade de armazenar café, até ser utilizado pelo Ceagesp (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo). Suas estruturas são de concreto armado, possui alvenaria aparente e cobertura de duas águas. Rua Borges de Figueiredo, 1098 a 1250. (MAZZANTE, 2019, grifos nossos)

Sociedade Técnica Bremensis e Schmidt Trost: Conjunto diferenciado, com recuo da rua e composto por três galpões de dois pavimentos ladeados por um galpão menor. Destacam-se pelas testadas triangulares, voltadas para a ferrovia. Rua Borges de Figueiredo, 1294 e 1358. (MAZZANTE, 2019, grifos nossos)

Percebe-se que a localização das empresas próximas às ferrovias foi responsável pela formação dos bairros dos imigrantes, inclusive os croatas, bem como pelo apoio ao processo de industrialização e a formação dos bairros dos operários. Um exemplo disso é a localização estratégica da SADA (Figura 3 – triângulo na cor verde), que se instalou na região do Belenzinho a partir dos anos 1950, pois ficava, levando em consideração as caminhadas, aproximadamente a:

- 25 minutos ou 2,3 km da Rua de Concentração Industrial (Figura 3 – quadrados nas cores brancas e pretas);
- 15 minutos ou 1 km do Hipódromo de São Paulo (Figura 3 – losango na cor amarela);
- 12 minutos ou 1 km do Largo Ubirajara, tradicional ponto de encontro dos membros da comunidade aos domingos, que possui uma localização importante pois liga a Mooca ao Belenzinho (Figura 3 – triângulo na cor azul marinho);

- 10 minutos ou 800 metros da Dalmácia Esporte Clube, local do antigo campo de futebol do povo croata (Figura 3 – losango na cor roxa);
- 9 minutos ou 900 metros da Igreja de São Miguel Arcanjo (Figura 3 – círculo na cor cinza);
- 9 minutos ou 900 metros do estábulo dos cavalos próximo ao Jockey, motel pousada do Cowboy (Figura 3 – losango na cor laranja).

Nas interpretações do tempo de caminhada, levou-se em consideração as questões geográficas do terreno. Por isso que em alguns lugares pode-se ter um tempo maior em um percurso menor ou um tempo menor em uma distância maior. Utilizou-se como parâmetro a caminhada, uma vez que na época as pessoas caminhavam muito e eram poucas as pessoas que tinham carro, pois esse tipo de veículo era apenas para as pessoas ricas.

Já a distância, em caminhada, da moradia dos croatas (na Rua Sapucaia, no bairro da Mooca, Figura 3 – quadrado vermelho na posição inferior) para a área dos Galpões (na Rua Borges de Figueiredo, no bairro da Mooca, Figura 3 – quadrados nas cores preta e branca) era de aproximadamente 30 minutos. Em relação aos quatro principais quadrados vermelhos na parte superior da Figura 3, o tempo médio de caminhada é de 34 minutos (Quadro 4), reafirmando que os trabalhadores moram na proximidade do seu trabalho e da sua diversão. É por conta disso que o bairro da Quarta Parada hoje tem esse nome, pois era próximo da quarta parada do trem no bairro do Belenzinho.

Quadro 4 – Local de residência dos croatas em São Paulo (Brasil), entre os anos de 1920 e 1950.

Local de residência croata	Bairro nos dias atuais	Tempo (minutos)	Distância (km)
Rua Serra de Jairé	Mooca	41	3,3
Rua Cidade de São Simão	Quarta Parada	38	3
Vila Anete	Quarta Parada	37	3
Rua Caá-Açu	Mooca	21	2,5
Média		34,25	2,95

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Algumas empresas ficavam próximas da linha do trem com o objetivo de escoar a produção, entre as quais se destacam: Seletto (Figura 3 – círculo na cor amarela), Gardano (Figura 3 – losango na cor cinza) e Duchén (Figura 3 – círculo na cor azul).

A empresa de café denominada Seletto – que hoje tem, em suas instalações, uma empresa de telemarketing – foi criada em 1950 pela família Hoinks, a qual fundou uma torrefação no bairro do Belenzinho. Essa empresa ficava próxima da linha de trem e foi um dos cafés mais vendidos em São Paulo.

A indústria de chocolate Gardano (Figura 3 – losango na cor cinza) foi aberta por um casal de italianos no bairro do Brás. Os carros chefes da marca, com certeza, foram o chocolate em pó Gardano e o tradicional Alpino, que continuam em produção até os dias atuais, período em que a marca está associada a Nestlé.

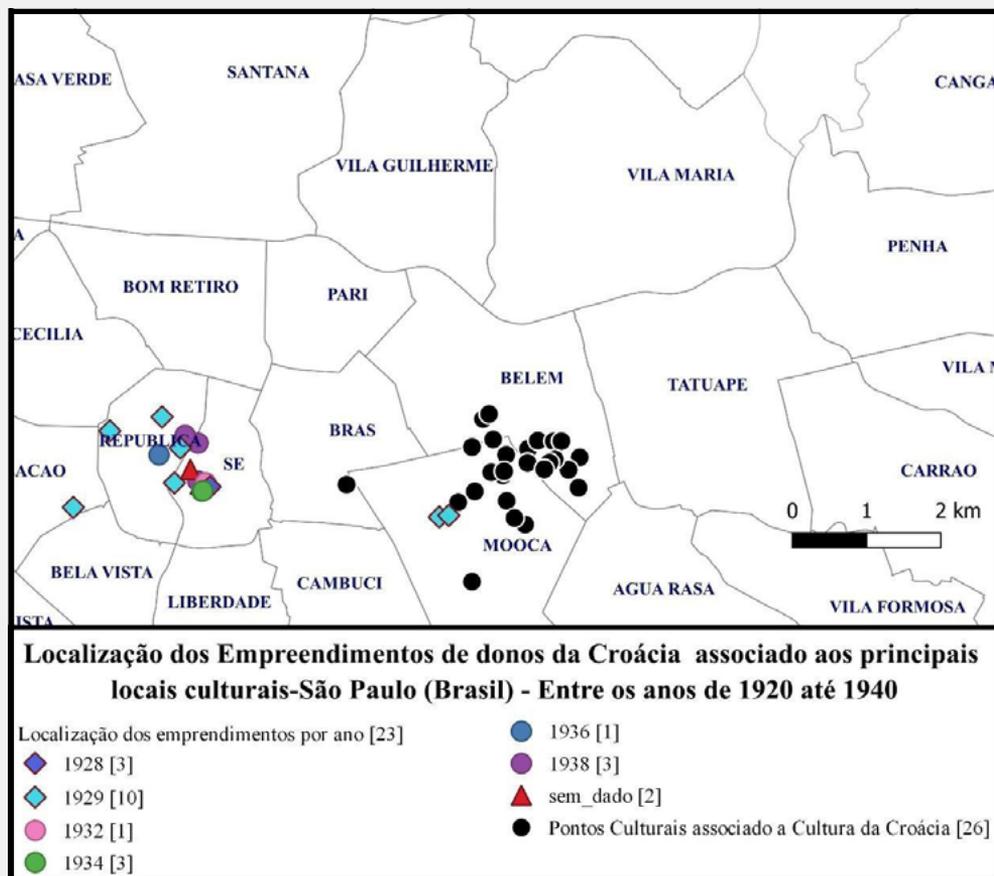
A empresa de biscoitos Duchén (Figura 3 – círculo na cor azul) iniciou suas atividades na Mooca, na Rua Borges de Figueiredo, no ano de 1903. Já no ano de 1951 foram para a Rodovia Presidente Dutra, que foi projetada por Oscar Niemeyer. A construção da empresa foi demolida na década de 1980 e hoje é o estacionamento de uma transportadora.

Ao analisar os principais pontos identificados que a Figura 3 possui, constatou-se que há 27 organizações que complementam as informações da Figura 2, que tem 26 empreendimentos. O Museu da Imigração (Figura 3 e Figura 2 – losango na cor azul claro), que se encontrava conforme dados históricos na Mooca, está atualmente no bairro do Brás de acordo com dados recentes.

Havia a predileção dos empreendedores de origem croata em estabelecerem seus negócios nas proximidades dos seus pontos culturais ou de povos com os quais tinham afinidades. A Figura 4 a seguir apresenta os empreendimentos croatas por ano de abertura, que surgiram entre 1920 e 1940, dentre os quais é possível destacar o ano de 1929 (losango na cor azul), que teve dez empreendimentos, o que corresponde a 43% do total das empresas. Já os anos de 1928 (losango na cor roxa), de 1934 (círculo na cor verde escura) e de 1938 (círculo na cor roxa) tiveram três empreendimentos cada, ou seja, 13% do total de organizações. Os anos que menos tiveram empreendimentos abertos foram 1932 (círculo na cor rosa) e 1936 (círculo na cor azul escuro), cada um teve o equivalente a uma instituição, ou seja, 4% do total. Também tiveram duas organizações (triângulo na cor vermelha) em que não foram detectados os anos de suas aberturas, isso condiz ao valor de 2% do total de empreendimentos presentes.

Percebe-se que há concentração desses empreendimentos de empresários croatas nos bairros da Sé e da República a partir de 1929, regiões com aglomeração das atividades culturais mencionadas anteriormente e presentes a seguir na formulação da Figura 4. Houve apenas dois empreendimentos na Mooca e um fora dos limites da capital de São Paulo, sendo essas três organizações oriundas do ano de 1929. Assim, a maior parte dos empresários croatas concentraram suas atividades empresariais entre o ano de 1920 e 1940, fora da área residencial e de trabalho da população proletária, de origem da Croácia, e dos principais pontos culturais do povo croata na cidade de São Paulo originados antes de 1929.

Figura 4 – Localização dos empreendimentos croatas e os pontos culturais estabelecidos em São Paulo, entre 1920 e 1940



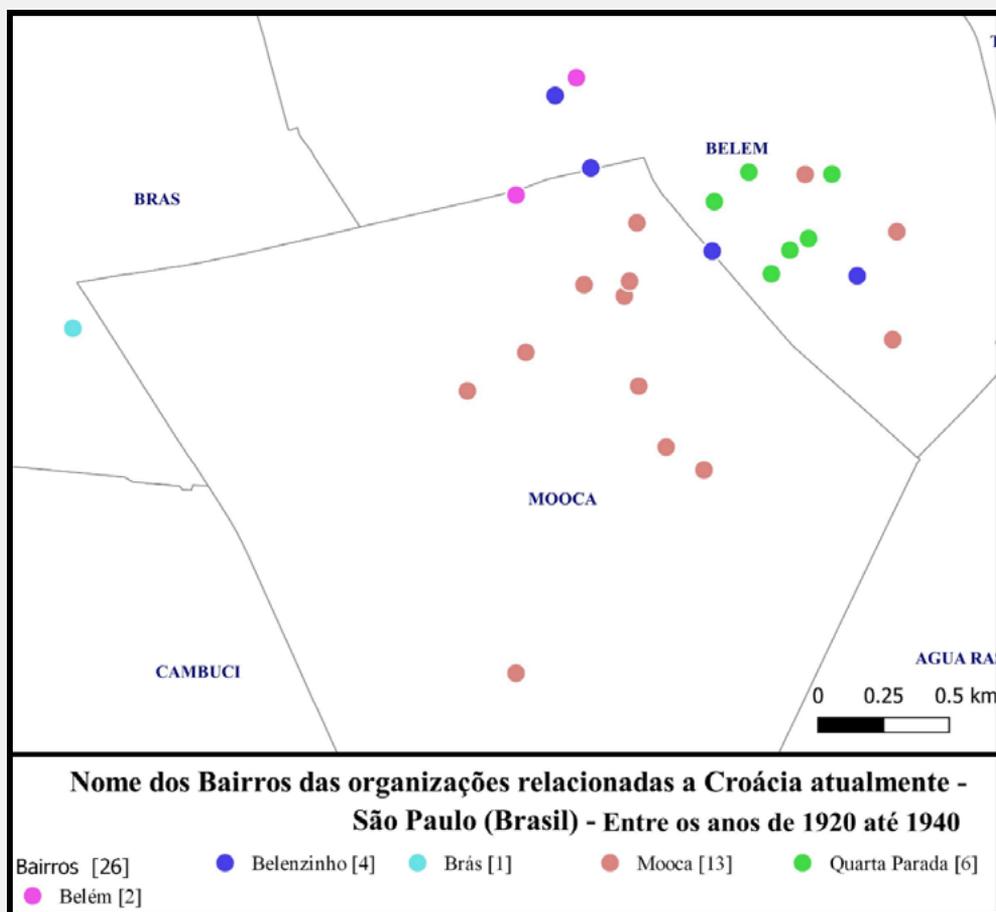
Fonte: elaborada pela própria autora (2020).

Diferentemente dos operários que chegaram antes de 1929, percebe-se que os empreendedores croatas que vieram a partir de 1928 puderam usufruir de uma infraestrutura no país melhor configurada em relação aos seus antepassados que vieram antes desse período.

Já a Figura 5 a seguir identifica a localização de alguns empreendimentos croatas a partir da posição dos bairros no ano de 2020. Nela constata-se que 13 encontram-se na Mooca (círculo na cor marrom); seis na Quarta Parada (círculo na cor verde); quatro no Belenzinho (círculo na cor azul escuro); dois em Belém (círculo na cor rosa) e um no Brás (círculo na cor azul claro).

Figura 5 – Localização dos 26 empreendimentos croatas relacionados aos limites dos bairros existentes no ano de 2020, em São Paulo, entre 1920 e 1940

62

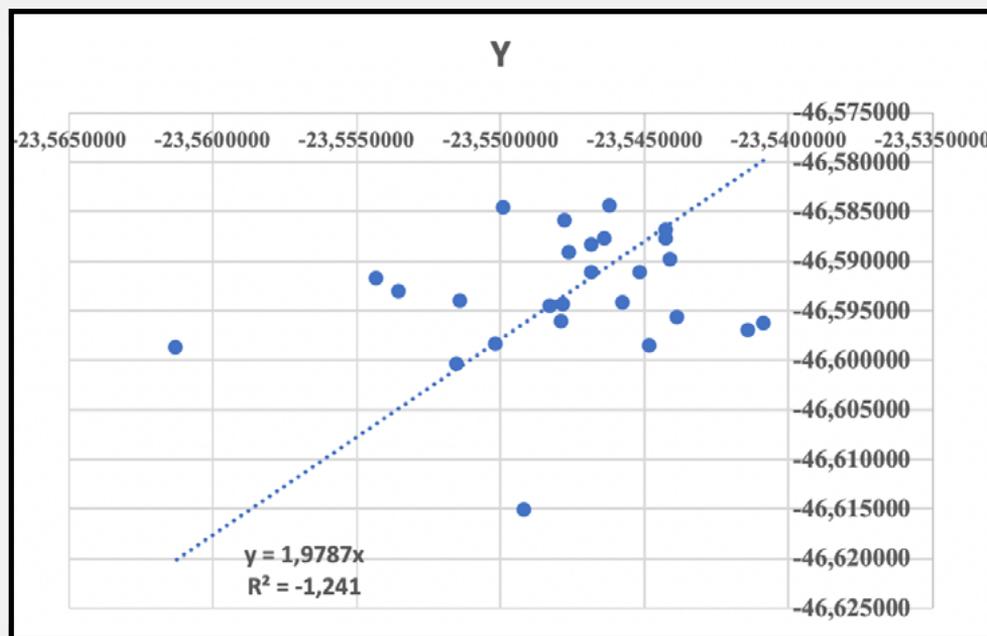


Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ao analisar a correlação de apenas 26 pontos de capital cultural, presentes na Figura 5, tem-se que $r = 0,196$, mostrando uma correlação positiva representada nas Figuras 6 e 7 a seguir. Apesar de ser positiva, os pontos não estão tão próximos da linha de tendência. Há uma distância em relação a essa linha (Figura 6), mostrando que há uma grande dispersão entre os pontos, ou seja, a distância para a população se deslocar entre os dois bairros demanda mais do que 15 minutos de caminhada para que sejam considerados um *cluster* perfeito. Isso é confirmado pelos dados do Quadro 4.

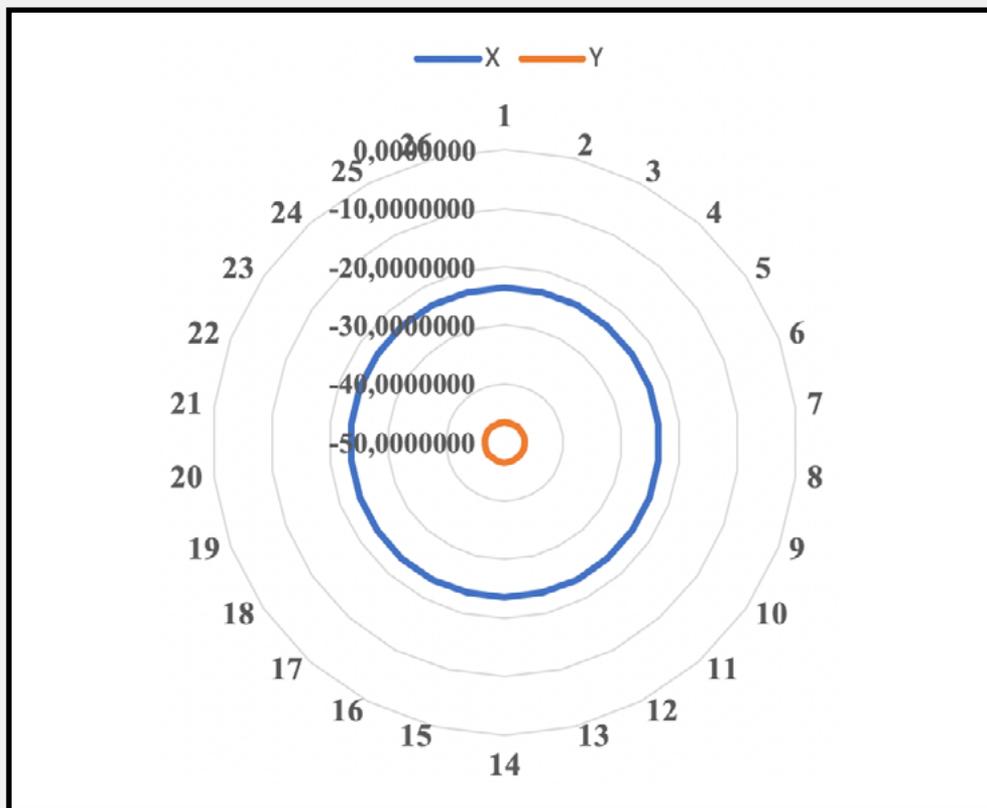
Outro aspecto que colabora com essa análise são os pontos da Figura 7, de representação de radar, pois percebe-se que os pontos culturais não estão tão próximos do centro, mostrando que não é um *cluster* cultural perfeito, ou seja, há rede de cooptação, mas não é tão forte.

Figura 6 – Gráfico de dispersão do capital cultural croata nos bairros da Mooca e do Belenzinho, em São Paulo, entre os anos de 1920 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Figura 7 – Gráfico de radar do capital cultural croata nos bairros da Mooca e do Belenzinho, em São Paulo, entre os anos de 1920 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Se a localização dos pontos culturais for associada apenas com as moradias dos bairros da Mooca e do Belenzinho, o valor da correlação de Pearson (r) é de 0,96, ou seja, uma correlação perfeita – representada pelas Figuras 8 e 9 –, já que o n° está muito próximo de 1. Assim, existe uma correlação positiva muito forte entre o capital social e as moradias da população croata, representados na Figura 3.

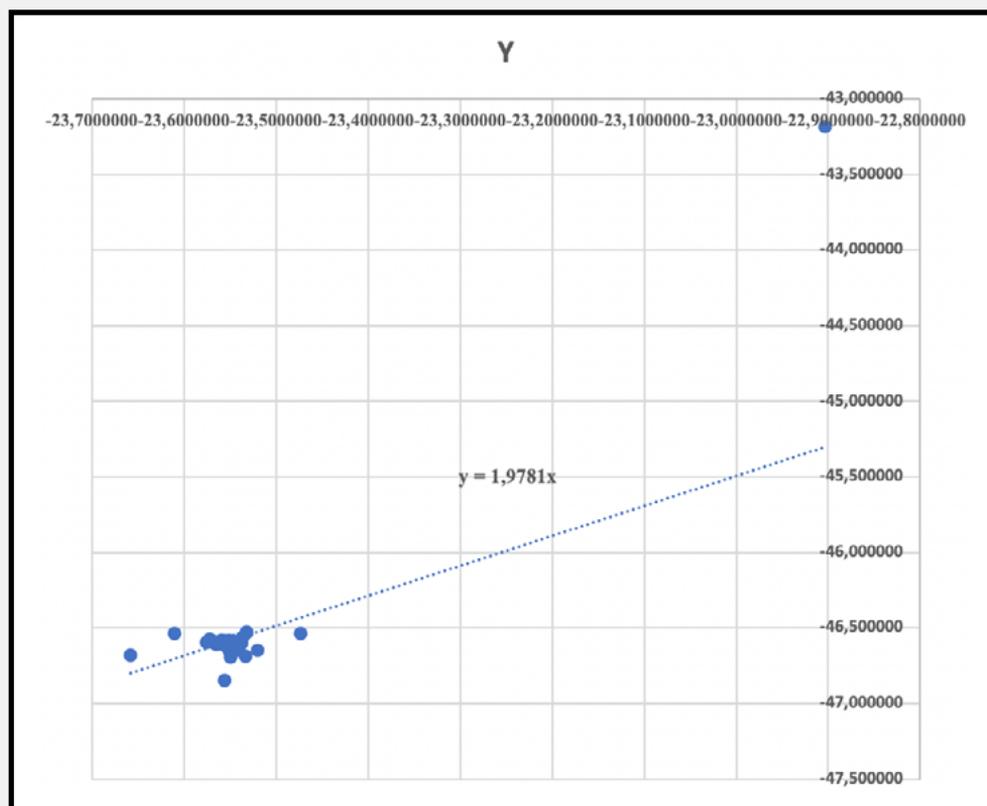
Isso mostra que, no período, as moradias dos bairros da Mooca e do Belenzinho estavam tão próximas dos pontos culturais e do trabalho dos imigrantes que o deslocamento de caminhada em média podia ser realizado em 34 minutos, o que corresponde a 2,95 km (Quadro 4). Por isso que muitos imigrantes faziam a opção de morar próximo às indústrias ou promover atividades culturais próximo de onde residiam ou trabalhavam,

até porque, no período em estudo, a maior parte do deslocamento era feito com caminhadas.

Ao fazer a representação desse $r = 0,96$, tem-se a Figura 8, apresentada a seguir como gráfico de dispersão, e percebe-se que os pontos estão muito próximos e concentrados na linha de tendência, mostrando uma forte rede entre as moradias e a parte do emprego e da cultura; assim como a Figura 9, gráfico de radar, mostra os pontos todos na parte central do gráfico, mostrando que há cooptação e rede entre três fatores: moradia, emprego e cultura.

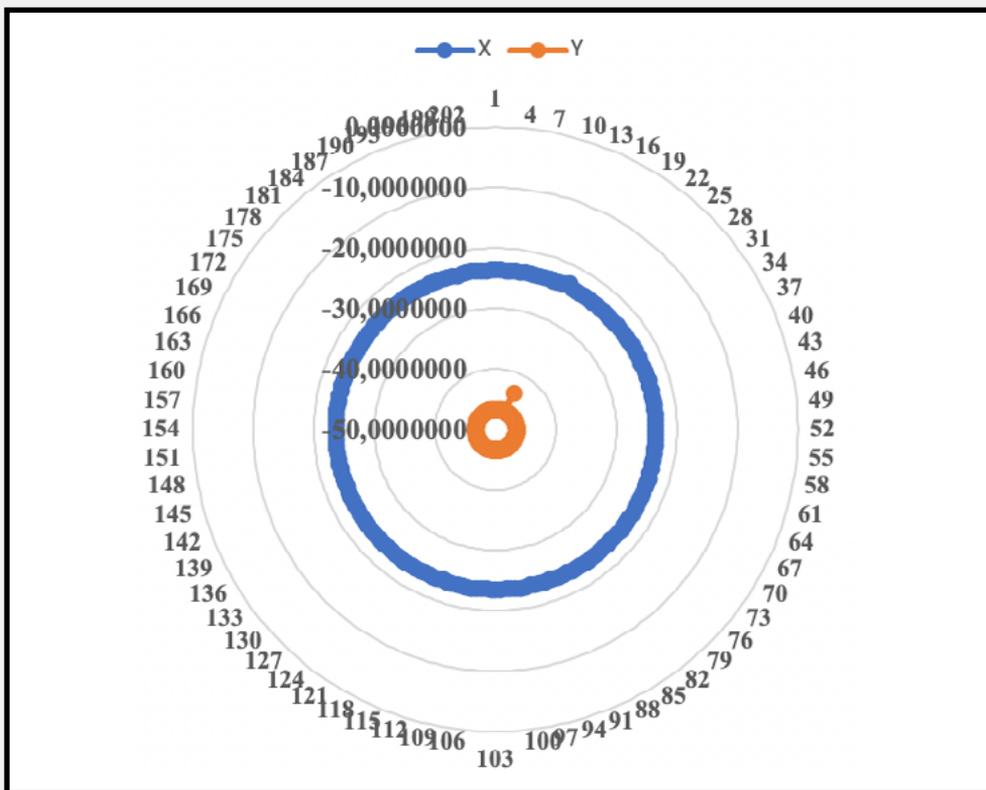
Ao fazer apenas das moradias dos bairros da Mooca e do Belenzinho percebe-se que o $r = 0,98$, mostrando que havia uma rede social e cultural entre os moradores de ambos os bairros.

Figura 8 – Gráfico de dispersão do capital cultural e das moradias croatas nos bairros da Mooca e do Belenzinho, em São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Figura 9 – Gráfico de radar do capital cultural croata nos bairros da Mooca e do Belenzinho em São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2020).

O próximo capítulo explanará os empreendimentos croatas nos bairros da Sé e da República.

PRESENÇA CROATA NOS BAIRROS DA SÉ E DA REPÚBLICA

Este capítulo mostra a localização dos principais empreendimentos dos imigrantes croatas presentes nos bairros da Sé e da República a partir de um breve relato histórico de ambas as localidades, o que revela que a Biblioteca Central, as universidades e toda a parte cultural que surgia nesse período tiveram importância para a implantação do empreendedorismo dos imigrantes croatas na região.

Para a confirmação dos dados encontrados através do geoprocessamento, foram utilizadas representações gráficas, além dos cálculos da correlação de Pearson (r) no que se refere às distâncias entre os empreendimentos croatas, com o objetivo de reafirmar as representações cartográficas. No final do capítulo, é feita a análise, através de mapas e gráficos, do que existe hoje no lugar das organizações croatas do ano de 1900 até aproximadamente o começo de 1950, quando se inicia um novo capítulo na história da imigração croata.

Cluster dos empreendimentos da população croata nos bairros da Sé e da República: breve histórico

A Figura 10, apresentada a seguir, mostra os principais tipos de empresa dos empreendedores croatas na capital paulista, de 1920 até 1940, a partir do *cluster* de empreendimentos identificado anteriormente na Figura 1. Percebe-se que das 23 organizações, apenas quatro não estão nos bairros da Sé e da República, ou seja, 79% estão localizadas dentro desses dois bairros, pois correspondem à parte do Centro Histórico de São Paulo da época.

A Sé corresponde ao marco zero da cidade de São Paulo. Essa localização foi implantada para enumerar as residências da região e para, mais tarde, ser utilizada para demarcar a distância entre qualquer rodovia que partisse de São Paulo até o coração da cidade.

No final do século XVI, existia apenas o povoado de São Paulo de Piratininga, onde hoje é o Pátio do Colégio. A partir daí, as igrejas do Carmo, de São Bento e de São Francisco formavam o que se chama atualmente de Triângulo Histórico. Na frente dessas três igrejas, se desenvolveram largos que abrigavam atividades comerciais, religiosas e educacionais. No início do século XX, as antigas construções foram demolidas e foram erguidos a igreja e o mosteiro que vemos lá hoje.

A República era um dos mais tradicionais pontos da cidade. Seu nome inicial foi Praça das Milícias, pois servia de treinamento para os militares, depois se tornou o Largo dos Curros, por ter abrigado touradas e cavalgadas, e somente no ano de 1889 teve a denominação atual para homenagear a Proclamação da República do Brasil. (NIZ, 2019)

A modernização da localidade da República iniciou por volta do ano de 1892, devido a construção do Viaduto do Chá, que ligava o chamado Centro Velho com o Centro Novo. Essa obra ajudou na ocupação dos arredores da Praça da República, pois o transporte para chegar à essa localidade se tornou algo fácil, devido ao fluxo locomotivo para levar pessoas ao comércio e aos serviços, motivo pelo qual há a instalação de atividades comerciais croatas nessa área.

Para se ter ideia desse fluxo, tinham várias empresas de ônibus que passavam por lá, com o nome “cidade”, se referindo ao centro da cidade. Tinha também diversas linhas e diversos tipos de transporte público, por exemplo, os carros tracionados por cavalos, os bondes, os ônibus e os modernos trólebus, que eram sinônimo de desenvolvimento tecnológico na metrópole.

Já no ano de 1905, o espaço passou por uma grande reforma, com inspiração nas praças da Europa, em que lagos e pontes foram construídos. Também foi berço dos protestos da Revolução Constitucionalista de 1932, movimento contra o governo do presidente Getúlio Vargas e, na década de 1940, foi ponto de encontro para colecionadores e cambistas, embrião do que é hoje a Feira de Artesanato da Praça da República. Essa feira (que possui diversidade artesanal, como pode ser observado no Guia SP sobre a Praça da República) surgiu como forma de mostrar e de vender o artesanato de vários povos presentes na localidade – a chegada dos hippies, já regularizada pelas autoridades, foi na década de 1960.

Até final dos anos 1930, a vida cultural de São Paulo ficava do outro lado do Viaduto do Chá. Após os anos 1930 e o início dos anos 1940, a Biblioteca Central foi para essa região e passou a atrair boa parte dos estudantes de São Paulo, inclusive da Escola de Filosofia. Em meados da década de 1940, começaram a chegar na região as redações dos jornais, bem como as sedes das rádios, das livrarias, dos cafés e dos cinemas – os quais destacam-se Marabá e Ipiranga –, em que as pessoas se uniam para promover intercâmbio cultural deixando de lado ideologias políticas. (REPÚBLICA..., 2013)

Nesse período, os livros eram artigo de luxo, muitos livros vinham de fora do país e sua redação era em outro idioma. A biblioteca tinha o papel social de acessibilizar os livros para todos os alunos, tornando-se bem movimentada e o coração do lugar pela proximidade das Faculdades de Filosofia, Sociologia e Política, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e da Mackenzie. Tal fato cria o universo da leitura entre essa comunidade, que precisa de serviços e de produtos a serem demandados. Os negócios croatas surgem nesse contexto para atender a essas demandas a nível local.

Assim, tem-se os seguintes empreendimentos (Figura 10): agência de viagens e transportes (círculo na cor roxa); banco (losango na cor roxa); restaurante (losango na cor branca); camisaria (círculo na cor azul marinho); gráfica (triângulo na cor vermelha); loja de brinquedos (triângulo na cor branca); bomboniere-loja de doces (losango na cor azul); biblioteca ou sala de leitura com características de livraria (losango na cor amarela); dentista (círculo na cor preta); adegas (losango na cor rosa); cirurgião dentista (círculo na cor branca); cabeleireiro (círculo na cor verde); sapataria (círculo na cor branca com ponto preto no centro); tinturaria (círculo na cor verde com ponto preto no centro);

importação-consignação (triângulo na cor laranja); e importação e exportação (círculo na cor amarela). Todas as organizações anteriores têm uma quantidade igual a um, com exceção das empresas de importação-consignação, das associações de apoio social e das gráficas; cada uma tem uma quantidade igual à dois.

Outro aspecto é que todos os empreendimentos croatas citados anteriormente estão até 15 minutos ou numa distância máxima de 1,2 km de caminhada da Biblioteca Central do período, dos bairros da Consolação, da Sé e da República. Já os da Mooca estão a uma distância da biblioteca de mais ou menos 5 km de caminhada, o que corresponde aproximadamente a uma hora de caminhada.

Para contemplar e para dar apoio e auxílio a população dos antigos iugoslavos e dos seus empreendimentos, surgem no bairro da Sé a Associação de Apoio Social, a Cooperativa Popular Yugoslava e a Diplomática.

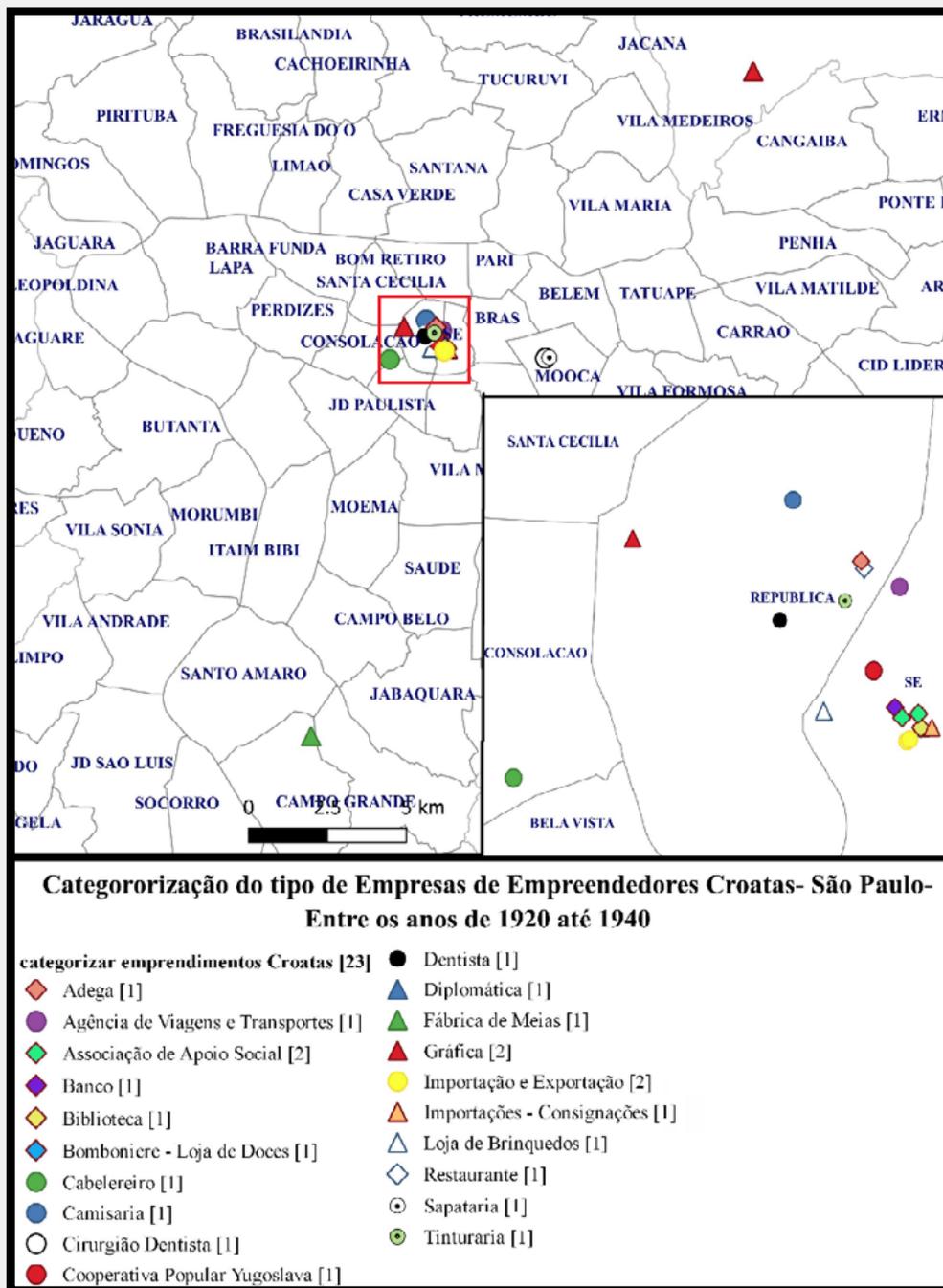
Na Figura 10, há também um empreendimento no bairro da Consolação, trata-se de um cabeleireiro (círculo na cor verde) e de duas organizações na Mooca, que são atividades de cirurgia na área de odontologia (círculo na cor branca) e de sapataria (círculo na cor branca com ponto preto no centro). O bairro da Consolação iniciou-se com a construção da Igreja da Nossa Senhora da Consolação e depois do cemitério, onde foram enterradas pessoas da nobreza, artistas e barões do café.

É bom esclarecer que uma empresa, relacionada à atividade gráfica, (triângulo na cor vermelha – Figura 10) está fora da capital e que o empreendimento denominado Fábrica de Meias (triângulo na cor verde – Figura 10) encontra-se distante da concentração de empresas croatas, no bairro do Campo Grande.

O bairro do Campo Grande inicialmente foi planejado, por volta de 1913, para ser uma área nobre, residencial e arborizada. Entretanto, isso não foi adiante a partir da década de 1950, quando se iniciou um processo industrial, principalmente de indústrias fabris. Atualmente seus galpões começaram a ser desativados e vendidos para incorporação imobiliária.

Ao analisar a correlação apenas dos 23 empreendimentos croatas presentes na Figura 11, apresentada a seguir, tem-se que $r = 0,76$, mostrando uma correlação positiva e forte, pois os pontos estão próximos da linha de tendência e há pouca dispersão em relação a essa linha, ou seja, esses dois bairros têm uma grande concentração de empreendimentos croatas em um tempo médio de 15 minutos de caminhada entre eles. Assim, considera-se um *cluster* perfeito, mostrando que esses empreendimentos, fisicamente e geograficamente, possuíam algum tipo de relação em rede, de parceria ou de cooperação.

Figura 10 – Mapa da categorização do tipo de empresa de empreendedores croatas, em São Paulo, entre os anos de 1920 e 1940



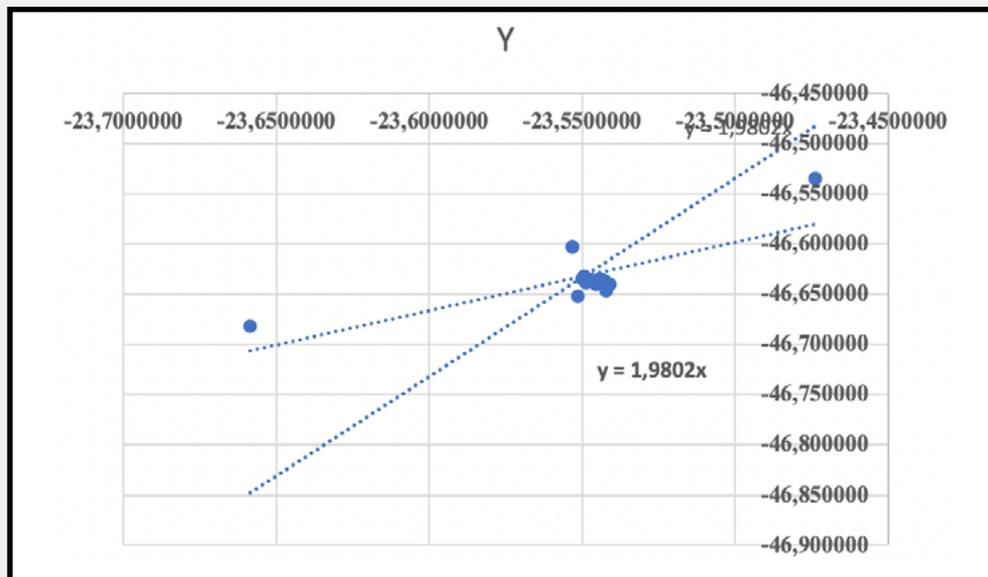
Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ao analisar a Figura 11, gráfico de dispersão, percebe-se que a maioria dos pontos está agrupada nas linhas de tendência, mostrando uma forte rede entre os empreendimentos. Inclusive, no ponto de cruzamento entre essas duas linhas se encontra a maior concentração do *cluster*. É relevante lembrar que esses empreendimentos foram constituídos a partir da Biblioteca Central, antes de ela estar próxima do Viaduto do Chá e antes do ano de 1930.

Do Viaduto do Chá até o ponto em que a biblioteca foi construída, a partir de 1930, a distância é de aproximadamente 650 metros, o que dá uma caminhada de oito minutos. Ou seja, a modificação da biblioteca não influenciou tanto os empreendimentos croatas, nem mesmo aqueles que foram instalados antes de 1930.

72

Figura 11 – Gráfico de dispersão dos empreendimentos croatas nos bairros da Sé e da República, em São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940

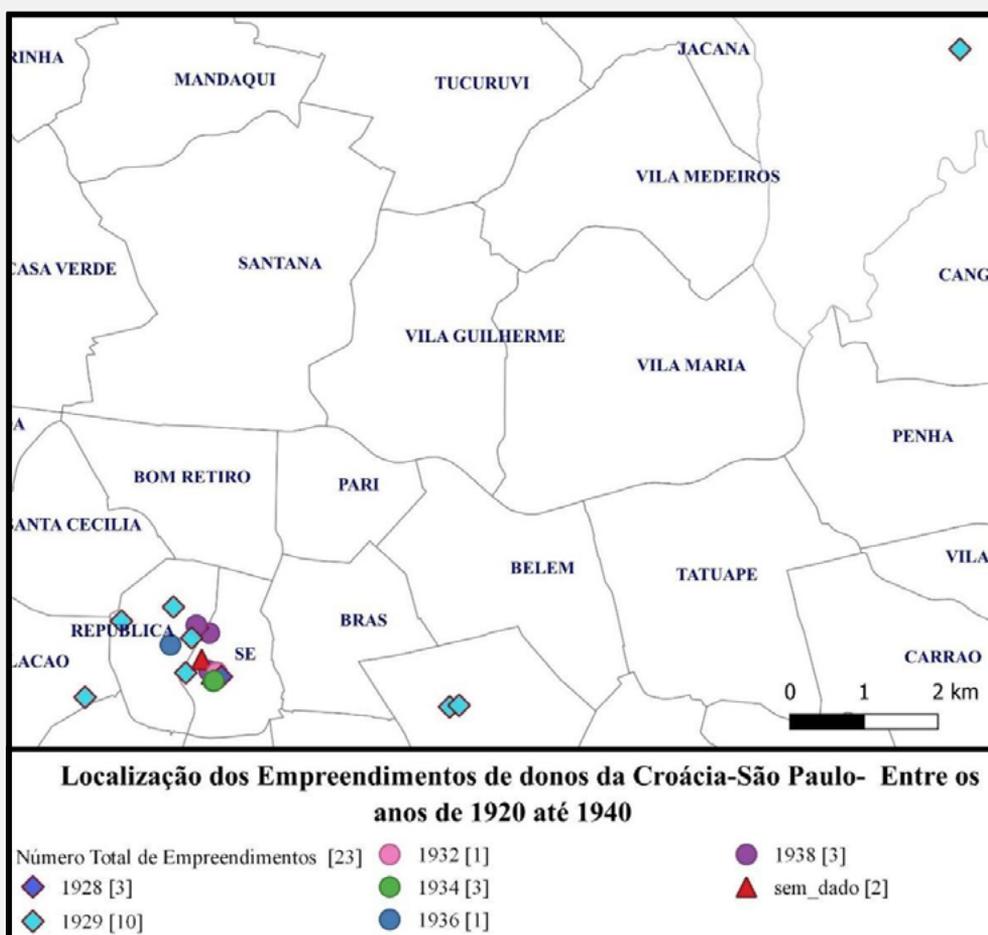


Fonte: elaborada pela autora (2020).

A Figura 12 mostra a localização dos 23 empreendimentos croatas por ano de instalação. Constata-se que 57% do total de organizações, o que equivale a 13 empresas, abrem suas atividades antes de a biblioteca mudar de local. Nesse período, 13% (o que representa três empreendimentos)

corresponde ao ano de 1928 e 43% (o que equivale a dez organizações) ao ano de 1929. Os outros se instalaram após o ano de 1930, conforme apresentado a seguir.

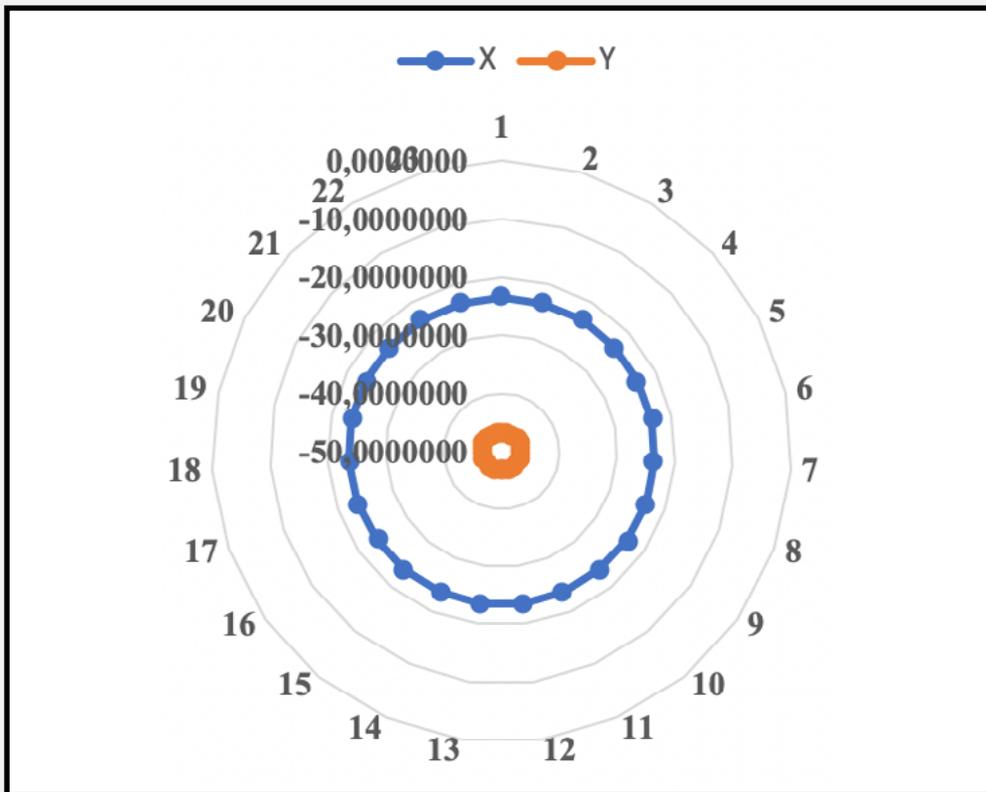
Figura 12 – Implantação dos empreendimentos croatas nos bairros da Sé e da República por ano, em São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Já a Figura 13, gráfico de radar, colabora com a anterior Figura 11 e com o valor de $r = 0,76$, pois mostra que os empreendimentos croatas estão no centro do gráfico, ou seja, existem redes de relações entre os negócios do bairro.

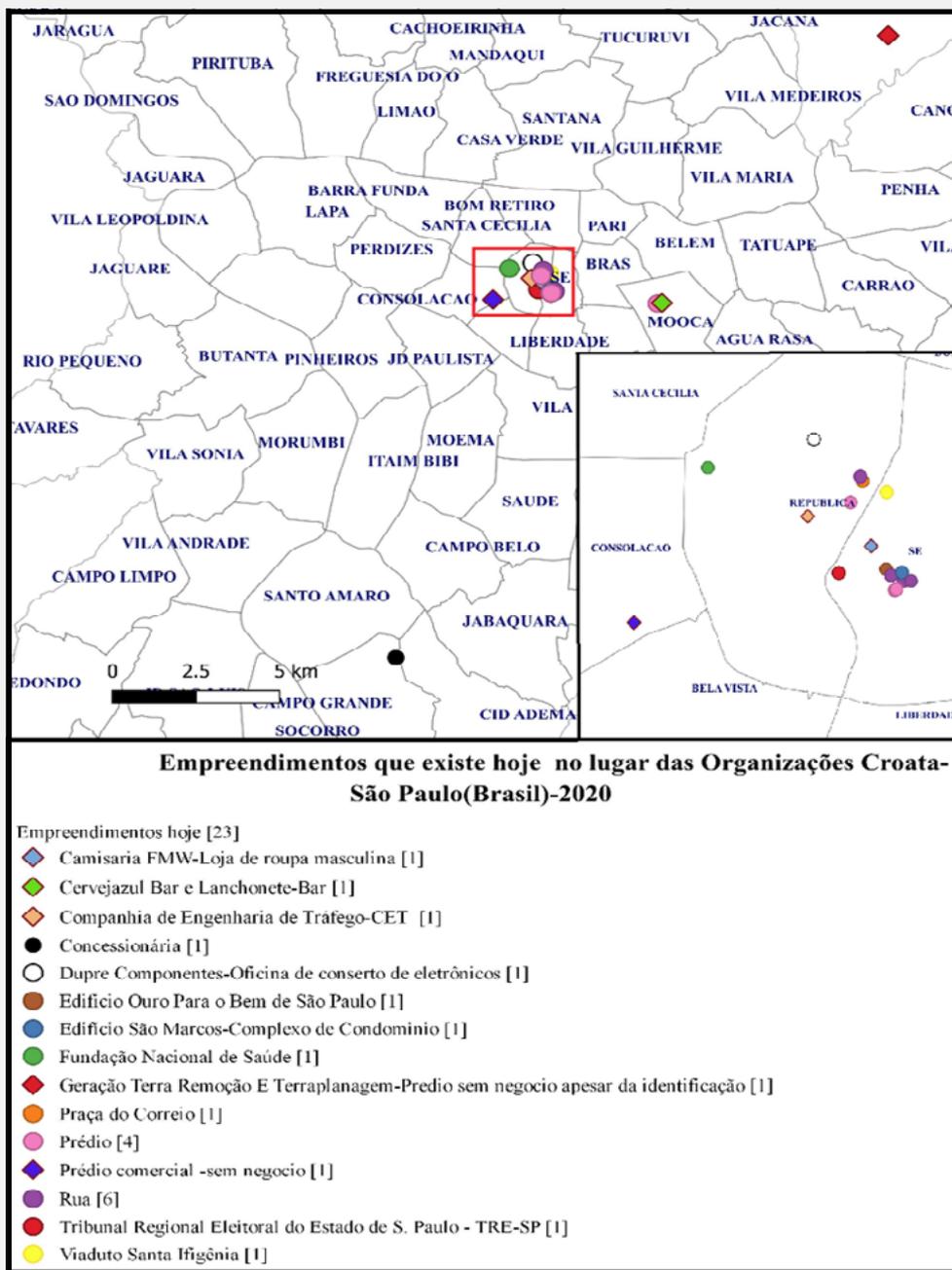
Figura 13 – Gráfico de radar dos empreendimentos croatas nos bairros da Sé e da República, em São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2020).

A Figura 14 mostra o que existe no ano de 2020 nos locais das empresas croatas apresentadas anteriormente na Figura 12. Percebe-se que não há nenhum daqueles empreendimentos do período de 1928 até 1938 e que 52% daquelas organizações se transformaram em prédios residenciais, condomínios residenciais ou ruas, ou seja, hoje, no ano de 2020, não houve a continuidade das atividades empreendedoras dos croatas na localidade.

Figura 14 – Empreendimentos que existem no lugar das organizações croatas em São Paulo no ano de 2020

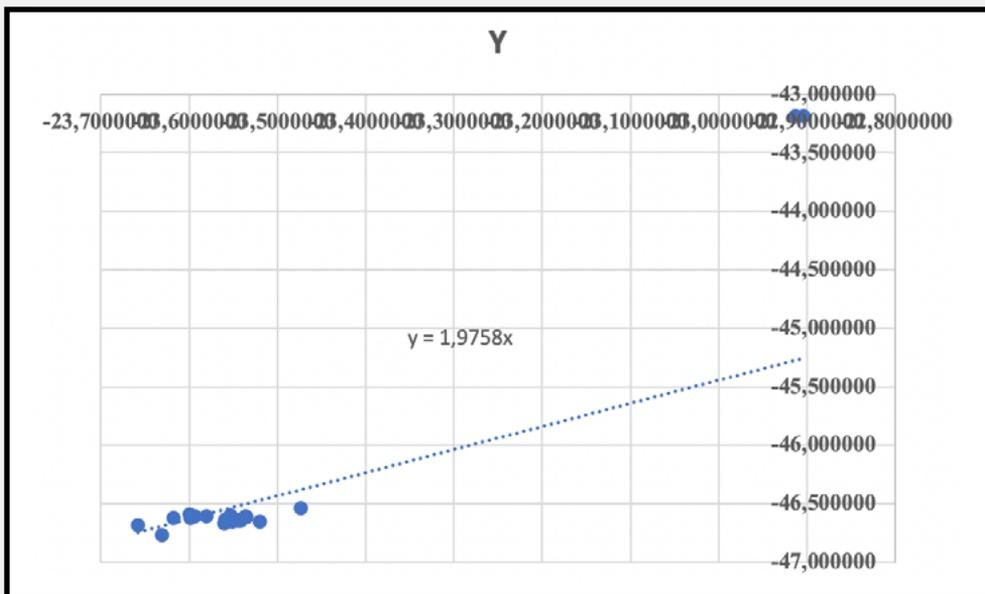


Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ao analisar a localização das moradias croatas e os empreendimentos dos bairros da Sé e da República tem-se um $r = 0,98$. Esse índice mostra uma forte relação entre os empreendimentos e as moradias croatas presentes nesses dois bairros. Consta-se que os pontos estão muito próximos da linha de tendência, confirmando uma forte rede entre as organizações e as moradias (Figura 15, a seguir). A Figura 16, em sequência, colabora com essa análise através de um gráfico de radar que mostra todos os pontos na parte central do gráfico, revelando uma rede entre empreendimento e moradia.

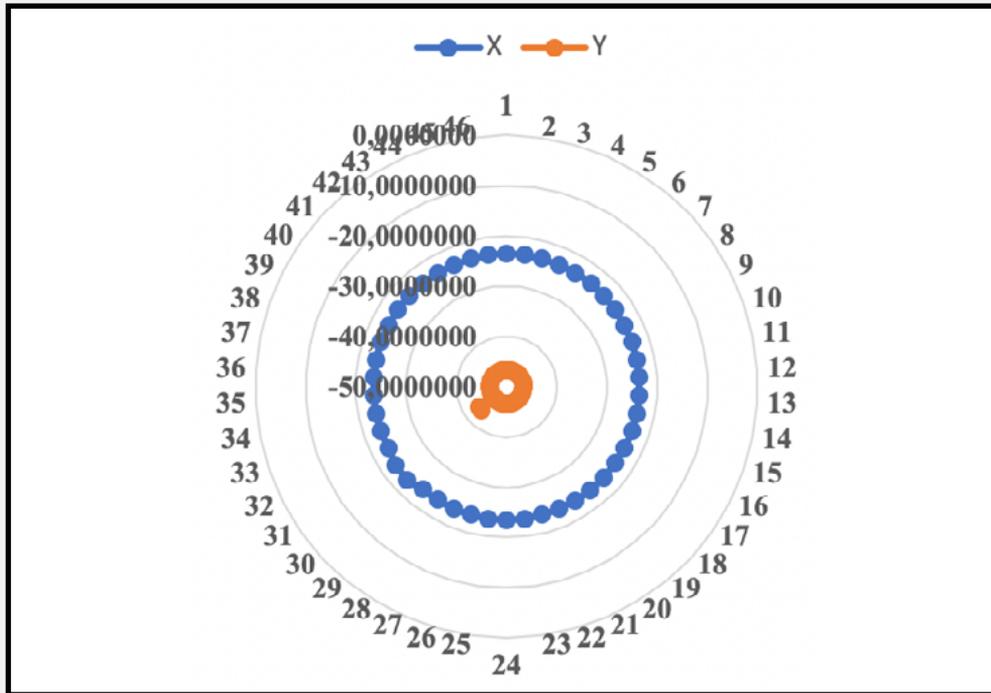
Figura 15 – Gráfico de dispersão dos empreendimentos e das moradias croatas nos bairros da Sé e da República, em São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940

76



Fonte: elaborada pela própria autora (2020).

Figura 16 – Gráfico de radar do capital cultural croata nos bairros da Sé e da República, em São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940



Fonte: elaborada pela autora (2020).

O capítulo cinco identificará a localização de todos os empreendimentos e residências croatas dos anos de 1900 até 1940, observando as questões territoriais atuais. Isto é, far-se-á uma transposição do que eram essas localizações na época analisada para a situação atual.

PRESENÇA DOS EMPREENDIMENTOS E DAS RESIDÊNCIAS DOS IMIGRANTES CROATAS NO ANO DE 2020

Este capítulo faz uma síntese utilizando o geoprocessamento e a estatística descritiva – através de representações gráficas, de frequências e de índices de r – dos principais bairros em que viveu a população e em que se instalaram os empreendimentos dos croatas na capital paulista de 1900 até 1950. Depois, foi elaborado o mesmo estudo para identificar onde estavam esses mesmos empreendimentos e residências no ano de 2020.

Ao fazer esse confronto, tanto estatístico como cartográfico, busca-se identificar as principais diferenças que ocorreram, em aproximadamente 70 anos, entre as moradias e os negócios dos imigrantes croatas.

Cluster da localização dos empreendimentos e das residências croatas no ano de 2020

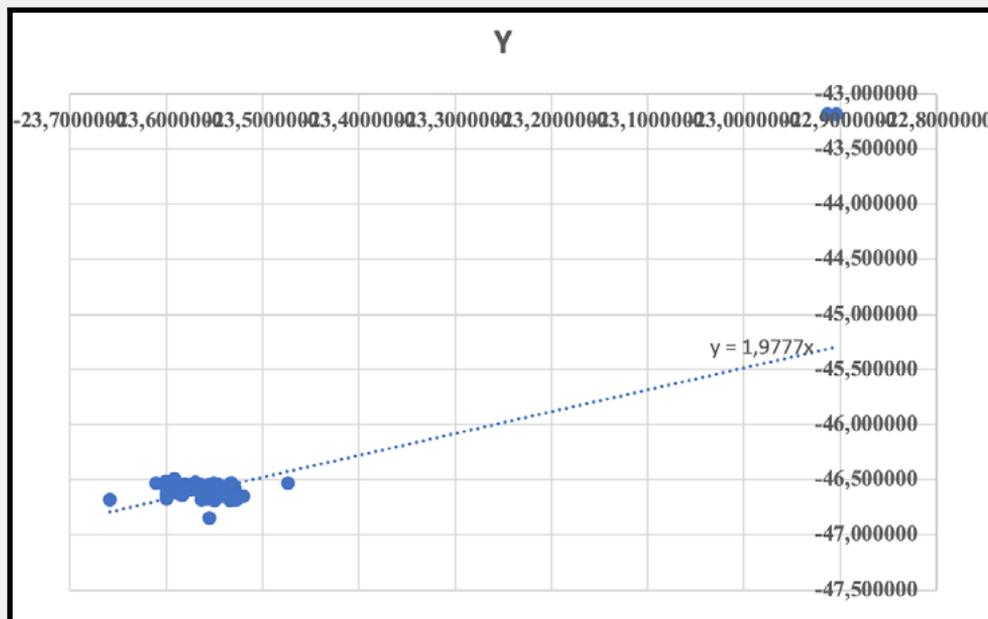
Na Figura 19, apresentada a seguir, foram identificadas 353 residências de croatas e mais cinco localidades onde moraram em São Paulo: Rua Caá-Açu, Rua Cidade de São Simão, Rua Sapucaia, Rua Serra de Jairé e Vila Anete.

Ao calcular o $r = 0,95$ de todas as organizações que os croatas trabalharam, como empregados ou empreendedores, e os locais em que eles moraram, ou que foram relacionados aos seus pontos culturais, tem-se a Figura 19, que mostra a localização dos empreendimentos e das residências croatas por bairros de São Paulo em 2020.

A Figura 17 foi elaborada a partir da Figura 19 e percebe-se uma forte relação na linha de tendência, confirmando o índice de $r = 0,95$, quase próximo de 1, mostrando pouca dispersão de pontos na Figura 17. Isso é reforçado através da Figura 18, que mostra todos os pontos na parte central do gráfico de radar, o que indica a centralidade das atividades da população croata, juntamente com a proximidade em rede, seja física ou geográfica, nas áreas que possuem maior concentração de pontos tanto da Figura 17 como da Figura 18.

É bom esclarecer que há quatro pontos que estão fora do limite da capital de São Paulo, se forem consideradas as limitações dos dias atuais. Esses pontos podem ser verificados tanto nas Figuras 16 e 17, como também na Figura 19. Eles foram mantidos no estudo apenas por um caráter de identificação da população croata, por mais que não façam parte da delimitação do estudo.

Figura 17 – Gráfico de dispersão de todas as organizações e moradias croatas na capital de São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940

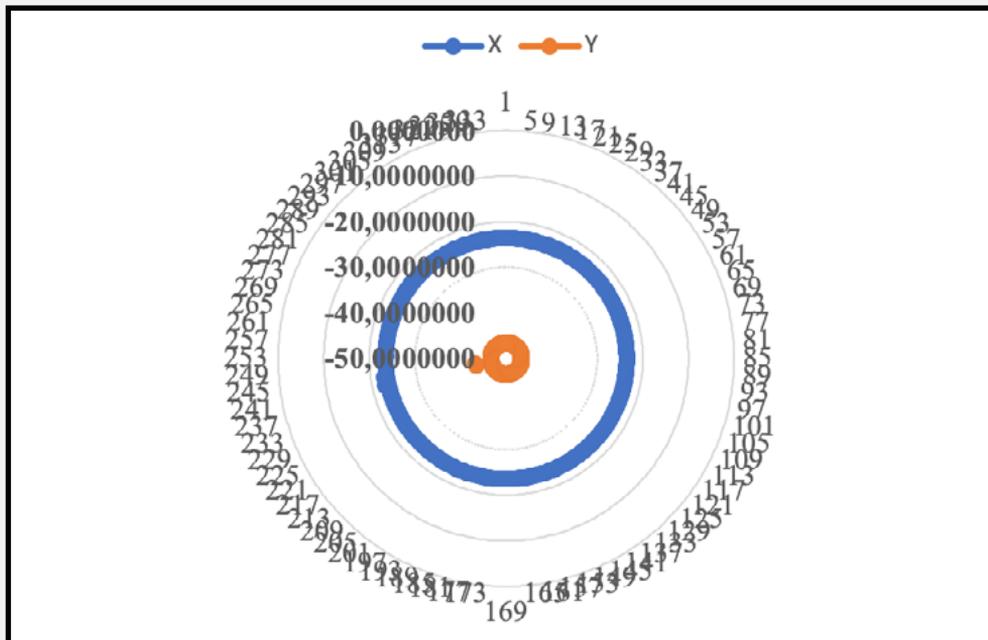


Fonte: elaborada pela autora (2020).

Percebe-se que 25 bairros (Figura 19 e Quadro 5) são responsáveis por 80% das moradias dos croatas e 58 bairros representam 20% das residências (Figura 19).

O Quadro 5 apresenta, em ordem decrescente, os 25 bairros que correspondem a 80% das moradias croatas de 1900 até 1940, a partir da delimitação dos bairros atuais, ou seja, a partir de onde estariam localizadas essas moradias croatas atuais; sendo que não foram levadas em consideração as cinco localidades presentes na Figura 19, porque não foi possível identificar nelas a quantidade de moradores croatas, apenas os locais de sua maior concentração – *cluster*.

Figura 18 – Gráfico de radar de todos as organizações e moradias croatas na capital de São Paulo, entre os anos de 1900 e 1940



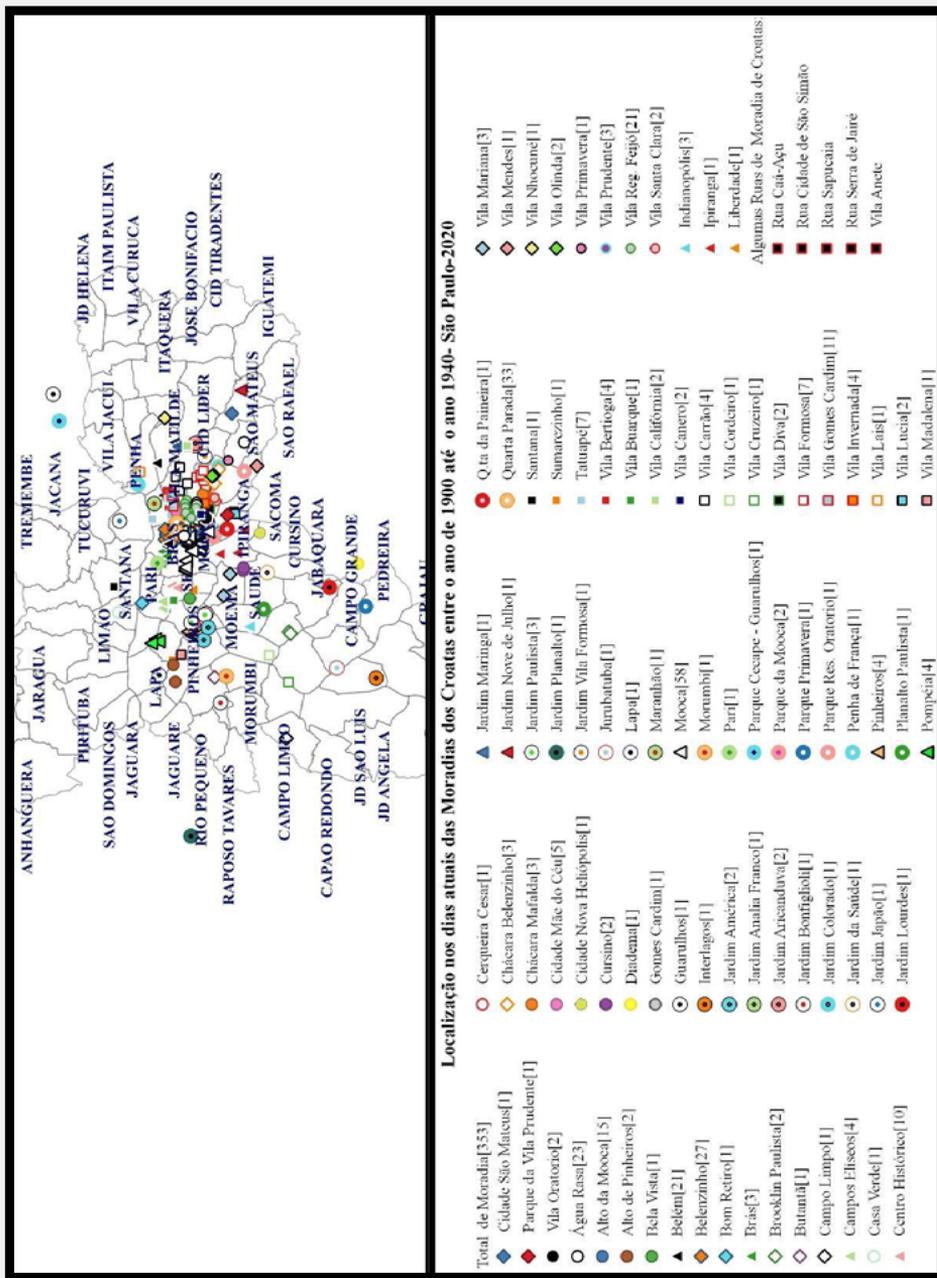
Fonte: elaborada pela autora (2020).

Quadro 5 – Bairros onde estariam 80% das moradias croatas na capital de São Paulo, apresentados em ordem decrescente a partir da definição, entre os anos 1900 e 1940

Numeração	Bairro	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência acumulada relativa (%)
1	Mooca	58	16,43	16,43
2	Quarta Parada	33	9,35	25,78
3	Belenzinho	27	7,65	33,43
4	Água Rasa	23	6,52	39,94
5	Belém	21	5,95	45,89
6	Vila Regi Feijó	21	5,95	51,84
7	Alto da Mooca	15	4,25	56,09
8	Vila Gomes Cardim	11	3,12	59,21
9	Centro Histórico	10	2,83	62,04
10	Tatuapé	7	1,98	64,02
11	Vila Formosa	7	1,98	66,01
12	Cidade Mãe do Céu	5	1,42	67,42
13	Campos Elíseos	4	1,13	68,56
14	Pinheiros	4	1,13	69,69
15	Pompeia	4	1,13	70,82
16	Vila Bertioga	4	1,13	71,95
17	Vila Carrão	4	1,13	73,09
18	Vila Invernada	4	1,13	74,22
19	Brás	3	0,85	75,07
20	Chácara Belenzinho	3	0,85	75,92
21	Chácara Mafalda	3	0,85	76,77
22	Indianópolis	3	0,85	77,62
23	Jardim Paulista	3	0,85	78,47
24	Vila Mariana	3	0,85	79,32
25	Vila Prudente	3	0,85	80,17

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 19 – Localização dos empreendimentos e das residências croatas por bairros, em São Paulo, no ano de 2020



Fonte: elaborada pela autora (2020).

A seguinte Figura 20 representa o que existe hoje nessas localidades, foram identificados 405 locais. O Quadro 6 na coluna denominada Frequência Acumulada Relativa – que corresponde à soma da coluna da frequência relativa de cada linha de forma corrente – mostra, em ordem decrescente e a partir dos dados da Figura 20, no que foram transformados os empreendimentos croatas no ano de 2020. Assim, os dez principais itens correspondem a 82,96%. Também se percebe, através da coluna intitulada Frequência Relativa do Quadro 6, que a maioria dos itens são casas (49,38%), seguida de ruas (13,33%) e complexos de condomínios ou prédios residenciais (12,10%), mostrando a influência do mercado imobiliário e do replanejamento constante da cidade de São Paulo.

84

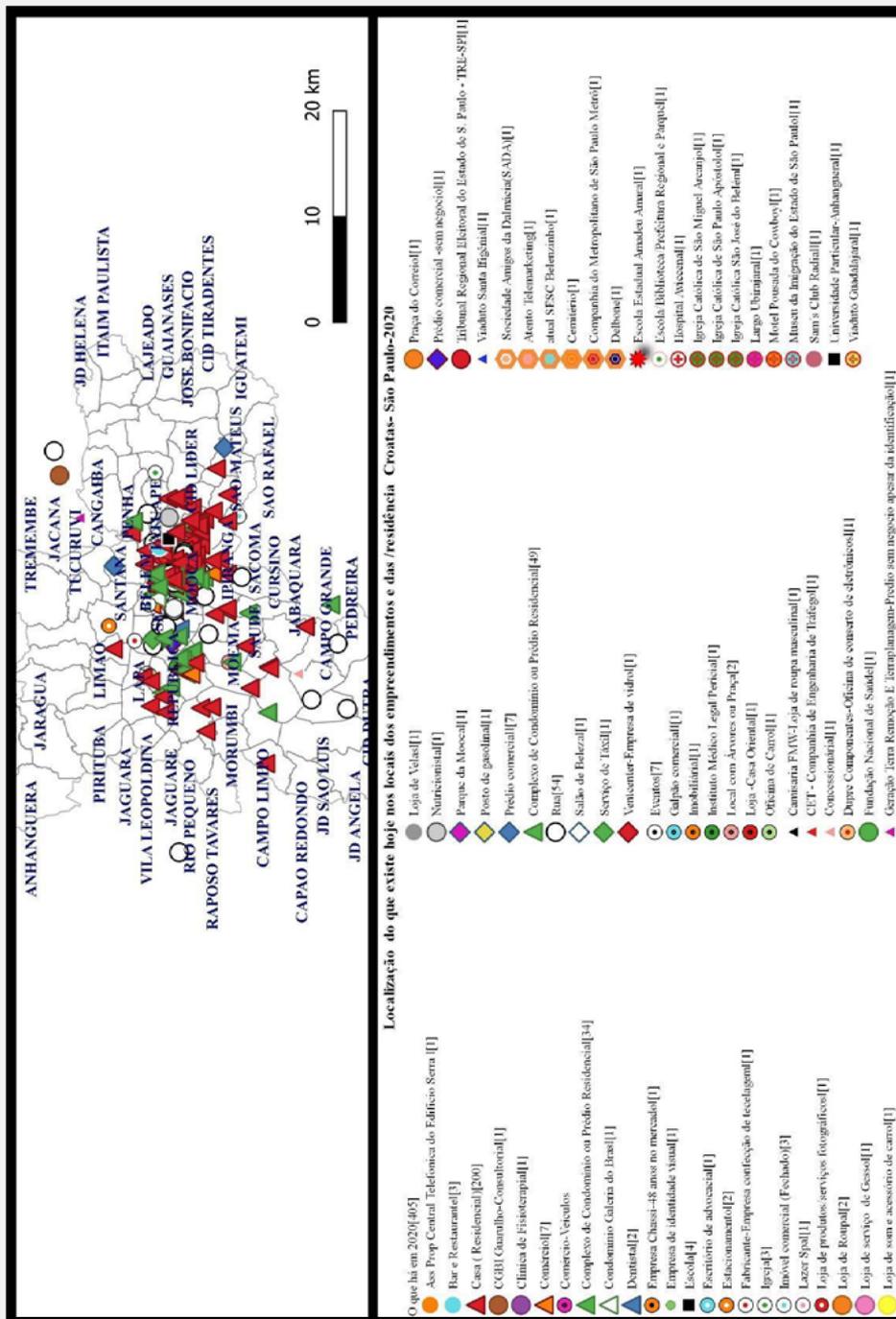
As organizações que não passaram por modificações e conseguiram resistir ao tempo foram as relacionadas ao capital simbólico e cultural desse povo, como a Sociedade Amigos da Dalmácia (SADA), as três Igrejas Católicas, a escola e o cemitério.

Quadro 6 – Ordem decrescente dos dez itens que foram transformados os empreendimentos croatas, em São Paulo, no ano de 2020

Itens	Local	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência acumulada relativa (%)
1	Casa e residência	200	49,38	49,38
2	Rua	54	13,33	62,72
3	Complexo de condomínio ou prédio residencial	49	12,10	74,81
4	Comércio	7	1,73	76,54
5	Eventos	7	1,73	78,27
6	Prédio comercial	7	1,73	80,00
7	Escola	4	0,99	80,99
8	Igreja	3	0,74	81,73
9	Imóvel fechado	3	0,74	82,47
10	Praça ou locais com árvores	2	0,49	82,96

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Figura 20 – Localização do que existe atualmente nos locais que eram residências e empreendimentos croatas entre 1900 e 1940, em São Paulo, no ano de 2020



Fonte: elaborada pela autora (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS IMIGRANTES CROATAS NO BRASIL

Nesta publicação, procuramos mostrar a presença e a inegável ligação da comunidade croata com o tecido social, econômico, político e cultural da capital paulista, assim como já se tem afirmado sobre outros grupos de imigrantes, tais como italianos, portugueses, espanhóis, japoneses e chineses.

A população da Croácia chegou inicialmente com o ciclo do café brasileiro, a abolição da escravidão e as modificações no modo de produzir com a inserção do trabalho assalariado. O país emissor tinha mão de obra de sobra e o país receptor tinha uma alta demanda por mão de obra com conhecimentos agrícolas. Porém, o imigrante croata não permaneceu nessa função e rapidamente se mudou para a capital de São Paulo, onde exerceu atividades no início da industrialização do estado, destacando-se sua influência no bairro da Mooca e do Belenzinho, em especial como mão de obra proletária. Essa mudança significativa no perfil do imigrante foi o impulso para a nossa pesquisa, pois quisemos entender como isso se deu.

Portanto, a partir da década de 20, iniciou-se a vinda maciça dos imigrantes que saíram das fazendas de café, vieram trabalhar em São Paulo e gradualmente começaram a abrir seus empreendimentos ou a trabalhar como profissionais autônomos. Muitas vezes, eram atividades bem técnicas e de alto valor agregado, o que permitia que se instalassem instituições culturais e político-representativas, principalmente nos bairros da Sé e da República, nas proximidades da Biblioteca Central, já que ela foi um *cluster* planejado que promoveu a abertura de vários empreendimentos ao seu redor nesse período, inclusive de outros imigrantes.

Como apresentado anteriormente, usando o coeficiente de Pearson (r) pudemos verificar o grau de aglomeração dos empreendimentos e das residências croatas nos bairros pesquisados durante os períodos estudados. De uma forma geral, tem-se os coeficientes de Pearson (r) relacionados a seguir, demonstrando os graus de concentração do povo croata em cada categoria. Lembrando que quanto mais o índice se aproxima de 1, maior é a sua concentração.

- capital cultural (Mooca e Belenzinho) – $r = 0,19$;
- moradias e pontos culturais (Mooca e Belenzinho) – $r = 0,96$;
- moradores (Mooca e Belenzinho) – $r = 0,98$;
- empreendimentos croatas (Sé e República) – $r = 0,76$;
- empreendimentos e moradia croatas (Sé e República) – $r = 0,98$;
- localização das moradias, pontos culturais e empreendimentos – $r = 0,95$.

Os cinco últimos índices do coeficiente de Pearson (r) citados mostram, por estarem próximos de 1, que os quatro capitais – o social, o cultural, o econômico e o simbólico – estão inter-relacionados e foram necessários para a sinergia e a relação em rede (horizontal ou vertical) dessa população de croatas no Brasil entre os anos de 1900 e 1940, tanto é que os estudos mostram um *cluster* associado à centralidade de suas atividades.

Ao se analisar apenas o capital cultural de forma isolada – nos bairros da Mooca e do Belenzinho – com $r = 0,19$, percebe-se que esse não é um índice forte, por isso a necessidade de associá-lo à moradia, ao emprego e ao empreendedorismo, que são atividades que mantiveram esse povo no Brasil entre 1900 e 1940.

São perceptíveis as diferenças na ocupação e no uso do espaço onde se instalaram os croatas e os outros membros da ex-Iugoslávia nesse período, pois embora inicialmente a região da Sé e da República fosse considerada como o centro cultural e econômico da comunidade, a partir dos anos 30 inicia-se um deslocamento dessa centralidade para a região da Mooca e do Belenzinho, que até então eram mais significativos pelo capital econômico e pelo de moradia.

A partir dos anos 1940, começa a se consolidar uma outra dinâmica de ocupação geográfica dos croatas, o que se deve a dois principais fatores de ordem econômica e político-ideológica. Primeiramente porque, a partir dos anos 1930, desestabiliza-se a organização econômica e política predominante na Primeira República (conhecida como Café com Leite) tanto pela crise de 1929 quanto pela ascensão de Getúlio Vargas ao poder. A industrialização de São Paulo se intensificou e começou a se mover para outras regiões, mas o que afetou mais a comunidade foram as atitudes anti-imigratórias do governo varguista, que colocou o imigrante como incompatível com a ideologia do projeto nacional brasileiro daquela época.

As chamadas Campanhas de Nacionalização dos anos 1930 colocaram uma grande pressão direta sobre os grupos étnicos, que tiveram que sair da mira dos governantes, reforçando-se o processo de ocultamento das suas raízes e da sua organização comunitária. Isso fez com que praticamente todas as instituições culturais e políticas croatas e/ou iugoslavas fossem fechadas, o que representou um corte grande na afirmação de um capital étnico dos croatas, inclusive enquanto empreendedores. A realidade que observamos no período compreendido por este livro mudou radicalmente dos anos 1940 em diante, afetada pelos acontecimentos anteriormente comentados, com a chegada dos “novos imigrantes” cujo perfil econômico e ideológico se diferenciava bastante do tipo de imigrante das primeiras duas fases.

Esse novo imigrante da terceira fase vinha predominantemente como refugiado político e/ou econômico, com uma formação diferente e mais bem preparado para ascender imediatamente no mundo empresarial, conforme conclui Puh (2018a, 2019). Essa situação pós 1940 mereceria uma outra pesquisa detalhada, dando continuidade ao processo de desocultamento que foi imposto sobre a comunidade croata no Brasil.

Além disso, seria interessante estudar outras regiões na cidade de São Paulo, que apresentavam um certo capital cultural, econômico e de moradia, mas que eram marcadas por outras identidades e identificações étnicas, pois havia bairros onde se estabeleciam grupos de imigrantes provindos da Croácia e da região que tinham uma forte ligação ancestral e identitária com a Hungria, o mundo germânico e o eslavo. Uma capacidade mais aguçada de localizar no tempo e no espaço essa complexidade tornaria as análises da história do empreendedorismo paulistano e brasileiro mais capazes de evidenciar o capital humano constituído num país marcado por migrações.

Como constatado, o próprio perfil do imigrante, no período entre 1900 e 1940, mudou de predominantemente pequeno agricultor assalariado para trabalhador assalariado e para empreendedor autônomo. Nesse sentido, a última transformação foi possível justamente com a ajuda da comunidade, o que significa que o empreendedorismo étnico e transnacional foi essencial como estabilizador geográfico do imigrante croata em São Paulo e como propulsor da sua ascensão econômica e da sua mudança de perfil, gerando pequenos empreendedores autônomos que aproveitaram das suas conexões étnicas para conseguirem empregos mais bem pagos e para irem construindo as próprias moradias e instituições.

Porém, como explicamos, a sua atuação (enquanto empreendedor étnico e a partir dos anos 1930) é marcada pelo crescente ocultamento das origens e da identificação que somente a partir de 1945 começa a se restabelecer, mas não sem perdas de capitais, especialmente aqueles culturais e políticos. Isso é o que Puh e Camargo (2020) chamam de “fenômeno de marco-zero”, pois a memória ativa dos empreendimentos croatas e iugoslavos é apagada, algo que o nosso trabalho procurou reavivar.

Por isso, foi necessário tocar parcialmente o período posterior para mostrar que houve uma transmissão parcial da experiência e do capital gerados nos primeiros quarenta anos do século XX, necessários para que fosse iniciada a construção dos dois clubes croatas nos anos 1950: a antiga Sociedade Amigos da Iugoslávia – atual Sociedade Amigos da Dalmácia (SADA) – e a Croatia Sacra Paulistana, que atestam o legado e a história constituída, mas parcialmente esquecida, pela própria comunidade e pelo país de recepção e de emissão. Esse é mais um argumento para que futuramente sejam feitas pesquisas que possam comparar esses dois períodos e trazer novos resultados

e percepções, tornando a comunidade croata mais visível e, assim, melhorando os métodos de georreferenciamento que poderão ajudar a desocultar as contribuições e as presenças de outros grupos étnico-raciais no Brasil.

Hoje a Croácia (ou Hrvatska) é um país na Europa Central que faz fronteira com a Eslovênia, Hungria, Sérvia, Bósnia & Herzegovina e Montenegro; com a Itália faz fronteira marítima pelo Golfo de Trieste, que tem uma forma peculiar, alguns comparam com um pássaro e outros dizem que parece com a letra C, com a perna mais alongada. Ele é banhado pelo Mar Adriático, tem aproximadamente quatro milhões de habitantes em uma área de 56.594 km² e a maior cidade é a capital do país, Zagreb, com pouco mais de um milhão de habitantes. As principais universidades que trabalham com a questão do empreendedorismo e da inovação são Zagreb e Osijek, que buscam integrar e difundir conhecimento entre a universidade, o governo, as empresas e a sociedade.

Atualmente, a maior parte da população dos imigrantes croatas e de seus descendentes se fixaram nas Regiões Sudeste e Sul do Brasil.

A seguir, algumas invenções de cidadãos croatas que promoveram mudanças no Brasil e no mundo no decorrer da história desses países, podemos destacar:

- na pesquisa:
 - estudo das manchas solares (Ruđer Josip Bošković – 1711/1787);
- na cultura:
 - a primeira jornalista croata intelectual, romancista e dramaturga (Marija Jurić Zagorka – 1873/1957);
- na criação de produtos/serviço:
 - como a gravata Europa no século XVII, quando um grupo de soldados croatas usaram lenços amarrados no pescoço, na guerra dos 30 anos, e a partir dessa época a gravata tornou-se um detalhe da moda, aceita pelos franceses e pelo rei Luís XV com o nome de Cravate;
 - como o para quedas, o teleférico, o relógio solar e os moinhos (Faust Vrančić – 1551/1617);

- como a identificação das pessoas mediante suas impressões digitais (Ivan Vučetić – 1858/1925);
- como a garrafa térmica, a escova de dentes rotativa, o detergente de roupa, a lapiseira, a caneta esferográfica e mais 80 invenções usadas no nosso cotidiano (Eduard Slavoljub Penkala – 1871/1922);
- como a lâmpada fluorescente e a bobina Tesla, descobertas por pesquisas na área de campo magnético rotativo, um princípio fundamental na física que está na base de quase todos os dispositivos que usam corrente alternada. Ao todo, foram registradas mais de 700 patentes mundiais de Tesla. Sua visão incluía a exploração da energia solar e do poder do mar; ele previu comunicações interplanetárias e de satélites, patentes também no sistema básico de rádio (Nikola Tesla – 1856/1949);
- como o Vegeta que corresponde a um tempero seco para pratos vegetais (Zlata Bartl – 1920/2008);
- como o medicamento Apaurin. Seu inventor criou vários compostos orgânicos e drogas químicas e é detentor de 88 patentes, além de ter elaborado mais de 150 artigos (Franjo Kajfež – 1936/2004);
- como o antibiótico Sumammed (azitromicina), droga para tratamento de infecções bacterianas (Zrinka Tamburašev – 1921/2003), patenteado pela Pzifer;
- como o Congresso Nacional em Brasília, que teve como construtor Josip Kanyo, a partir da arquitetura de Oscar Niemeyer e do projeto estrutural do engenheiro Joaquim Cardozo;
- como marcas do Itaú, Philco, Hering e BR pelos designers Milan Wollner (pai) e Alexandre Wollner (filho).

A partir da rápida noção das inovações de cidadãos croatas que influenciaram o Brasil e o mundo com suas invenções e atitudes empreendedoras, pode-se dizer que atualmente esse país continua inovando dentro da atual Indústria 4.0, focando em ideias com atributos relacionados à sustentabilidade e à contratação de pessoas de vários países e buscando a multiculturalidade

e a diversidade, como ocorre com os contratos de nômades digitais. (CROATIA FULL OF LIVE, 2021)

O conceito de “nômades digitais”, de uma forma simples, se refere a pessoas que aproveitam a tecnologia para colocar suas atividades profissionais em prática e utilizam equipamentos móveis – por exemplo, celulares, *laptops* e *tablets* – para trabalharem em qualquer lugar de forma remota, desde que estejam conectadas à internet, tendo como foco a harmonia entre o trabalho e a viagem, o que corresponde para muitos a um estilo de vida.

No caso da Croácia, o nômade digital pode ser empregado, ser prestador de serviço para outra empresa ou ter sua própria empresa na área de tecnologia de comunicação, com visto de até um ano sem prorrogação. Seis meses após expiração, a pessoa pode se inscrever novamente. Os familiares podem se juntar ao titular do visto. Além disso, é necessário que o titular comprove que tem pelo menos \$31.000 disponível ao ano. (REPUBLIC OF CROACIA..., 2021)

Em seguida, estão algumas empresas croatas, com suas respectivas áreas de atuação, que buscam a multiculturalidade, o empreendedorismo e a inovação dentro do foco da Indústria 4.0, atrelada à sustentabilidade e ao aprendizado contínuo através de inteligência coletiva:

- Robótica: Doking, Gideon, H2o Robotics e HSTEC.
- Realidade Aumentada e Virtual: Le Game, Delta Reality.
- Internet das coisas: Agrivi.
- *Smart Manufacturing*: Bytelab e Vanado.
- Indústria automobilística em energia limpa: RIMAC com atividades com Hyday e Posche, que tem, em 2020, mais de 800 pontos para recarga de carros elétricos no país.
- *Big Data*: 3topia e Amodo.
- *Startup*: Hipersfera e com vários projetos de *High Tech*.
- Energia renováveis: Soluis.
- Plataforma de comunicações em nuvem para empresas, líder em soluções de telecomunicações: Infobip que, em 2020, tem um valor de mercado de 1 bilhão de dólares e cuida de 2/3 de todo o público de serviço de comunicação de mensagem do mundo.

A Croácia hoje tem o clássico associado ao moderno e também tem destaque para:

- o turismo, a cultura e o patrimônio da humanidade definido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Pode-se destacar por exemplo: o Núcleo Histórico de Split com o Palácio de Diocleciano (1979); o Parque Nacional Plitvice (1979, 2000); a cidade antiga de Dubrovnik (1979, 1994); o Conjunto Episcopal da Basílica Eufrasiana no Centro Histórico de Poreč (1997); a cidade histórica de Trogir (1997); a Catedral de São Tiago de Šibenik (2000); as antigas e primitivas florestas de Faia dos Cárpatos e de outras regiões da Europa (2007, 2011, 2017); a Planície de Stari Grad (2008); os Cemitérios Medievais de Stećci (2016); as Construções Venezianas Defensivas (2017) – sítio transfronteiriço com Itália e Montenegro – e os bosques primitivos (2017).
- as filmagens de filmes devido às suas belas paisagens turísticas, por exemplo *Game of Thrones*, *Mamma Mia 2*, *Star Wars: the Last Jedi*, *McMafia*, entre outros.
- produção de vinho, azeite, queijo e charcutaria.

Diante do exposto, são várias inovações empreendedoras e de conhecimento que podem ser difundidas e compartilhadas de forma colaborativa entre o Brasil e a Croácia, inclusive a partir do surgimento de novos *clusters* que incorporem os capitais sociais, culturais, simbólicos e/ou econômicos e que interliguem os dois países na busca de capital intelectual, visto que as atividades empreendedoras, de inovação e de conhecimento não têm fronteiras diante das modificações tecnológicas.

Outro aspecto é que não há estudos que trabalhem a imigração croata no Brasil dentro de um foco que utilize a história associada a um estudo de estatística descritiva pensando nos quatro capitais – o social, o cultural, o simbólico e econômico – e relacionado a capacidades empreendedoras dos imigrantes croatas em solo brasileiro.

Todos nós podemos empreender e inovar, mesmo que sejamos empregados, empreendedores individuais, empresas de cunho empresarial ou

empresas do Terceiro Setor, o que importa é que atuem na sociedade promovendo mudanças, desconstruindo e reconstruindo os espaços sociais de forma sustentável ao lançar um novo produto, ou redesenhando um processo, ou mesmo colocando uma nova prática nessa dimensão.

Esse novo empreendedor deve aprender e reaprender continuamente, dentro da sua realidade de sobrevivência e das oportunidades existentes, buscando reaproximar a ciência e a sociedade, pois ambas estão inseridas em um contexto social que deve ser sustentável. Assim, a capacidade de ser empreendedor está relacionada a um conjunto de comportamentos e de hábitos que devem ser construídos através de uma inteligência coletiva, o que pressupõe a capacidade de criar e de desenvolver confiança através da atitude, do planejamento e da inovação.

94

A inteligência coletiva e multicultural é importante pois faz com que a capacidade de aprendizado seja mais dinâmica para os objetivos pleiteados e promova uma distribuição de riquezas. Se avaliamos a história dos croatas e dos seus descendentes, percebemos que isso ocorreu no passado – fase da nossa pesquisa – e que está mais acelerado nos dias atuais. Assim, o empreendedorismo e a inovação se complementam e fazem parte da sociedade em qualquer época ou período. Por isso, acreditamos que novos estudos virão para trabalhar outros territórios e outras questões da população croata no Brasil, inclusive considerando períodos distintos.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Sérgio. *A guerra da Iugoslávia: uma década de crises nos Bálcãs*. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

ANTIĆ, Ljubomir. The Economic Causes of Emigration from Croatia in the Period from the 1880's to the First World War. *Povijesne prilike*, Zagreb, n. 14, p. 291-300, 1995.

ANTIĆ, Ljubomir. *Los Croatas y América, Fundación para la Emigración Croata*. Zagreb: [s. n.], 2000.

ARRUDA, Maria A. do N. Empreendedores culturais imigrantes em São Paulo de 1950. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 1, jun. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000100006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-20702005000100006&script=sci_arttext#back18. Acesso em: 18 mar. 2020.

ASSIS, Bruna Aparecida S. de; RUFINONI, Manoela R. As antigas salas de cinema nos bairros do Brás e da Mooca: arquiteturas e espaços de sociabilidade. *Revista Geografia e Pesquisa*, Ourinhos, SP, v. 9, n. 2, p. 58-66, 2015. Disponível em: <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/viewFile/232/133>. Acesso em: 18 mar. 2020.

BARCAUI, Andre; XAVIER, Dennys. A anastomose do empreendedorismo austríaco

com agilidade organizacional. *MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy Law and Economics*, São Paulo, v. 9, p. 1-31, 2021. e-ISSN 2594-9187.

BARRETT, Giles A.; JONES, Trevor P.; MCEVOY, David. Ethnic minority business: theoretical discourse in Britain and North America. *Urban studies*, [s. l.], v. 33, n. 4-5, p. 783-809, 1996.

BÉLEM - História do Bairro de São Paulo. Publicado pelo canal Jeferson Russel. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (26:33 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FvXEAJLyt9w>. Acesso em: 22 mar. 2020.

96

BOURDIEU, Pierre. *The forms of capital Handbook of theory and research for the sociology of education*. New York: Greenwood Press, 1986.

BRÁS - História do Bairro de São Paulo. Publicado pelo canal Jeferson Russel. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (26:04 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ErZ7LDxcjgI>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BRENER, Jaime. *Tragédia na Iugoslávia: guerra e nacionalismo no leste europeu*. São Paulo: Atual, 1993.

BUTLER, John S.; GREENE, Patricia G. Ethnic entrepreneurship: the continuous rebirth of American enterprise. In: SEXTON, Donald L.; SMILOR, Raymond W. (ed.). *The state of the art of entrepreneurship*. Chicago: Upstart, 1997. p. 267-290.

CAMARGO, Katia G. *Croácia: cozinha e memória dálmata*. São Paulo: Escrituras, 2014.

CAMARGO, Katia G. Na terra dos dálmatas: um mapeamento afetivo dos bairros do Belenzinho e da Mooca. *Revista do centro de Pesquisa e Formação*, [s. l.], n. 4, p. 183-193, 2017.

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

CROATIA FULL OF LIVE. [1992-2021]. Disponível em: <https://croatia.hr/en-GB/travel-info/croatia-your-new-office>. Acesso em: 15 maio 2021.

CRUZ, Eduardo P.; FALCÃO, Roberto P. de Q.; BARRETO, Cesar R. Estudo exploratório do empreendedorismo imigrante brasileiro em Pompano Beach e

- Orlando - EUA. *Revista Gestão e Planejamento*, Salvador, v. 18, p. 37-54, jan./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/4238/3093>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- DORO, Norma M. *A imigração iugoslava no Brasil*. 1987. 302 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- DRORI, Israel; HONIG, Benson; WRIGHT, Mike. Transnational entrepreneurship: An emergent field of study. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 33, n. 5, p. 1001-1022, 2009.
- ELLEMERS, Naomi *et al.* Bias in intergroup perceptions: Balancing group identity with social reality. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 23, n. 2, p. 186-198, 1997.
- FAVA, Antônio Roberto. Memórias políticas da velha Mooca. *Jornal da Unicamp*, São Paulo, 16 set. 2002. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2002/unihoje_ju190pag12.html. Acesso em: 6 abr. 2020.
- FRANULOVIC, Alex; PUH, Milan; GAVRANICH, Katia. *Mapeamento do Projeto Memória Dálmata*. [S. l.: s. n.], [2020?]. 1 mapa, color. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1O10sdKwqvpgBt2jBgtb7HjocCED1kgj&ll=-23.570835001399715%2C-46.63191226264474&z=12>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- GAJEVIC, André; PAPALI, Maria Aparecida. Memórias da Imigração Sérvia em São Paulo (1940-1960). In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 12.; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 8., 2008, São José dos Campos. *Anais [...]*. São Paulo: [s. n.], 2008. p. 2.
- GONÇALVES, Paulo César. A hospedaria de imigrantes de São Paulo: um novo espaço para o recrutamento de braços europeus pela economia cafeeira. *REMESSAS*, [s. l.], 2017. Disponível em: <http://www.remessas.cepese.pt/remessas/mod/itsglossary/view.php?id=8&gid=250>. Acesso em: 6 abr. 2020.
- GUIA SP - Praça da República. Publicado pelo canal TV Câmara São Paulo. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (4:07 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5Kk1g_eFAZU. Acesso em: 10 abr. 2020.

HISTÓRIA DO BAIRRO. *Portal da Mooca*, [s. l.], 2017. Disponível em: http://www.portaldamooca.com.br/hist_mooca3.htm. Acesso em: 12 abr. 2020.

KUSSAREV, Rodolfo. *Os esquecidos: arquivos do futebol paulista*. São Paulo: Datatoro, 1930.

LEE, Jennifer. Retail Niche Domination Among African American, Jewish, and Korean Entrepreneurs: competition, coethnic advantage and disadvantage. *American Behavioral Scientist*, [s. l.], v. 42, n. 9, p. 1398-1416, 1999.

LIGHT, Ivan Hubert; GOLD, Steven J. *Ethnic Economies*. New York: Academic Press, 2000.

MATRIZ Paroquial São José do Belém. *Arquidiocese de São Paulo*, São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/regiaobelem/paroquias/paroquia-sao-jose-do-belem/matriz-paroquial-sao-jose-do-belem>. Acesso em: 18 mar. 2020.

MAZZANTE, Fabiana M. *Patrimônio industrial da Mooca: um resgate a memória*. 2019. 134 f. Monografia (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade e Arquitetura, Universidade Plesbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/21106>. Acesso em: 5 jan. 2020.

MISES, Ludwig von. *Ação humana: um tratado de economia*. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2010.

MUSEU IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. História. *Museu da Imigração*, São Paulo, 2020. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/sobre-o-mi/historia>. Acesso em: 6 abr. 2020.

NDOFOR, Hermann A.; PRIEM, Richard L. Immigrant entrepreneurs, the ethnic enclave strategy, and venture performance. *Journal of Management*, v. 37, n. 3, p. 790-818, 2011.

NIZ, Bruno. Conheça a história da Praça da República. *Veja*, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/sao-paulo-do-alto/praca-da-republica-drone>. Acesso em: 6 abr. 2020.

PEREIRA, Aliger dos S. *Clusters de veículo em Salvador: geoprocessamento e gestão de negócio para micro, pequenas e médias empresas (MPMEs)*. Salvador: EDUFBA; EDUNEB, 2019.

- PORTAL DA MOOCA. *História do bairro*. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.portaldamooca.com.br/historia-do-bairro/>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- PORTES, Alejandro. Modes of structural incorporation and present theories of immigration. In: KRITZ, Mary M.; KEELY, Charles B.; TOMASI, Silvano M. (ed.). *Global trends in migration: theory and research on international population movements*. Staten Island, New York: CMS Press, 1981. p. 279-297.
- PORTES, Alejandro; SHAFER, Steven. Revisiting the enclave hypothesis: Miami twenty-five years later. *Research in the Sociology of Organizations*, v. 25, p. 157-190, 2007.
- PORTES, Alejandro; ZHOU, Min. Gaining the upper hand: Economic mobility among immigrant and domestic minorities. *Ethnic and racial studies*, v. 15, n. 4, p. 491-522, 1992.
- PORTES, Alejandro; ZHOU, Min. Transnationalism and development: Mexican and Chinese immigrant organizations in the United States. *Population and Development Review*, v. 38, n. 2, p. 191-220, 2012.
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Dados Abertos*. 2020. Disponível em: http://dados.prefeitura.sp.gov.br/dataset?res_format=SHP. Acesso em: 2 fev. 2020.
- PUH, Milan (org.). *A Croácia no Brasil: histórias de uma imigração*. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2015.
- PUH, Milan (org.). *A Croácia no Brasil até 1918: primeira fase da imigração*. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2017.
- PUH, Milan (org.). *A Croácia no Brasil entre 1918 e 1941: segunda fase da imigração*. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2018a.
- PUH, Milan (org.). *A Croácia no Brasil após 1941: terceira fase da imigração*. São Paulo: Croatia Sacra Paulistana, 2019.
- PUH, Milan. Imigração como relato: experiências de viajantes croatas. *Epígrafe*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 139-172, 2018b. DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v5i5p139-172. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/137853/140759>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- PUH, Milan. Estudos eslavos no brasil: constituição de uma área. *Revista X*, [s. l.], v. 15, n. 6, p. 674-697, 2020. Disponível em: <https://pdfs>.

semanticscholar.org/af77/184e488b894c9fa0a88950139c8c973f4c3a.pdf?_ga=2.123836682.1077638445.1639255989-667177977.1639255989. Acesso em: 1 jul. 2020.

PUH, Milan; CAMARGO, Katia G. “Ver o invisível”: patrimônio da imigração croata em São Paulo. *Revista de Estudo Interdisciplinares*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 24-43, mar./abr. 2020. Disponível em: <https://www.rpssistemas.com.br/ceeinter/ojs/index.php/ceeinter/article/view/69> . Acesso em: 01 jul. 2020.

RELATÓRIO apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo pelo Presidente da Província Barão do Parnahyba. São Paulo, 17 jan. 1887, Imigração.

RELATÓRIO apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo pelo Presidente da Província João Alfredo Corrêa de Oliveira. São Paulo, 15 fev. 1886.

100

REPÚBLICA - História do bairro de São Paulo. Publicado pelo canal de Jeferson Russel. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (26:03 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s4xyXF2gFPE>. Acesso em: 16 abr. 2020.

REPUBLIC OF CROACIA. Temporary stay of digital nomads. *Republic of Croacia*: Ministry of the interior, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://mup.gov.hr/aliens-281621/stay-and-work/temporary-stay-of-digital-nomads/286833>. Acesso em: 15 maio 2021.

RODRIGUES, Carla G.; SCHWANTZ, Josimara W. Buracos negros na formação inicial de professores de matemática. *Bolema*, Rio Claro [SP], v. 30, n. 56, p. 939-953, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/8QcNfGRks698sXcNgF34Syr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 153-174, 2005.

SPEARS, Russell; DOOSJE, Bertjan; ELLEMERS, Naomi. Self-stereotyping in the face of threats to group status and distinctiveness: the role of group identification. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 23, n. 5, p. 538-553, 1997.

TALAN, Nikica. *Croácia-Brasil: relações histórico-culturais*. Zagreb: Društvo hrvatskih književnika, 1998.

TEIXEIRA, Palmira P. A ferrovia São Paulo Railway (SPR) e a industrialização da cidade de São Paulo. *Anuário del CEH*, [s. l.], n. 2-3, p. 125-134, 2003.

VANGELISTA, Chiara. *Os braços da lavoura: imigrantes e caipiras na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)*. São Paulo: Hucitec, 1991.

WALDINGER, Roger; ALDRICH, Howard; WARD, Robin. Opportunities, Group Characteristics and Strategies. *In: WALDINGER, Roger et al. Ethnic Entrepreneurs: immigrant business in industrial societies*. Newbury Park: SAGE Publications, 1990. p. 13-48.

ZAMBON, Sueli Aparecida. *O empreendedorismo e suas características comportamentais: uma análise da percepção da atitude empreendedora em teses publicadas no Brasil de 2007 a 2019*. 2021. 274 f. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2021.

Formato: 18,72 x 25,0 cm

Fontes: Argos, TT Firs

Extensão digital: PDF



ALIGER DOS SANTOS PEREIRA

É graduada em Administração de Empresas pela Universidade Salvador (Unifacs) e em Licenciatura em Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul). Possui mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social pela Universidade Católica do Salvador

(UCSal) e doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano (Unifacs).

Realizou estágio de pós-doutoramento no Programa de Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social pela UCSal e escreveu *Clusters de veículo em Salvador: geoprocessamento e gestão de negócio para micro, pequenas e médias empresas (MPMEs)*, o que favoreceu o uso dessa mesma metodologia para a elaboração deste *e-book*, que utilizou geoprocessamento e estatística descritiva.

Atualmente é docente do departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Campus I) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA-Campus Camaçari).

Participa em dois programas de pós-graduações: o Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC) e o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação (PROFNIT), com ponto focal no IFBA.

Líder do grupo de pesquisa Modelos e Estruturas Organizacionais a Nível Territorial para Ações Sustentáveis (Metas – grupo ligado à UNEB). É editora e responsável pela revista *Scientia*. Foi coordenadora do curso de Administração do Centro Universitário de Salvador (Uniceusa). Coordenou o curso de Turismo e Hotelaria (UNEB). Coordenou a tutoria do curso de Especialização em Gestão Pública – UNEB, Universidade Aberta do Brasil (UAB), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No Ensino a Distância (EAD), atua como professora, tutora e elaboradora de conteúdo.

Suas pesquisas estão relacionadas com o desenvolvimento regional e local, sempre focadas para a gestão sustentável das pequenas e médias empresas, a partir, por exemplo, do uso do *cluster*.

Link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9514806025242255>

Link do seu site: <https://sites.google.com/view/aliger>

Link do canal de Youtube: https://www.youtube.com/channel/UCEOfNpfm71_rn4mZ2otd3pg

Email: aligerpereira@ifba.edu.br

O ineditismo e a relevância desta obra estão no uso do geoprocessamento associado à estatística para mapear a população empreendedora de imigrantes croatas – também chamados de iugoslavos – que viveu desde os finais do século XIX até a década de 1950 em quatro bairros da cidade de São Paulo. No livro, estão conteúdos da área de administração, de empreendedorismo e inovação, e de difusão de conhecimento, a partir da experiência desses imigrantes numa época de transformação das bases econômicas no Brasil, da agricultura para indústria. As poucas obras que existem sobre a imigração croata relatam a história dessa migração e de sua gastronomia, mas não existem produções de outra natureza, especialmente sobre o empreendedorismo desse povo e suas contribuições econômicas, tão importantes quanto a portuguesa, italiana, japonesa, dentre outras.

ISBN 978-65-5630-306-2



9 786556 303062

